



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE



**ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA DESENVOLVIDA NA ÁREA DE
PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS RECIFES DE CORAIS – RN**

Clébia Bezerra da Silva

Natal
2009

Clébia Bezerra da Silva

**ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA DESENVOLVIDA NA ÁREA DE
PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS RECIFES DE CORAIS – RN**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientadora: *Renata Gonçalves Ferreira, Dr^a.*

Orientador: *Ricardo Farias do Amaral, Dr.*

Natal
2009

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Silva, Clébia Bezerra da.

Análise da atividade turística desenvolvida na área de proteção ambiental dos Recifes de Corais – RN / Clébia Bezerra da Silva. – Natal, RN, 2009.

119 p.

Orientadora: Renata Gonçalves Ferreira.

Co-orientador: Ricardo Farias do Amaral.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pro - Reitoria de Pós-Graduação. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA.

1. Turismo – Dissertação. 2. Área de proteção – Dissertação. 3. Imagem – Dissertação. 4. Satisfação – Dissertação. 5. Planejamento – Dissertação. I. Ferreira, Renata Gonçalves. II. Amaral, Ricardo Farias do. III. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. IV. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 379.85(043.3)

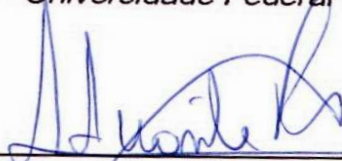
Clébia Bezerra da Silva

**ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA DESENVOLVIDA NA ÁREA DE
PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS RECIFES DE CORAIS – RN**

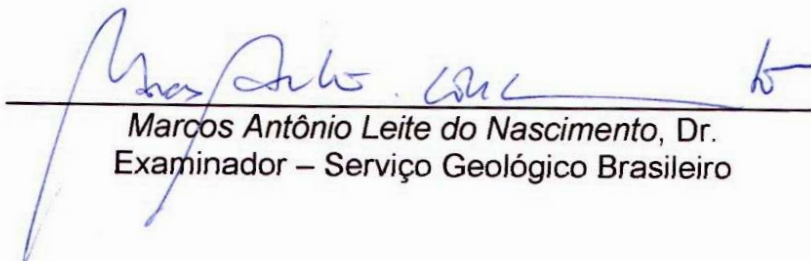
Dissertação de Mestrado apresentada e aprovada em 19 de fevereiro de 2009, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:



Ricardo Farias do Amaral, Dr.
Orientador – Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Daniel Durante Pereira Alves, Dr.
Examinador – Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Marcos Antônio Leite do Nascimento, Dr.
Examinador – Serviço Geológico Brasileiro

AGRADECIMENTOS

Ao professor *Waine Thomas Enders* pela contribuição na análise dos dados e, principalmente, por ter me incentivado a prosseguir na carreira acadêmica.

À comunidade de *Maracajaú* e aos turistas, por terem respondido as entrevistas e os questionários.

À equipe de coleta de dados, *Lindemberg, João Henrique, Adriana e Luciene*, sem os quais eu não teria conseguido aplicar os questionários.

Aos monitores e à secretária do PROMAR, *Anna, Altamir, José Maria, Erenilsom, Wilian, Nego e Estevão Vieira*, pelo apoio logístico.

À Sandra Magalhães e Estevão Vieira, por terem cedido, gentilmente, fotografias do parracho e distrito de Maracajaú.

Aos meus colegas de turma, *Marianne, Elizângela, Alan, Bruno Cleyton, Ana Carla, Alexandre, Patrícia, Ernani, Hugo Alexandre e Taíse*, pela amizade.

Aos donos das empresas de mergulho de Maracajaú, os Srs. *César Sales, Haraldo Porpino, Luis Eduardo e Rafael Exel* e ao mergulhador, *Marcelo Ziggmond*, pelo apoio logístico e pelas informações.

Aos colegas do Laboratório de *Estudos Geoambientais*, em especial a *Iara, Guilherme, Jonas, Ana Beatriz, Eduardo de Lima, Igor e Eduardo Vitarelli*, pelo companheirismo.

Ao estatístico *Josimar Mendes*, pelos cálculos estatísticos da amostra.

À Coordenação e aos Professores do PRODEMA, pelos ensinamentos.

À secretária do PRODEMA, a turismóloga *Lanna Vanessa*, pela amizade e presteza em ajudar a todos nós.

Aos meus colegas da graduação que sempre torceram por mim, *Ana Paula, Luíza Márcia, Adriana, Joelson, Nilo, Lorena e Luluzinha*.

Ao IDEMA, pela disponibilização de documentos e informações.

A *Davide e Andréia Virgínia*, pelas traduções dos questionários.

Ao Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), pelo apoio financeiro.

À minha orientadora, professora *Renata Ferreira Gonçalves*, pela orientação e por ter prezado pela qualidade do trabalho.

Ao meu orientador, professor *Ricardo Farias do Amaral*, pela amizade, orientação, incentivo e apoio incondicional, que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

A todos, ***muito obrigada!!!!***

RESUMO

As unidades de conservação são criadas para proteger a natureza. A maneira como elas se relacionam com as comunidades vizinhas e com seus visitantes é determinante para que seus objetivos sejam atingidos. O presente trabalho analisa a forma como é desenvolvida a atividade turística na Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais (APARC), através da identificação da imagem que moradores do distrito de Maracajaú e os turistas que visitam o parracho de Maracajaú têm com relação a este, como também, através da identificação dos fatores que contribuem para uma visita satisfatória para turistas que fazem o passeio ao referido parracho. Para isso foi realizado um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, com 236 turistas e 70 moradores do distrito de Maracajaú. Os instrumentos de coleta de dados foram o questionário e o formulário pré-codificado de entrevista padronizada. Para análise dos dados foram utilizadas análise descritiva, análise fatorial e análise de conteúdo. Os resultados mostraram que a importância e o significado atribuídos pelos moradores ao parracho estão relacionados a ganhos econômicos. As informações sobre a APARC e sobre suas normas não são feitas de forma eficiente e contribuem para impactar negativamente o local. O perfil dos turistas não é o mais adequado para uma unidade de conservação. As dimensões de satisfação, para os turistas mostram a necessidade de ações a serem desenvolvidas pela administração da APARC. Conclui-se que a imagem que os moradores e turistas têm da APARC não é condizente com a imagem que deve ter uma unidade de conservação. Os turistas mostraram-se satisfeitos com o passeio na APARC, contudo, as dimensões de satisfação encontradas não são condizentes com a conservação do local.

Palavras-chave: Turismo. Área de Proteção Ambiental. Imagem. Satisfação.

ABSTRACT

The protected areas are created for conservation to nature. The way they associate with the communities and visitors are essential to its objectives are achieved. This study aims to analyze how tourism is developed in the. The Recifes dos Corais Protected Area (APARC) through the identification of the image that tourists and residents have with respect to Parracho of Maracajaú and knowledge of the factors that contribute to a satisfactory visit of tourists. For this was an exploratory-descriptive study with quali-quantitative approach, with 236 tourists and 70 residents of the district of Maracajaú, using questionnaires and interviews. Data analysis techniques were used and percentage of arithmetic, factor analysis and content analysis. The results showed that the importance and significance attributed by residents to Parracho related to economic gains. Information on the APARC and on their standards are not done efficiently and contribute to negatively impact the site. The profile of tourists is not the most appropriate for a protected area. The dimensions of satisfaction to the tourists demonstrated the need for actions to be undertaken by the administration of APARC. Conclude that the image that the residents and tourists have of APARC is not conducive to the image of a protected areas. The tourists are satisfied with the tour in APARC, however, the dimensions of satisfaction are not consistent with the conservation of the site.

Key-word: Tourism. Protected Areas. Image. Satisfaction.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

Figura 1 – Localização da APARC	27
Foto 1 – Turistas no parracho de Maracajaú	29
Foto 2 – Pescadores na praia	29
Foto 3 – Pescadores retirando embarcação do mar	29
Foto 4 – Parracho de Maracajaú	29
Foto 5 – Monitor ambiental	29
Foto 6 – Estação de monitoramento ambiental no parracho de Maracajaú.	29
Foto 7 – Sede da APARC - Ecoposto de Maracajaú, vista frontal	30
Foto 8 – Sede da APARC - Ecoposto de Maracajaú, Casa do Pesquisador	30
Foto 9 – Turistas indo para o parracho de Maracajaú (catamarã)	31
Foto 10 – Turistas indo para o parracho de Maracajaú (lança)	31
Foto 11 – Praça de Maracajaú	34
Foto 12 – Campo de futebol em Maracajaú	34
Foto 13 – Rua em processo de pavimentação	35
Foto 14 – Rua do Conjunto São Luiz, próximo às dunas	35
Foto 15 – Rua do Conjunto São Luiz, próximo ao campo	35
Foto 16 – Bar em Maracajaú	35
Foto 17 – Casas na orla	35
Foto 18 – Praia de Maracajaú	35
Foto 19 – Duna em Maracajaú	36
Foto 20 – Lagoa em Maracajaú	36
Foto 21 – Restaurante de um morador de Maracajaú	36
Foto 22 – Propaganda de passeio de jangada feito por pescadores de Maracajaú	36
Foto 23 – Propaganda de passeio de cavalo feito por morador de Maracajaú	36

CAPÍTULO 3

Figura 1 – Localização da APARC	48
---------------------------------------	----

CAPÍTULO 4

Figura 1 – Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais	76
Figura 2 – Parracho de Maracajaú	76
Figura 3 – Distrito de Maracajaú	78

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 2

TABELA 1 – Quantidade de questionários por organização	23
TABELA 2 – Técnicas de análise de dados	27

CAPÍTULO 3

TABELA 1 – Características sócio-demográficas dos moradores	54
TABELA 2 – Características sócio-demográficas dos turistas	56
TABELA 3 – Origem da demanda turística do parracho	57
TABELA 4 – Opinião dos moradores sobre a importância do parracho	58
TABELA 5 – Importância atribuída ao parracho pelos moradores de Maracajaú	59
TABELA 6 – Significado atribuído ao parracho pelos moradores de Maracajaú	60
TABELA 7 – Obtenção das primeiras informações sobre o parracho de Maracajaú	61
TABELA 8 – Meio de obtenção das informações sobre o Parracho de Maracajaú	61
TABELA 9 – Quando o turista fica sabendo que o Parracho faz parte de uma APA	62
TABELA 10 – Motivo da visita a Maracajaú	62
TABELA 11 – Opinião dos turistas sobre a importância de saber que o parracho faz parte de uma APA	636
TABELA 12 – Importância atribuída ao parracho fazer parte de uma APA pelos turistas	64

CAPÍTULO 4

TABELA 1 – Obtenção de informações sobre as normas	80
TABELA 2 – Nível de conhecimento sobre ambientes recifais	80
TABELA 3 – Importância atribuída pelos turistas a itens que proporcionam uma visita satisfatória	81
TABELA 4 – Dimensões de satisfação	85
TABELA 5 – Nível de satisfação dos turistas	86

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 4

Quadro 1 – Quando o turista fica sabendo que o Parracho faz parte de uma APA	87
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I	
1 INTRODUÇÃO GERAL	13
CAPÍTULO II	
2 METODOLOGIA GERAL	21
2.1 Caracterização do Estudo	21
2.2 Abrangência da Pesquisa	22
2.3 Instrumentos de Coleta de Dados	24
2.4 Procedimentos de Coleta de Dados	25
2.5 Análise dos Dados	26
2.6 Área de Estudo	27
2.6.1 Caracterização dos Municípios Adjacentes à Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais	32
Referências	37
CAPÍTULO III	
Imagem da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais - APARC (RN) Vista Pelos Moradores e Turistas	43
Resumo	43
<i>Abstract</i>	43
1 Introdução	44
2 A Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais	47
3 O Turismo na Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais	49
4 Metodologia	50
5 Resultados	53
5.1 Perfil dos Moradores	53
5.2 Perfil dos Turistas	55
5.3 Origem da Demanda	57
5.4 Imagem do parracho de Maracajaú segundo os Moradores	58
5.5 Imagem do parracho de Maracajaú segundo os Turistas	61
6 Conclusões	64
Referências	66

CAPÍTULO IV

Análise da satisfação dos turistas como estratégia para gerenciamento da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais, Nordeste do Brasil

69	69
Resumo	69
1 Introdução	69
1.1 Turismo em Unidades de Conservação	72
2 Metodologia	74
2.1 Área de Estudo	74
2.2 Metodologia do Estudo	78
3 Resultados	80
3.1 Informações sobre a APARC e Conhecimento sobre Ambientes Recifais ...	80
3.2 Atributos Para Visita Satisfatória	81
3.3 Satisfação dos Turistas	83
4 Discussão	86
4.1 Perfil dos Visitantes	86
4.2 Informações sobre a APARC e Conhecimento sobre Ambientes Recifais ...	87
4.3 Satisfação dos Turistas.....	89
5 Conclusão	90
Referências	92

CAPÍTULO V

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

APÊNDICES

Apêndice A – Cálculo do Tamanho da Amostra	101
Apêndice B – Questionário Aplicado aos Turistas - Português	102
Apêndice C – Questionário Aplicado aos Turistas - Italiano	105
Apêndice D – Questionário Aplicado aos Turistas - Espanhol	108
Apêndice E – Roteiro de Entrevista realizada com os empresários de Turismo	111
Apêndice F – Formulário Pré-codificado de Entrevista - Comunidade	112
Apêndice G – Instruções Para a Abordagem dos Turistas nas Empresas	115

ANEXOS

Anexo A – Normas de Formatação da Revista Caderno Virtual de Turismo	117
Anexo B – Normas de Formatação da Revista <i>Tourism Management</i>	118

APRESENTAÇÃO

A dissertação está organizada de acordo com as orientações do PRODEMA, e contém um capítulo referente à Introdução Geral e Referências, seguida de outros dois capítulos (cada capítulo referente a um artigo). Outros dois capítulos foram inseridos (Metodologia Geral e Considerações Finais) com o objetivo de dar mais detalhes e unidade ao trabalho. É uma forma de somar informações ao trabalho, deixá-lo o mais compreensível, enquanto uma dissertação.

A formatação dos capítulos, referentes aos artigos, seguiu as normas das revistas, as quais eles foram ou serão submetidos, apesar disso, tentou-se, dentro do possível, seguir um único estilo para toda a dissertação, sempre no sentido de tornar a dissertação esteticamente agradável ao leitor. A formatação de todas as outras partes da dissertação foi feita com base nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT 2002.

Desta forma, a dissertação está estruturada da seguinte forma: Introdução Geral (capítulo I); Metodologia Geral (capítulo II); Artigo I (capítulo III); Artigo II (capítulo IV) e Considerações Finais (capítulo V).

A Introdução Geral (capítulo I) faz uma breve contextualização do assunto a ser tratado durante toda a dissertação: turismo em unidades de conservação. É feito uma síntese do surgimento das mesmas até o desenvolvimento da atividade turística nestes espaços e suas implicações.

A Metodologia Geral (capítulo II) foi escrita de forma mais detalhada que nas metodologias dos artigos, supõe-se que os leitores das revistas, que os artigos foram ou serão enviados, são especializadas, atinjam um público mais restrito, enquanto esta dissertação será lida por um público mais diversificado.

O Artigo I, *Imagem da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais – APARC (RN) Vista Pelos Moradores e Turistas*, (capítulo III), foi aprovado para publicação na revista Caderno Virtual de Turismo. Foram feitas modificações na tabelas, quando estas passam de uma página para outra, no restante, está como submetido à revista. O artigo trata da forma como a APARC é vista pelos moradores do distrito de Maracajaú e turistas e as implicações dessa imagem.



O Artigo II, *Análise da satisfação dos turistas como estratégia para gerenciamento da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais, Nordeste do Brasil*, (capítulo IV), será submetido à revista *Tourism Management*. Com exceção da ordem das tabelas, quadros e figuras, que devem vir após as Referências, pois se pensou que se colocadas desta forma, na dissertação, seria desagradável para o leitor e, foi ponderado que esta norma será facilmente cumprida quando o artigo for submetido à revista.

Para finalizar o trabalho, foram feitas as Considerações Finais (capítulo V), onde é feito uma reflexão, em conjunto, dos resultados dos dois artigos, por ter sido considerado necessário para o desfecho do trabalho.



CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO GERAL

A criação do excedente fez com que o homem pensasse que dominava a natureza prevalecendo o *ter* sobre o *ser*. Isso aconteceu desde o Modo de Produção Cultural Primitivo da civilização humana, o crescimento dessa exploração impulsionou-se com o surgimento das idéias liberais que pregavam que o homem deveria se desprender de qualquer tradicionalismo, costumes arcaicos, que eram relacionados a terra e à vida rural (CHACON, 2003).

Foi neste momento histórico que o Modo de Produção Feudal deu lugar ao Modo de Produção Capitalista, o qual predomina até os dias atuais. Segundo Chacon (p. 67, 2003):

a crescente urbanização bem como crescimento exorbitante da população, a mudança da noção de distância, e o poderio do mercado em detrimento da sociedade marcam esta época, quando a natureza é transformada em recurso natural e o homem em recurso humano.

O momento histórico em que se inicia a quebra das relações sociais do homem com a terra, onde ele passa a creditar que domina a natureza e de não lhe pertencer, mas de possuí-la, é marcado por revoluções de cunho ecológico, ideológico e econômico: a Revolução Francesa (Iluminismo) e Revolução Industrial (Liberalismo Econômico). Neste momento a razão torna-se soberana e a emoção é vista com um empecilho para a raça humana.

Uma nova mudança vai começar a ocorrer no final do século XX. Emergem tensões entre a realidade social e os desejos da sociedade; “*tensões entre o objeto limitado ao homem e seus produtos e um novo objeto capaz de incorporar toda a dimensão planetária*” (BUARQUE, p.77, 1994). Essas tensões abrem caminho para as redefinições dos processos sociais e uma nova racionalidade.

Dá-se início a questionamentos acerca dos valores que guiam o processo civilizatório de até então, pelos quais a individualização, a competição, a dominação



e exploração dos homens sobre os homens e sobre a natureza tornam-se elementos indispensáveis na formação econômica e social, sendo eles vistos com naturalidade. A natureza passa a ser destruída em prol do progresso econômico. Ocorre a mudança do paradigma cartesiano-newtoniano para uma visão de mundo integradora, sistêmica, conjuntiva, holística-planetária (CHACON, 2003; LEEF, 2001; ROHDE, 1995). O homem busca o equilíbrio com o meio ambiente, um viver digno e ético que promova sua liberdade, a cidadania planetária em uma sociedade planetária (BOOF, 1998; CHACON, 2003; LEIS, 1998).

É neste contexto que a partir da década de 60 se fortificam as discussões sobre a problemática ambiental impulsionadas pelo movimento ambientalista e políticas ambientais. A humanidade começa a perceber os abusos excessivos que são causados à natureza em nome do crescimento econômico.

Nos anos seguintes a esta década, conferências foram realizadas com objetivo de buscar soluções para os problemas ambientais, como a da IUCN, na Venezuela em 1992. As percepções sobre a problemática ambiental modificam-se de forma significativa. Esse é o pano de fundo para a criação de lugares destinados à conservação dos recursos naturais, as unidades de conservação (UCs), vistas como uma das principais maneiras de conservar e preservar o meio ambiente (DHARMARATNE, YEE-SANG, WALLING, 2000; HASSLER, 2005).

No século XIX, as primeiras UCs que foram criadas em diversos países, pertenciam às categorias de Parque e Reserva.

A Lista de Áreas Protegidas das Nações Unidas de 2003 mostra que a extensão da superfície terrestre coberta por áreas protegidas está atualmente em torno de 17,1 milhões de km² (11,5% da superfície terrestre), enquanto que as reservas marinhas correspondem a 1,7 milhões de km² adicionais, o que equivale a menos de 0,5% dos oceanos do planeta (CHAPE et al. 2003). O aumento da quantidade de UCs veio seguido da ampliação da quantidade de categorias de manejo, diversificação das finalidades, objetivos e normas para as áreas protegidas.

A implantação de UCs é uma estratégia de controle do território e de conservação dos patrimônios naturais, uma vez que estabelece limites e dinâmicas de uso e ocupação específicos. O controle e os critérios de uso que normalmente são aplicados a elas, estão, cada vez mais, atribuídos em função da valorização dos recursos naturais nelas existentes ou, ainda, por ser necessário resguardar biomas,



ecossistemas e espécies raras ou ameaçadas de extinção (Medeiros, 2006; Vallejo, 2003).

O afastamento do homem da natureza relegou às UCs (principalmente aos primeiros parques nacionais) a idéia da não interferência do homem, surgindo o mito de lugares paradisíacos que deveriam ser reverenciados pelos homens, sendo esta a forma para proteger a vida selvagem, sem a ação do homem (Diegues, 2002). Entretanto, essa forma de concepção das primeiras UCs foi gradativamente modificada pela inexorável presença da sociedade no espaço que se pretendia proteger.

O discurso do desenvolvimento sustentável foi institucionalizado como solução para a questão dos impasses entre a ocupação humana desses espaços e sua conservação, sendo este discurso considerado um dos aspectos mais polêmicos na administração de UCs (TEIXEIRA, 2005). Todas essas mudanças aconteceram, principalmente, a partir da década de 1980.

Apesar de esses eventos terem contribuído para que as pessoas começassem a pensar mais sobre os problemas ambientais que o planeta está passando, não é evidente a correta percepção dos indivíduos sobre o assunto, principalmente com relação a real dimensão das variáveis ambientais e seus efeitos sobre o ambiente como um todo. Sendo o comportamento dos seres humanos um dos fatores responsáveis por esses problemas, o entendimento de suas percepções e seu comportamento é imprescindível para a proposição de estratégias para solucioná-los (CORRAL-VERDUGO, 2001; FERREIRA, 2004).

As UCs, em geral, e os parques, em particular, ainda são interpretados como entraves ao desenvolvimento e não como espaço de oportunidades que podem contribuir para o desenvolvimento dos locais onde estão inseridas (VALLEJO, 2003). Como exemplo, tem-se os Estados Unidos, onde as 376 áreas protegidas pelo Sistema Nacional de Parques, recebem mais de 270 milhões de visitantes, que geram receita de 10 bilhões de dólares e 200.000 empregos; a Costa Rica, um país 167 vezes menor que o Brasil, conseguiu utilizar adequadamente seu potencial natural e hoje é o destino mais comum para o turista que deseja conhecer uma floresta tropical. Já no Brasil, das 87 unidades federais de conservação, apenas uma é lucrativa, o Parque Nacional de Foz do Iguaçu (BUSCHBACHER, 2000).

No Brasil as áreas naturais protegidas podem ser divididas em dois



grandes grupos: 1) áreas sem limites, definições e dimensões formais estabelecidos, cuja proteção justifica-se pelas suas características territoriais climáticas, biológicas, geográficas e geológicas que tenham importância paisagística ou cultural tendo sua proteção ou conservação expressa por lei, independente de sua localização física (por exemplo: rios, manguezais e restingas) e 2) áreas com limites e definições definidos, estas possuem características ambientais, culturais e ecológicas e são criadas por lei específica e são divididas em: a) unidades de conservação de proteção integral – estação ecológica, reserva biológica, parque nacional, monumento natural, refúgio de vida silvestre e b) unidades de conservação de uso sustentável – área de proteção ambiental, área de relevante interesse ecológico, floresta nacional, reserva extrativista, reserva de fauna, reserva de desenvolvimento sustentável e reserva particular do patrimônio natural.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) trata da criação e gestão das unidades de conservação do Brasil. E, é o manejo, isto é, “todo e qualquer procedimento que vise assegurar a conservação da diversidade biológica e dos ecossistemas” (BRASIL-SNUC, 2000), que vai ser dado ao local que vai fazer com que ele seja classificado em uma dos 12 tipos de UCs existentes. Com relação à área de proteção ambiental (APA), o SNUC (BRASIL-SNUC, 2000) define-a como:

uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

O SNUC (BRASIL-SNUC,2000) em seu Art. 3, inciso XII, tem como objetivo “favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico”. Esse objetivo do SNUC reforça a importância das UCs enquanto espaços turísticos, também.

Independente da nomenclatura utilizada, o turismo com motivação na natureza, que foi inserido dentro dos objetivos das UCs, também surgiu a partir dos debates sobre o desenvolvimento sustentável, no século XX. O termo mais utilizado para se referir a esse tipo de turismo é o ecoturismo. Segundo *The Internacional*



Ecotourism Society (1993), o ecoturismo é uma viagem responsável para áreas naturais que contribua para a conservação do meio ambiente e promova o bem-estar das populações locais. O Instituto Brasileiro de Turismo (1994) define o ecoturismo como sendo:

[...] um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Wood (2002), e outras organizações internacionais, como a *Worldwide Fund for Nature* (WWF), a Organização Mundial do Turismo (OMT) e a *The World Conservation Union/United Nations Environment Programme* (IUCN/UNEP), sugerem que o ecoturismo seja organizado por empreendedores locais ou pequenas empresas e para grupos pequenos de ecoturistas.

Por suas características, o ecoturismo foi um dos segmentos turísticos introduzidos como alternativa ao turismo convencional. Estes segmentos possuem em comum a preocupação em oferecer serviços ecologicamente responsáveis, dentro dos princípios de desenvolvimento sustentável, pois ele possibilita o retorno ao “paraíso” sendo as UCs os principais locais para a sua prática (AOUN, 2003; RODRIGUES, 2003; SALVATI, 2002).

Tendo em vista as possibilidades de um baixo impacto ambiental, o ecoturismo passou a ser visto como solução econômica para as UCs. Entretanto, o prefixo *eco* está sendo utilizado como um selo de comprometimento com as causas ambientais, com um sentido moralizante, fugindo, às vezes, do real comprometimento e sentido do conceito. Apesar de significar uma importante contribuição econômica, há muita discussão e confusão sobre o termo ecoturismo entre operadoras turísticas, consumidores, pesquisadores e outros interessados. As conseqüências que o “ecoturismo” vem trazendo a algumas áreas, contradizem totalmente com o real significado do termo (RODRIGUES, 2003; TAKAHASHI, 1987; YÁZIGI, 1998).

Sabe-se, entretanto, que o turismo contribui para gerar recursos para manter UCs, como também, ele pode ajudar a preservar o meio ambiente e, que os



lucros advindos desta atividade têm maior potencial de chegar às comunidades locais, em comparação com outros setores da economia (*WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL* et al., 2002).

O fato de o ecoturismo ser uma atividade amplamente divulgada através dos meios de comunicação, sempre vinculada à imagem de ação e aventura em áreas naturais, somente contribui para fortalecer uma inadequada relação de ecoturismo como sinônimo de aventura. A divulgação de áreas pouco conhecidas e com características cênicas únicas, sem avaliar as conseqüências negativas provenientes de uma utilização não planejada é algo que merece atenção (TAKAHASHI, 1997). A mesma autora aponta a necessidade de se efetuar trabalhos que incluam o desenvolvimento de pesquisas que permitam conhecer o uso público das UCs e as melhores formas de manejá-las.

Considerando a necessidade de atender a escassez de informações básicas para o adequado manejo das áreas, os maiores desafios dos administradores das UCs têm sido: i) como garantir a conservação da qualidade natural da área e atender as necessidades dos usuários; ii) trabalhar para que as UCs não sejam concebidas como locais isolados do contexto social, cultural e econômico no qual estão inseridas. Assim sendo, o conhecimento da forma como se dá a interação da comunidade com estes locais e a maneira como o turismo é desenvolvido em seus espaços são imprescindíveis para que seus objetivos sejam alcançados, isto é a proteção dos recursos naturais aliada ao desenvolvimento do local (PETROSILLO et. al., 2006; Rec.5.29 da CMP/IUCN¹ apud SCHERL et al., 2006; TAKAHASHI, 1987).

Em princípio, o ecoturista está interessado tanto na natureza quanto na comunidade local, não deve priorizar o luxo dos equipamentos de hospedagem, *souvenir* e lazer, mas sim, o contato com os moradores e com a natureza de forma adequada. Infelizmente, esse tipo de ecoturismo não é praticado no Brasil, podendo isso ser atribuído à falta de planejamento do setor, o que prejudica a imagem do produto ecoturístico brasileiro e, principalmente, acarreta danos aos locais onde a atividade é desenvolvida (COSTA, s.d.; TAKAHASHI, 1997).

De acordo com Salvati (2002), as UCs brasileiras passam por dificuldades devido à falta de recursos humanos e financeiros para sua conservação e visitação

¹ The Conservation Measures Partnership/ International Union for Conservation of Nature



ordenada, criando, assim, um contexto de difícil aplicabilidade das políticas de ecoturismo, uma vez que poucas delas procuram contemplar efetivamente a participação das comunidades em todas as fases do planejamento e nas tomadas de decisões (SALVATI, 2002).

Todas as dificuldades pelas quais passam as UCs parecem se acentuar quando de tratam de unidades de conservação marinhas (UCMs) (SALM; CLARK; SIIRILA, 2002). Esse tipo de UC corresponde a menos de 0,5% das áreas protegidas do planeta (CHAPE et al., 2003). Em muitas desses UCMs são encontrados recifes de corais, que são importante fonte de atração turística e veem passando por graves ameaças (ASAFU-ADJAYE; TAPSUWAN, 2008).

Historicamente, as principais pesquisa sobre UCMs são na área das ciências naturais, entretanto, estudos recentes mostram que fatores sociais associados aos físico e biológicos são determinantes para o sucesso de UCMs (NOAA², 2005).

No Brasil existem nove UCMs que englobam ambientes recifais, onde o turismo é praticado em quase todas elas. Uma destas UCM, a Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais (APARC), está localizada no estado do Rio Grande do Norte. A APARC é um dos pontos turísticos mais visitados do Estado. Praticamente todo o fluxo turístico é direcionado para um dos três parrachos³ existentes, o de Maracajaú.

Estudos foram feitos sobre o meio biótico como os de Feitosa e Bastos (2008), Martinez (2008), Silva (2006) que fizeram a identificação de algumas espécies de animais e vegetais, o estado de preservação dos corais, entre outros. Os estudos feitos pela área de geologia versaram sobre a caracterização geológica da área, como Amaral et al. (2005); Lima (2002). Outros estudos foram feitos sobre o meio social, com enfoque para os efeitos do turismo na comunidade, principalmente, a de Maracajaú, como por exemplo: Cavalcante (1987); Paiva (1997); Ramalho (2007), porém, foi observada a carência de trabalhos que enfocassem a análise da atividade turística que englobasse a comunidade e os turistas.

Visando contribuir para o planejamento do turismo na APARC, o intuito deste estudo é analisar a forma como é desenvolvida a atividade turística na APARC. Os objetivos específicos são: a) identificar a imagem que turistas e

² National Oceanic and Atmospheric Administration - USA

³ Nome dado pelos moradores aos recifes de corais.



moradores têm com relação ao parracho de Maracajaú e b) identificar os fatores que proporcionam uma visita satisfatória aos turistas e saber se eles são condizentes com a conservação da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais.



CAPÍTULO II

2 METODOLOGIA GERAL

A seguir são apresentados os itens que formam a metodologia. O primeiro refere-se ao tipo de estudo realizado. O segundo trata das populações e amostras utilizadas no estudo. O terceiro item refere-se aos instrumentos utilizados na coleta de dados. No quarto item são abordados os procedimentos utilizados na coleta de dados. No quinto e último item são apresentadas as técnicas utilizadas na análise e interpretação dos dados.

2.1 Caracterização do Estudo

Para Gressher (1989) os tipos de pesquisa dependem dos objetivos do estudo em questão e da natureza de seu problema. Assim, de acordo com os objetivos, já explicitados, este trabalho é descritivo porque faz “um levantamento das características conhecidas, componentes do fato/fenômeno/problema” (SANTOS, 2001, p.26). Com base em Dencker (2003) e Oliveira (1997), são estudos estruturados e planejados que exigem profundo conhecimento do problema por parte do pesquisador, sendo que esta pesquisa compreende uma série de técnicas de levantamento de dados como questionários, entrevistas e outros, permitindo identificar as diferentes formas do fenômeno, sua classificação e ordenação.

O estudo é exploratório porque busca a familiarização com o fenômeno, uma outra compreensão, ou seja, uma pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, propõe-se a desenvolver e estabelecer conceitos ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições (VERGARA, 2004; GIL, 1991).

Esta pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa. Essa abordagem apresenta capacidade e limitações distintas. A combinação de ambas contribuiu para que se obtivessem resultados mais completos.

A abordagem qualitativa, segundo Alves-Mazzarotti e Gewandsnajder (1998) apud Dencker (2003), é um guia, uma orientação que indica aonde o pesquisador quer chegar e os caminhos que pretende tomar. Para Yin (2005) este



procedimento metodológico abriga várias técnicas que procuram descrever e traduzir a questão principal, contribuindo para o desenvolvimento do problema, sendo sua característica maior o foco na compreensão dos fatos do que na mensuração do fenômeno; já a quantitativa permite a generalização dos resultados obtidos para o total da população e são indicadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, por se utilizado instrumentos padronizados.

2.2 Abrangência da Pesquisa

Para esta pesquisa a população foi composta por moradores do distrito de Maracajaú e por turistas que fizeram o passeio ao parracho de Maracajaú. De acordo com Marconi e Lakatos (2008) e Morettin (2000), A população é o conjunto do seres que apresentam pelo menos uma característica/variável em comum e observável.

Levando-se em consideração a literatura e as características da população, optou-se por fazer um estudo por amostragem. A amostra é “uma porção ou parcela do universo, convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo” (OLIVEIRA, 1997, p. 160).

Em relação aos turistas, na determinação do tamanho amostral utilizou-se a amostra aleatória estratificada sem reposição com alocação de Neyman. O universo foi dividido conforme critérios de estratificação (quantidade de organizações), repartindo-se o tamanho da amostra em cada estrato, observando-se sua proporção no universo. A escolha dos turistas foi feita de forma aleatória. Foi utilizado de um erro de estimativa de 5% e proporções com o grau de confiança de 95%. Para tanto, foi implementado no Pacote Estatístico R (*software* livre), o qual fornece o tamanho amostral (n), sendo fornecidas as amostras pela margem de erro. O cálculo da amostragem foi feito definindo-se, com base no pré-teste, a proporção amostral de 0,3 (Apêndice A).

O cálculo da amostra foi feito como base na contagem dos turistas que é feita pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA). A amostra foi calculada com base no mês de maior fluxo turístico, janeiro, com os dados referentes ao ano de 2007, que foi de 12.190 turistas pagantes (acima de sete anos de idade) (IDEMA, 2007), sendo desconsiderados os



não pagantes.

A amostra foi calculada para todas as sete organizações simultaneamente, porém, duas empresas não autorizaram a aplicação dos questionários em seu estabelecimento, o que correspondeu à perda de um ponto de aplicação/embarque.

A aplicação aconteceu na empresa A (um ponto de aplicação), nas empresa B e C (um ponto de aplicação) e na empresa D (um ponto de aplicação), esta por sua vez é a empresa que operacionaliza os passeios referentes à cota da Colônia de Pescadores Maracajaú, então este ponto correspondeu por duas organizações.

Os questionários da empresa D foram aplicados pelos seus próprios funcionários (garçons). Estes questionários foram descartados devido a grande quantidade de respostas em branco (TABELA 1).

TABELA 1 – Quantidade de questionários por organização

	Quantidade Calculada	Total Q ^{to} . Calculada (Ponto de Aplicação)	Quantidade Aplicada	Quantidade Utilizada
Empresa A	67,13	67,13	91	86
Empresa B	86,89	127,4	152	150
Empresa C	40,54			
Col. de Pescadores de Maracajaú	28,15	115,55	113	0
Empresa D	87,40			
Total	310,10	310,10	356	236

Fonte: Elaboração Própria.

A amostra para a comunidade de Maracajaú foi determinada por quotas, que segundo Malhotra (2001, p. 307) é:

Uma técnica de amostragem não-probabilística que consiste em uma amostra por julgamento em dois estágios. O primeiro estágio consiste em desenvolver categorias ou quotas de controle de elementos da população. No segundo estágio selecionam-se elementos da amostra com base na conveniência ou julgamento.

As categorias utilizadas foram definidas com base na profissão/ocupação dos moradores de Maracajaú, observando-se também, a distribuição espacial, ou seja, foram feitas entrevistas em vários pontos do distrito. Foram realizadas 70 entrevistas, feitas exclusivamente pela pesquisadora.



2.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados. O primeiro é um questionário estruturado, o qual é respondido pelos entrevistados, sendo indicado para pesquisas quantitativas por dinamizar a coleta de dados. Ele foi empregado para coletar dados sobre os turistas.

As 24 questões do questionário estavam agrupadas da seguinte forma: conhecimento prévio sobre o destino; conhecimento sócio-ambiental sobre o Parracho; satisfação dos turistas e caracterização da amostra (Apêndice B).

Em setembro de 2007 foi feito um pré-teste, onde foram aplicados 12 questionários, para avaliar a qualidade do instrumento e fazer as adaptações necessárias.

O questionário foi traduzido para dois idiomas: Italiano e Espanhol (Apêndices C, e D, respectivamente), pois segundo informações fornecidas pelos empresários, cerca de 30% dos turistas que visitavam o parracho de Maracajaú eram de nacionalidade espanhola, italiana e portuguesa (Apêndice E).

O segundo instrumento foi um formulário pré-codificado para entrevista padronizada, o qual serve para controle das observações (DENCKER, 2003), que foi utilizado para a coleta de dados na comunidade. Ele estava composto por 52 questões, distribuídas da seguinte maneira: conhecimento sócio-ambiental, importância dada ao turismo, relação do turismo com a economia local, uso dado ao parracho e caracterização da amostra (Apêndice F).

Na semana anterior a realização das entrevistas foi feito um pré-teste, sendo realizadas 05 entrevistas. Foi constatada a dificuldade no entendimento das questões estruturadas em escala Lickert. Foram feitos ajustes no formulário para sanar este problema, contudo, quando da realização das entrevistas, em cada uma destas mesmas questões foi descartado um item, devido à dificuldade de compreensão do mesmo. Entretanto, isso não acarretou nenhum transtorno para o desenvolvimento da pesquisa.

Os instrumentos de coleta de dados foram feitos com base nos estudos da Agenda 21 de Maxaranguape (2008); Herring (2006); Lim (1998); Silva e Enders (2006); Stefanello (2006). Quanto à forma, as perguntas foram feitas nas seguintes categorias: abertas, fechadas, semi-abertas e de múltipla escolha (com mostruário, de estimação e de fato). Quanto aos níveis de medidas os tipos de escalas utilizadas



foram: nominal, intervalar, de razão e Lickert⁴.

Durante todo o processo da pesquisa foi realizada a revisão da literatura.

2.4 Procedimentos de Coleta de Dados

É necessário explicar que, apesar de serem seis empresas e a Colônia dos Pescadores de Maracajaú, na prática constituem-se em quatro empresas (alguns são empreendimentos familiares), como não há píer, cada empresa tem seu ponto de embarque de turistas. Cada empresa (levando-se em consideração 4 empresas) dispõe de uma única equipe de funcionários, o que não acarreta em diferenciação no atendimento dos turistas.

Segundo informações dos empresários (Apêndice E) e observações prévias, os locais de aplicação escolhidos foram os restaurantes das empresas, visto que a grande maioria dos turistas, quando volta do passeio almoça nestes restaurantes.

Uma equipe foi treinada (ver material Apêndice G) para realizar a aplicação dos questionários, a qual contou com a colaboração dos monitores ambientais da APARC.

A aplicação dos questionários foi realizada entre os dias 05 e 11 do mês de janeiro de 2008, por ser alta estação e ser o mês que tem o maior fluxo de turistas, sendo o período recomendado pela Organização Mundial do Turismo (2003) para este tipo de levantamento de dados. A aplicação de cada questionário durou em média 10 min.

As entrevistas com a comunidade local foram feitas exclusivamente pela autora, entre os dias 15 e 24 de fevereiro de 2008.

As pessoas foram abordadas em suas casas, lanchonetes, restaurantes, ruas e na praça, em vários lugares de Maracajaú. As entrevistas duraram em média 30 min, tendo entrevistas de mais de uma hora. A entrevista foi considerada concluída quando todos os aspectos previamente definidos haviam sido respondidos ou quando da vontade do entrevistado. A anotação das respostas das entrevistas foi feita de forma literal, para que nenhuma informação fosse perdida, por esse motivo elas foram feitas por apenas uma pessoa. Acredita-se que por elas terem sido transcritas não tenha ocorrido indução de palavras ou respostas.

⁴ É uma escala que quantifica as atitudes dos indivíduos baseada em uma ordem de importância numérica qualificativa (Dencker, 2003).



2.5 Análise e Interpretação dos Dados

As questões semi-abertas, fechadas e de múltipla escolha foram analisadas de forma quantitativa, através de análise descritiva (porcentagem, média, frequência), que compreende a organização, o resumo e a descrição dos dados para serem usados nas discussões de caráter descritivo ou analítico.

A análise multivariada foi utilizada para as questões cujo nível de medição foi feito através de escala Lickert, a técnica utilizada foi a análise fatorial. Esta é, segundo Malhotra (2001, p. 504), “um nome genérico que denota uma classe de processos utilizados essencialmente para redução e sumarização de dados”. As abordagens utilizadas foram: a análise de componentes principais e análise fatorial comum.

A quantidade de fatores extraídos foi determinada com base no Autovalor (fatores com autovalores superiores a 1.0) que representa a medida total da variância associada ao fator e com base na porcentagem da variância total (nível satisfatório = no mínimo 60%) (Malhotra, 2001).

A interpretação dos fatores é feita através das cargas fatoriais, que representam as correlações entre os fatores e as variáveis. Um coeficiente com valor absoluto grande indica que o fator e a variável estão estreitamente relacionados (Malhotra, 2001). Aplicou-se a Rotação Varimax. As cargas fatoriais consideradas foram as acima de 0.40. Os dados foram tabulados e analisados com o software estatístico SPSS[®] 12.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Algumas estatísticas são correlacionadas à análise fatorial, como o teste de esfericidade de Bartlett (testa se há correlação entre as variáveis, pois para que a análise fatorial seja apropriada, as variáveis devem ser correlacionadas); a medida de adequacidade da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (índice usado para avaliar a adequacidade da análise fatorial - valores entre 0,5 e 1,0 = análise fatorial apropriada, valores abaixo 0,5 = análise fatorial inapropriada).

Já para as questões abertas foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo “que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2007, p. 27). Neste estudo foi feita a análise da forma que, “[...] estuda os símbolos empregados, isto é, as palavras ou temas que são, inicialmente, selecionados e, a partir daí, verifica-se a frequência relativa de sua aparição em uma obra ou em diferentes tipos de comunicação” (RICHARDSON, p. 45, 1985).



Na primeira etapa foi feita uma leitura flutuante das respostas e um posterior agrupamento das mesmas conforme seu sentido. Durante a leitura flutuante foram identificadas palavras (símbolos) que se repetiam em várias respostas, como por exemplo, “preservar, meio ambiente, cuidado, renda, sustento e etc”.

Na segunda fase, foi feita a freqüência de todas as palavras de cada questão, em separado, com auxílio de um *software* estatístico, TextSTAT-2. Assim foi possível observar com maior exatidão a quantidade de vezes que cada símbolo (e seus sinônimos) aparecia nas respostas. Tomando-se como base esses símbolos as respostas foram agrupadas.

Na fase final, a terceira, foi feita a análise qualitativa das respostas agrupadas em categorias. Nesta fase, o símbolo foi analisado dentro do contexto da resposta e, com base nesta análise houve respostas que foram mudadas de categoria. Esta análise também permitiu a diminuição das dúvidas no momento de agrupar as respostas, pois havia respostas com mais de um símbolo. Por fim, foi feito o agrupamento final das respostas. A TABELA 2 sintetiza a análise de dados relacionando-a a cada objetivo.

TABELA 2 – Técnicas de análise de dados

Objetivo	Tratamento dos Dados
a) identificar a imagem que turistas e moradores têm com relação ao parracho de Maracajaú.	Análise descritiva usando técnicas de aritmética e de porcentagem Análise de Conteúdo
b) Conhecer aos fatores que contribuem para visita satisfatória dos turistas ao parracho de Maracajaú.	Análise descritiva (técnicas de aritmética e de porcentagem) Análise Fatorial

Fonte: Elaboração Própria.

A interpretação refere-se à atividade intelectual que procurou dar sentido amplo as respostas, isto é, esclarecendo o significado do material relacionando-o a outros conhecimentos (MARCONI, LAKATOS, 2008).

2.6 Área de Estudo

A APARC foi criada através do Decreto estadual nº 1 5.476, de 6 de junho de 2001, sua área é de 32500ha. Ela engloba três parrachos: Cioba, Maracajaú e Rio do Fogo. A qual está localizada na plataforma rasa adjacente aos municípios de Rio do Fogo, Touros e Maxaranguape (Figura 1) (AMARAL, et al., 2005).



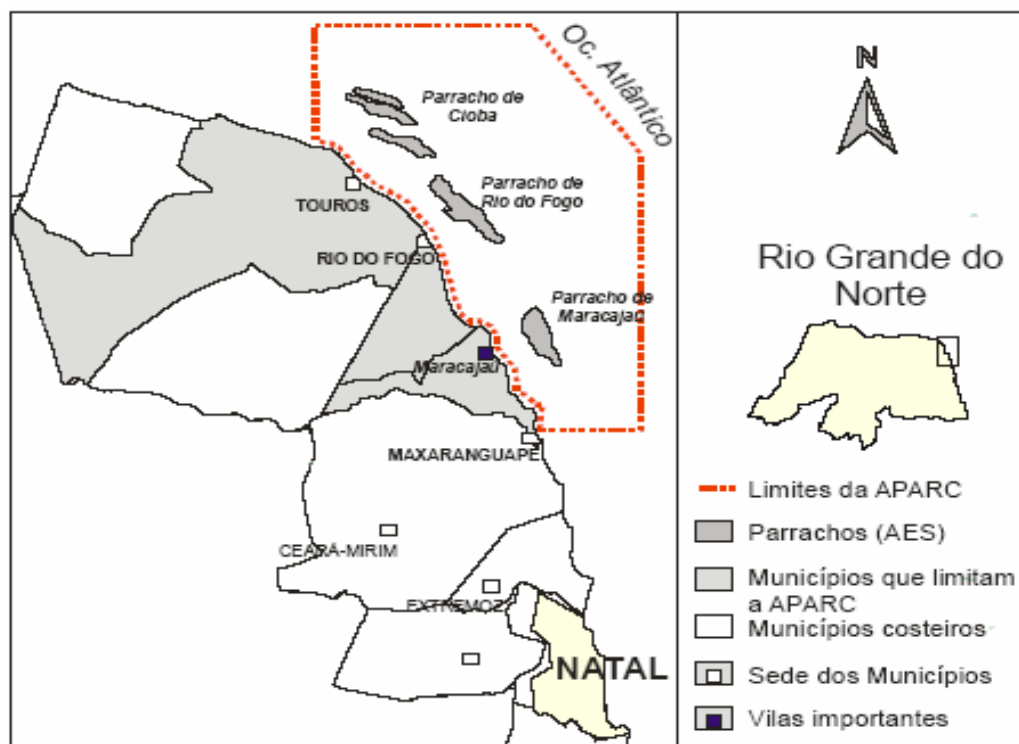


Figura 1 - Localização da APARC. Fonte: Amaral et al., 2005.

Os objetivos de criação da APARC foram: proteger a biodiversidade e a vida marinha presentes na área com ocorrência de recifes de corais e suas adjacências; controlar e normatizar as práticas de ecoturismo comercial, do mergulho e da pesca local; desenvolver na comunidade, nos empreendedores e visitantes uma consciência ecológica e conservacionista sobre o patrimônio natural e os recursos ambientais marinhos; incentivar a utilização de equipamentos de pesca artesanal ecologicamente corretos e incentivar a realização de pesquisas para a identificação e o comportamento dos organismos marinhos visando propiciar um maior conhecimento do ecossistema.

As principais atividades econômicas desenvolvidas na APARC são: o turismo e a pesca artesanal (Fotos 1, 2 e 3). Aquela se concentra quase que totalmente no parracho de Maracajaú (Foto 4), que tem aproximadamente 9km de comprimento e 3km de largura, mais especificamente na Área de Uso Turístico Intensivo (AUTI), que corresponde a um espaço de 540.000km², e localiza-se a 7km da praia de Maracajaú (Amaral et al., 2005). Em seu interior há quatro flutuantes fixos (um é usado no monitoramento turístico), e um móvel. No parracho de Rio do Fogo também são feitas visitas, de forma esporádica, através de uma empresa.





Foto 1 - Turistas no parracho de Maracajaú.
Fonte: IDEMA, 2006.



Foto 2 - Pescadores na praia.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 3 - Pescadores retirando embarcação do mar.
Fonte: PROMAR, 2007.



Foto 4 - Parracho de Maracajaú.
Fonte: Estevão Olavo, 2007.

A APARC dispõe de sete monitores ambientais para fazer o monitoramento da atividade turística apenas no parracho de Maracajaú (Fotos 5 e 6). Estes são moradores do local que foram qualificados para exercer esta função.



Foto 5 - Monitor ambiental.
Fonte: IDEMA, 2006.



Foto 6 - Estação de monitoramento ambiental no parracho de Maracajaú.
Fonte: IDEMA, 2006.



Com exceção dos monitores ambientais, que trabalham exclusivamente na APARC, mas que são terceirizados, a APARC não dispõe de funcionários, e sua sede ainda não foi terminada. Os funcionários que trabalham no IDEMA, no setor de Unidades de Conservação são quem fazem, de Natal, a administração do local, juntamente com o Conselho Gestor.

O Conselho Gestor (CG) da APARC é presidido pelo IDEMA e tem objetivo assessorar a gestão da APARC. O CG é formado por dezessete conselheiros, representantes das seguintes instituições: prefeituras e câmaras municipais de Rio do Fogo, Touros e Maxaranguape; colônias de pescadores de Touros, Rio do Fogo e Maracajaú; Secretaria Estadual de Turismo (SETUR); Gerência Regional do Patrimônio da União (GRPU); Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); representante da atividade de Mergulho Recreacional, Turístico e de Lazer; representante dos Empresários de Turismo; representante da Associação de Moradores das praias do município de Maxaranguape e representante da Secretaria Especial de Agricultura e Pesca (SEAP).

A sede da unidade será no distrito de Maracajaú, em uma área de 400 m², possuirá três módulos. No primeiro, serão acomodados o Conselho Gestor, biblioteca, salão de exposições e de informações; no segundo ficará a Companhia Independente de Proteção Ambiental e no terceiro módulo será a casa do pesquisador (Fotos 7 e 8).



Foto 7 - Sede da APARC - Ecoposto de Maracajaú, vista frontal (em fase de conclusão).
Fonte: Ricardo Amaral, 2008.



Foto 8 - Sede da APARC - Ecoposto de Maracajaú, Casa do Pesquisador (em fase de conclusão).
Fonte: Ricardo Amaral, 2008.



A APARC não dispõe de plano de manejo, entretanto, o CG vem trabalhando no ordenamento do local, com: o número de visitas ao local foi fixado em 109 turistas na alta estação e 81 na baixa; o local para a instalação dos flutuantes; rotas de navegação; tipo adequado de motor das embarcações. Recentemente foi elaborado o Plano de Pesca.

Sete organizações têm autorização para desenvolver a atividade turística no parracho de Maracajaú, entre elas a Colônia de Pescadores de Maracajaú. Esta por sua vez repassa sua cota para uma empresa que já tem uma cota. Outras empresas são de um único dono. Isso faz com que na prática existam quatro pontos de embarque para o parracho.

A recepção dos turistas é feita em restaurantes ou em um parque temático, os quais são de propriedade dos donos das empresas de mergulho. O passeio ocorre durante a maré baixa. Os turistas vão ao parracho de lancha ou catamarã. O passeio dura em media 2h30min, incluindo a ida e a volta ao parracho.



Foto 9 - Turistas indo para o parracho de Maracajaú (catamarã).
Fonte: Ricardo Amaral, 2007.



Foto 10 - Turistas indo para o parracho de Maracajaú (lancha).
Fonte: IDEMA, 2006.

Entre 60 a 70 mil turistas visitam o parracho de Maracajaú por ano (IDEMA, 2006).

Devido à sua estreita ligação com os municípios de Rio do Fogo, Touros Maxaranguape e, mais precisamente, ao distrito de Maracajaú, que pertence a Maxaranguape, pois é o local que está diretamente relacionado à atividade turística desenvolvida na área de proteção, será feita uma breve caracterização dos mesmos para melhor entendimento do ambiente de influência da APARC.



2.6.1 Caracterização dos Municípios Adjacentes à Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais

Touros

Segundo os mais antigos moradores, o nome Touros pode ter vindo da existência de um rochedo situado na praia com as formas de uma cabeça de touro, ou foi dado pelos portugueses numa referência a um grande rebanho de gado existente na região. Foi em terras que outrora pertenciam a Touros que foi fixado um marco da Coroa Portuguesa como sinal de posse das terras brasileiras. Hoje o Marco está no Fortaleza dos Reis Magos, em Natal.

O município de Touros faz parte da zona homogênea de planejamento do Litoral Norte, conta com uma área de 839,35km², equivalente a 1,54% da superfície estadual. O tipo do clima é tropical chuvoso com verão seco (julho a fevereiro) e período chuvoso (março a junho). A população do município de Touros é de 27.879 habitantes, com IDH de 0,594.

Os principais recursos econômicos são: abacaxi (57.500t), coco-da-baía (35.150t) e mandioca (18.00t), pescado (1.759,7t) e rebanho de bovinos. Os principais pontos turísticos são: Praia da Carnaubinha, Praia do Cajueiro, Farol do Calcanhar, O Cruzeiro, Canhões Coloniais, Igreja Matriz, Museu de Touros, Réplica do Marco Colonial, Centro de Turismo, Lagoa do Boqueirão, Praia de Perobas, Praia de São José, Praia de Monte Alegre e Tourinho (IDEMA, 2003a).

Rio do Fogo

O município de Rio do Fogo tem esse nome porque seus primeiros habitantes, quando iam para a pescaria noturna avistavam aparições de um grande círculo de fogo em torno de uma lagoa próxima ao povoado. A partir daí os habitantes passaram a chamar a lagoa de Lagoa do Rio do Fogo e o rio que havia no local, Rio Roxo, passou a se chamar, também, Rio do Fogo.

O crescimento da comunidade deu-se apoiado na pesca como principal atividade econômica. O município também faz parte da zona homogênea de planejamento do Litoral Oriental, sua área representa 0,28% da superfície estadual (150,28km²). O tipo do clima é tropical chuvoso com verão seco e estação chuvosa adiantando-se para o outono. O período chuvoso: março a agosto.



A população de Rio do Fogo é de 9.217 habitantes, com IDH é de 0,598. Os principais recursos econômicos do município são a banana (7t), coco-da-baía (1.500t) e mandioca (1.040t), consta como principal rebanho de bovinos. A produção de pesca é de 1.032,6t. Lagoa de Cutia, Lagoa de Canto Grande, Lagoa Grande, Lagoa do Parracho, Lagoa do Fogo e Rio Punaú são os principais pontos turísticos de Rio do Fogo (IDEMA, 2003b).

Maxaranguape

O município de Maxaranguape teve como fatores importantes para seu crescimento a boa qualidade de suas terras e a pesca farta. O município faz parte da zona homogênea de planejamento do Litoral Oriental. Sua área corresponde a 131,30km², equivalente a 0,25% da superfície estadual.

O clima é o tropical chuvoso com verão seco e estação chuvosa adiantando-se para o outono. O período chuvoso compreende os meses de março a agosto.

Com uma população de 8.001 habitantes, tem IDH de 0,608. Conta com os seguintes recursos econômicos a banana (6.630t), o pescado (860.3t), a mandioca (910t) e o coco-da-baía (620t), há ainda a criação de bovinos. Os pontos turísticos são: Cabo de São Roque, Árvore do Amor e parracho de Maracajaú (IDEMA, 2003c).

Maracajaú

Maracajaú, distrito do município de Maxaranguape. Seu litoral tem forma de enseada, situa-se entre duas penínsulas: a de Caraúbas (após a Ponta dos Anéis) e a de Pititinga (após a Ponta de Santa Rita) e é rodeado por lagoas e dunas. Maracajaú apresenta características mais favoráveis à pesca que a agricultura.

Segundo Cavalcante (1985?), à época da realização de seu trabalho, Maracajaú tinha na pesca a sua principal ocupação, devido esta ser remunerada. Eram pescados peixes, camarão, tartaruga e lagosta, sendo esta para exportação. Destacava-se também, a extração de algas marinhas, feita por mulheres, homens e crianças. Sua extração era realizada no litoral e alto mar, principalmente no verão.

Atualmente, Maracajaú dispõe de uma infra-estrutura mais desenvolvida. Com relação às vias de acesso, foi construída uma estrada que liga o distrito à



BR101, e outras ruas e avenidas foram pavimentadas (algumas se encontram em processo de pavimentação). Há uma empresa de ônibus que faz viagens diárias para Maracajaú.

As escolas já funcionam nos três turnos e é oferecido ensino até a nona série do primeiro grau, o segundo grau é feito na escola da sede do município (os estudantes vão de ônibus disponibilizado pela Prefeitura). Uma fundação, criada por um dos primeiros empresários do setor turístico do local, mantém uma escola, de primeiro grau, a mais bem equipada do local.

A quantidade de equipamentos turísticos é maior em Maracajaú do que na sede do município. A atividade turística é uma das que mais emprega formalmente os moradores locais, em: restaurante, parque aquático, pousadas, bares.

Mesmo com o desenvolvimento da atividade turística, que começou por volta de 1998, a pesca não deixou de ser praticada em Maracajaú. Pode-se dizer que pesca e turismo são as principais atividades econômicas de Maracajaú.

Outras atividades econômicas do local é o comércio, que se comparando com o cenário exposto por Cavalcante (1985?) está bastante desenvolvido. A construção civil (casas de veranistas, condomínios para turistas) também é uma das fontes geradoras de emprego do local.

Abaixo são expostas algumas fotos do distrito de Maracajaú.



Foto 11 - Praça de Maracajaú.
Fonte: PROMAR, 2007.



Foto 12 - Campo de futebol em Maracajaú.
Fonte: PROMAR, 2007.





Foto 13 - Rua em processo de pavimentação.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 14 - Rua do Conjunto São Luiz, próximo às dunas.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 15 - Rua do Conjunto São Luiz, próximo ao campo.
Fonte: Clébia, 2008.



Foto 16 - Comércio em Maracajaú.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 17 - Casas na orla.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 18 - Praia de Maracajaú.
Fonte: Clébia, 2008.





Foto 19 - Duna em Maracajaú.
Fonte: PROMAR, 2007.



Foto 20 - Lagoa em Maracajaú.
Fonte: PROMAR, 2007.



Foto 21 - Restaurante de um morador de Maracajaú.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 22 - Propaganda de passeio de jangada feito por pescadores de Maracajaú.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



Foto 23 - Propaganda de passeio de cavalo feito por morador de Maracajaú.
Fonte: Clébia Silva, 2008.



REFERÊNCIAS

AGENDA 21. **Maxaranguape**: o futuro que nós queremos. Maxaranguape - RN: jan., 2008.

AMARAL, R. F. et al. **Diagnóstico ambiental da área de uso turístico intensivo (AUTI) no Parracho de Maracajaú**. IDEMA-RN, 2005. (Relatório Interno, 128p).

AMARAL, R. F. [Sem título]. fotografias. color., 2007. (acervo particular).

AOUN, S. Paraíso à vista: os jardins do éden oferecidos pelo turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-27.

ASAFU-ADJAYE, J.; TAPSUWAN, S. A contingent valuation study of scuba diving benefits: case study in Mu Ko Similan Marine National Park, Thailand. **Tourism Management**. n. 29, p. 1122–1130, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BOOF, L. **O despertar da água**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL, Decreto-Lei nº 9.985, 7 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, v. 138, p. 01-06, 19 jul., 2000. Seção 1.

BUARQUE, C. O. O pensamento em um mundo terceiro mundo. In: BURSZTYN, M. (Org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUSCHBACHER, R. (Coord.). **500 anos de destruição ambiental no Brasil**: um balanço do meio ambiente. Brasília: WWF Brasil, 2000.

CAVALCANTE, M. G. V. **O impacto produzido pela luz elétrica na população fixa de Maracajaú**. [1985?]. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em)



Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, [1985?].

CHACON, S.S. Reflexões sobre a crise ambiental: uma viagem até suas origens e um encontro com as soluções. **Revista do Centro de Ciências Administrativas**. Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 66-75, ago., 2003.

CHAPE, S. et all. (Ed.). **United Nations list of protected areas**. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK e UNEP-WCMC, Cambridge, UK, 2003.

CORAL-VERDUGO, V. **Comportamiento proambiental**: una introducción al estudio de las conductas protectoras del ambiente. Santa Cruz de Tenerife: Resma, 2001.

COSTA, L. S. **A Banalização do ecoturismo**: conseqüentes impactos de Ibitipoca a Himalaia. Ibitipoca on line. Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em <<http://www.ibitipoca.tur.br/pesquisas>>. Acesso em: 12 abr. 2007.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 7.ed. São Paulo: Futura, 2003.

DHARMARATNE, G.S.; YEE-SANG, F.; WALLING, L. J. Tourism potentials for financing protected areas. **Annals of Tourism Research**. [S.l]: n. 3. v. 27. p. 590-610, jul. 2000.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

FEITOSA, F. A. N.; BASTOS, R. B. Produtividade fitoplanctônica e hidrologia do ecossistema costeiro de Maracajaú – RN. **Arquivo de Ciências do Mar – LABOMAR**. Fortaleza, v.40, n. 2, p. 26 – 36, 2007.

FERREIRA, L. C. Dimensões humanas da biodiversidade: mudanças sociais e conflitos em torno de áreas protegidas no Vale do Ribeira, SP, Brasil. **Ambiente & Sociedade**. v. 7, jan./jul., 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas 1991.

GRESSHER, L. A. **Pesquisa educacional**. São Paulo: Loyola, 1989.



HASSLER, M. L. A importância das unidades de conservação no Brasil. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, p. 79-89, 2005.

HERRING, C. M. **Coral reef valuation and perceptions of the tourism industry in Akumal, Mexico**. Tese de M.Sc. NCSU/USA., North Carolina State, USA, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO (EMBRATUR). **Segmentação do turismo: marcos conceituais** (1994). Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em: 30 set. 2007.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA). **Relatório técnico do monitoramento ambiental e de visitação nos parrachos de Maracajaú**. Natal, 2007.

_____. **Área de preservação Ambiental dos Recifes de Corais**. CD-ROM, 2006.

_____. **Perfil do seu município: Touros**. 2003a. Disponível em: <www.idema.rn.gov.br>. Acesso em: 30 abr. 2007.

_____. **Perfil do seu município: Rio do Fogo**. 2003b. Disponível em: <www.idema.rn.gov.br>. Acesso em: 30 abr. 2007.

_____. **Perfil do seu município: Maxaranguape**. 2003c. Disponível em: <www.idema.rn.gov.br>. Acesso em: 30 abr. 2007.

LEEF, H. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEIS, H. R. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. In: VIOLA, E.J. et al. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: UFSC, 1998.

LIMA, W. S. G. **Geologia e geomorfologia dos recifes de Maracajaú – RN e plataforma rasa adjacente**. 2002. 91f. Dissertação (Mestrado em Geodinâmica e Geofísica) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

LIM, L.C. **Carrying capacity assessment of Pulau Payar Marine Park, Malaysia: bay of Bengal Programme**. FAO: Corporate Document Repository, 1998. Disponível em: <http://www.fao.org>. Acesso em: 21 maio 2007.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3 ed. Porto



Alegre: Bookman, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINEZ, A. S. **Distribuição e abundância da malacofauna epibentônica no parracho de Maracajaú, RN, Brasil**. 2008. 43f. Dissertação (Mestrado em Bioecologia Aquática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

MEDEIROS, R. Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil. **Ambiente & Sociedade**. v. 9, n. 1, jan./jun. 2006.

MORETTIN, Luiz Gonzaga. **Estatística básica**. v. 2. São Paulo: Makron Books, 2000.

NATIONAL OCEANIC AND ATMOSPHERIC ADMINISTRATION. **Social Science for Marine Protected Areas Web site**. 2005. Disponível em: <www.csc.noaa.gov/mpass>. Acesso em: 30 jul. 2007. (versão em pdf).

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 1997

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Turismo internacional**: uma perspectiva global. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAIVA, E. V. **Pensando Maracajaú**: uma cidade vila de pescadores. 1997 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

PETROSILLO, I. et al. Tourist perception of recreational environment and management in a marine protected area. **Landscape and Urban Planning**. v. 79, n. 1, jan., p. 29-37, 2007.

PROMAR - PROGRAMA DE MONITORAMENTO DA ATIVIDADE DE VISITAÇÃO TURÍSTICA NA APA DOS RECIFES DE CORAIS. **Relatório das atividades do curso de capacitação de monitor ambiental local**: Maracajaú/RN. IDEMA/UFRN, 2007. 76f.

RAMALHO, M. J. S. **Turismo**: os impactos sociais causados pela "indústria do turismo" em Maracajaú/RN: a visão da população local. 2007. 72 f. Trabalho de



Conclusão de Curso (Bacharelado em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

ROBRIGUES, A. B. Ecoturismo: limites do eco e da ética. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 28-45.

ROHDE, F. J. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. 3 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

SALM, R.V; CLARK, J.; SIIRILA, E. **Marine and coastal protected areas**: a guide for planners and managers. IUCN: Washington DC, 2000.

SALVATI, S. S. Turismo responsável como instrumento de desenvolvimento e conservação da natureza. In: BORN, R. (Org.). **Diálogos entre a esfera global e local: contribuições de organizações não governamentais e movimentos sociais brasileiros para a sustentabilidade, equidade e democracia planetária**. São Paulo: Peirópolis, 2002.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SCHERL, L. M. et al. **As áreas protegidas podem contribuir para a redução da pobreza? Oportunidades e limitações**. IUCN, Gland e Cambridge, 2006.

SILVA, C.B.; ENDERS, W.T. **Turismo cultural**: identificação de potencial de mercado para produtos regionais em centro cultural em Natal-RN. Monografia de graduação, CCSA/UFRN, Natal, 2006.

STEFANELLO, A. C. **Percepção de riscos naturais**: um estudo dos balneários turísticos Caiobá e Flamingo em Matinhos (PR). Tese de M.Sc., PPG/UFPR., Curitiba: Brasil, 2006.

SILVA, I. B. **Diversidade de macroalgas marinhas bentônicas dos recifes de corais de Maracajaú, Área de Preservação Ambiental dos Recifes de Corais, Rio Grande do Norte, Brasil**. 2006. 58f. Dissertação (Mestrado em Bioecologia Aquática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.



TAKAHASHI, L. Y. **Avaliação da visitação e dos recursos recreativos da Estrada da Graciosa**. Dissertação de Mestrado. UFPR. Curitiba, 1987.

_____. Limite Aceitável de Câmbio (LAC): manejando e monitorando visitantes. In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Curitiba – Paraná. **Anais**. Curitiba: UNILIVRE, 1997. p: 445-464.

TEIXEIRA, C. O desenvolvimento sustentável em unidade de conservação: a “naturalização” do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 20, n. 59, 2005.

THE INTERNACIONAL ECOTOURISM SOCIETY. **Ecotourism guidelines for nature tour operators**. North Bennington, 1993.

VALLEJO, L. R. Unidades de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 77-106, 2003.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIEIRA, E. [Sem título]. fotografia. color., 2007. (acervo particular).

WOOD, E. P. **Ecotourism: principles, practices e policies for sustainability**. Paris: UNEP; Burlington: TIES, 2002.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL et al. **Industry as a partner for sustainable development**. [S.I.], 2002.

YÁZIGI, E. **Turismo: uma esperança condicional**. São Paulo: Plêiade, 1998.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.



CAPÍTULO III

ANÁLISE DA IMAGEM QUE TURISTAS E COMUNIDADE LOCAL TÊM DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DOS RECIFES DE CORAIS - APARC (RN)⁵

Resumo

A criação das unidades de conservação é uma das principais formas de intervenção do governo, visando reduzir as perdas da biodiversidade, entretanto pode ocorrer a desterritorialização de grupamentos sociais. Na Área de Proteção Ambiental Estadual dos Recifes de Corais/RN (APARC), encontra-se o parracho de Maracajaú que é um dos principais pontos turísticos visitado do Estado. Este trabalho objetiva identificar a imagem que turistas e moradores têm com relação ao parracho de Maracajaú, para isso pretende-se a) mostrar a importância dada ao Parracho pela comunidade de Maracajaú; b) mostrar o significado do Parracho para a comunidade de Maracajaú; c) identificar como os turistas obtêm as primeiras informações sobre a APARC e d) saber se para os turistas existe alguma importância em visitar um local que faz parte de uma área de proteção ambiental. A metodologia utilizada foi qualitativa, com a aplicação de questionários e a realização de entrevistas. Os dados foram analisados através de softwares estatísticos bem como técnicas de análise de conteúdo. Os resultados mostram que moradores e turistas têm uma imagem inadequada do local, destacando mais o retorno financeiro que a proteção da biodiversidade.

Palavras-chave: Comunidade Local. Turistas. Turismo. Área de Proteção Ambiental. Imagem.

Abstract

The delimitation of protected areas is one of the main government interventions in order to protect biodiversity loss. However, one of the impacts of this intervention is the desterritorialization of native communities. The Recifes dos Corais Protected Area (APARC), located at Rio Grande do Norte Estate, encompasses the Maracajaú

⁵ Artigo aprovado para publicação na Revista Caderno Virtual de Turismo.



reef, one of the main tourist hot spots of the state. Given the importance of APARC to the protection of the coral reefs and for the tourism, the aim of this research was to identify the image that tourists and native community have regarding Maracajaú reef. It is our aim: a) to show the importance given by the native community to Maracajaú reef, b) to show the subjective meaning attribute by the native community to the Maracajaú reef; c) identify where the tourists obtain the first information about APARC; d) to verify whether it is important for tourists to know that they are visiting a Protected Area. The methodology employed was quali-quantitative, using questionnaires and interviews. Data were analyzed by statistical software and content analyses. Results show that both, tourists and native people have a misleading image regarding the reef, focusing more on financial returns than on protection of biodiversity.

Key-word: Native Community. Tourists. Tourism. Protected Area. Image.

1. Introdução

A criação das unidades de conservação nos dias atuais vem se constituindo numa das principais formas de intervenção do governo, visando reduzir as perdas da biodiversidade face à degradação ambiental imposta pela sociedade. Como reflexo disso, a partir dos anos 60 do século XX, as unidades de conservação (UCs) aumentaram de 5 para 200 milhões de hectares, correspondendo a 13% da área total da terra. Esses espaços ganharam destaque, principalmente na década de 90, devido à globalização dos problemas ambientais e a maior preocupação com os mesmos (UNEP/WCMC⁶, 2005; Dharmaratne Yee-Sang, Walling, 2000).

Entretanto, esse processo vem atrelado a inúmeros conflitos e impactos decorrentes da desterritorialização de grupamentos sociais em várias partes do mundo. Ao mesmo tempo, para consolidação das funções sociais e ambientais relativas às unidades de conservação é necessária a implementação de estratégias políticas e gerenciais por parte dos governos com o propósito de se atingir as metas de ordenamento territorial. Esse esforço de ordenamento envolve múltiplos atores no processo (as comunidades humanas locais, organizações governamentais e não governamentais, usuários e a iniciativa privada). Assim, o ordenamento territorial se

⁶ United Nations Environment Programme- World Conservation Monitoring Centre.



apresenta de forma complexa e é passível de ser conflituoso. A desterritorialização de grupamentos sociais, enquanto impacto negativo da criação das unidades de conservação, só começou a ser considerada de forma mais concreta, a partir dos anos 70 (Vallejo, 2003).

A forma de inserção de comunidades foi discutida do V Congresso Mundial de Parques da IUCN (realizado em Durban em 2003) em torno do conceito conservação em prol do pobre. Roe e Elliot (2003, *apud* Scherl, et al 2006) a definem como sendo “uma conservação atrelada à obtenção da redução da pobreza e objetivos de justiça social”, enquanto Fisher (2003, *apud* Scherl, et al. 2006) a descreve como “a otimização de conservação e benefícios de subsistência, com uma clara ênfase na contribuição para a redução da pobreza”. Por outro lado, Rodrigues (2006), destaca que o aumento do interesse pelas áreas naturais incitou a mercantilização de feições da natureza e da cultura local que, até então, não eram monetizados. É importante destacar, porém, que isso pode ser feito por pessoas de fora (investidores) quanto pela própria comunidade.

As UCs são espaços que também têm objetivos econômicos imbuídos em sua criação, sendo o exemplo de mais destaque o turismo pois, de certa forma, cada vez mais elas vem se tornando espaços turísticos. A criação de UCs traz impactos positivos que podem além do emprego, contribuir efetivamente para o controle do local, o desenvolvimento do sistema de transporte, facilidades recreacionais, e atividades relacionadas ao turismo (Reinius, Fredman, 2007; Butler, 1996; Boo, 1990).

Nos anos 80 surgem vários conceitos de turismo que têm como base a viagem com motivação na natureza, o turismo de natureza e o ecoturismo entre outros. Porém, os gestores das UCs não estavam, e muitos ainda não estão, preparados para planejar, organizar e administrar o turismo. Encontram-se entre o dilema de proteger o meio ambiente e as demandas geradas pelo turismo, visto que esta atividade é, talvez, a principal fonte de recursos para estes lugares e para as comunidades do seu entorno (Ceballos-Lascuráin, 1996; Wallace, 2002).

Eagles, McCool e Haynes (2002), afirmam que a única maneira do turismo em áreas protegidas desenvolva-se de forma harmoniosa é através do direcionamento do desenvolvimento do turismo em longo prazo, respeitando o limite da capacidade de tais lugares, para absorver a pressão dos visitantes e as suas



outras atividades.

O turismo em áreas protegidas representa uma atividade muito importante, para a economia de países, como por exemplo, o Quênia que lucra aproximadamente US\$ 500 milhões por ano com o turismo, correspondendo a 10% do produto nacional bruto. Na África Oriental, a renda gerada pelo turismo em áreas protegidas representa a maior fonte de renda da região. No ano de 1991, a Costa Rica registrou um aumento na atividade turística de 25% em relação aos três anos anteriores e uma renda de US\$ 336 milhões; em Galápagos o número de visitantes em 1975 foi de 7.000 mil, 17.840 em 1985 e de quase 42.000 em 1989 (Western, 2002; PHLC, 1991 apud Wallace, 2002).

Nas Américas Central e do Sul, o turismo gerou impactos ecológicos em algumas unidades de conservação como na ilha de Galápagos (Equador), Reserva de Monteverde Cloudforest e Cahuita National Park (Costa-Rica) e em Ambergris Caye (Belize) (Boo, 1990; Wallace, 2002). No Brasil, a prática do turismo em UCs, como em outras partes do mundo, se intensificou na década de 80. Beni (2003) vê estes espaços como pólos potenciais para o turismo brasileiro. Porém, não só aqui, mas em outras partes do mundo, pode-se observar que as UCs não estão preparadas para receber um número cada vez maior de visitantes, que vem duplicando ou até triplicando a cada ano (Boo, 2002).

A Lei Federal 9.985 de 18 de julho de 2000, conhecida como Lei do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), trata da criação e gestão das Unidades de Conservação do Brasil (o Decreto Federal 4.340 de 22 de Agosto de 2002, regulamenta os artigos da Lei do SNUC e dá outras providências). O SNUC divide as UCs em dois grupos com características específicas: as Unidades de Proteção Integral e as Unidades de Uso Sustentável. É neste último que se enquadram as APAs, que segundo o SNUC, Art. 15, é:

uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

No Estado do Rio Grande do Norte, que tem nos recursos naturais seus



principais atrativos turísticos, encontra-se a Área de Proteção Ambiental Estadual dos Recifes de Corais (APARC). Nela encontra-se o parracho de Maracajaú, que é um dos principais pontos turísticos visitados do Estado.

Por ser uma Unidade de Uso Sustentável, que deve conciliar a conservação do meio ambiente com a utilização dos recursos naturais de forma sustentável, muitas das comunidades que estão próximas a APAs dependem direta ou indiretamente delas. Isso faz com que elas tenham um fluxo considerável de pessoas o que pode ser observado também em Maracajaú, onde as principais fontes de renda do distrito são a pesca artesanal e o turismo desenvolvido no parracho de Maracajaú.

Visto a importância das APAs para o turismo como um todo e a importância da APARC para a conservação do ambiente recifal e para o turismo do Rio Grande do Norte, o objetivo deste estudo é identificar a imagem que turistas e moradores têm com relação ao parracho de Maracajaú, para isso pretende-se a) mostrar a importância dada ao parracho pela comunidade de Maracajaú; b) mostrar o significado do Parracho para a comunidade de Maracajaú c) identificar como os turistas obtêm as primeiras informações sobre a Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais e d) saber se para os turistas existe alguma importância em visitar um local que faz parte de uma área de proteção ambiental.

2. A Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais

A APARC foi criada em 06 de junho de 2001 (Decreto Estadual nº. 15.476, de 06 de Julho). A mesma está localizada na plataforma rasa contígua aos municípios de Rio do Fogo, Touros e Maxaranguape, estes se localizam ao norte da capital do Estado e, formam a área de influência direta da APARC (figura 1).

A APARC tem uma área de aproximadamente 32.500ha, possui três parrachos⁷, a saber: Cioba, Rio do Fogo e Maracajaú (figura 1).

⁷Parracho é o nome dado aos recifes de corais pelos moradores das cidades circunvizinhas a APARC. Ele é caracterizado por altos fundos aproximadamente paralelos à linha de costa com comprimentos da ordem dezenas de quilômetros e larguras com menos de um terço da dimensão do comprimento. Estas feições estão de 3 a 5 km afastadas da costa e nas marés mais baixas apresentam-se parcialmente emersas. São formadas por um substrato rochoso recoberto por organismos bioconstrutores, fauna e flora associada e biodetritos. Correspondem aos "Baixos", na classificação da Diretoria de Hidrografia e Navegação (AMARAL, 2005, p. 156).



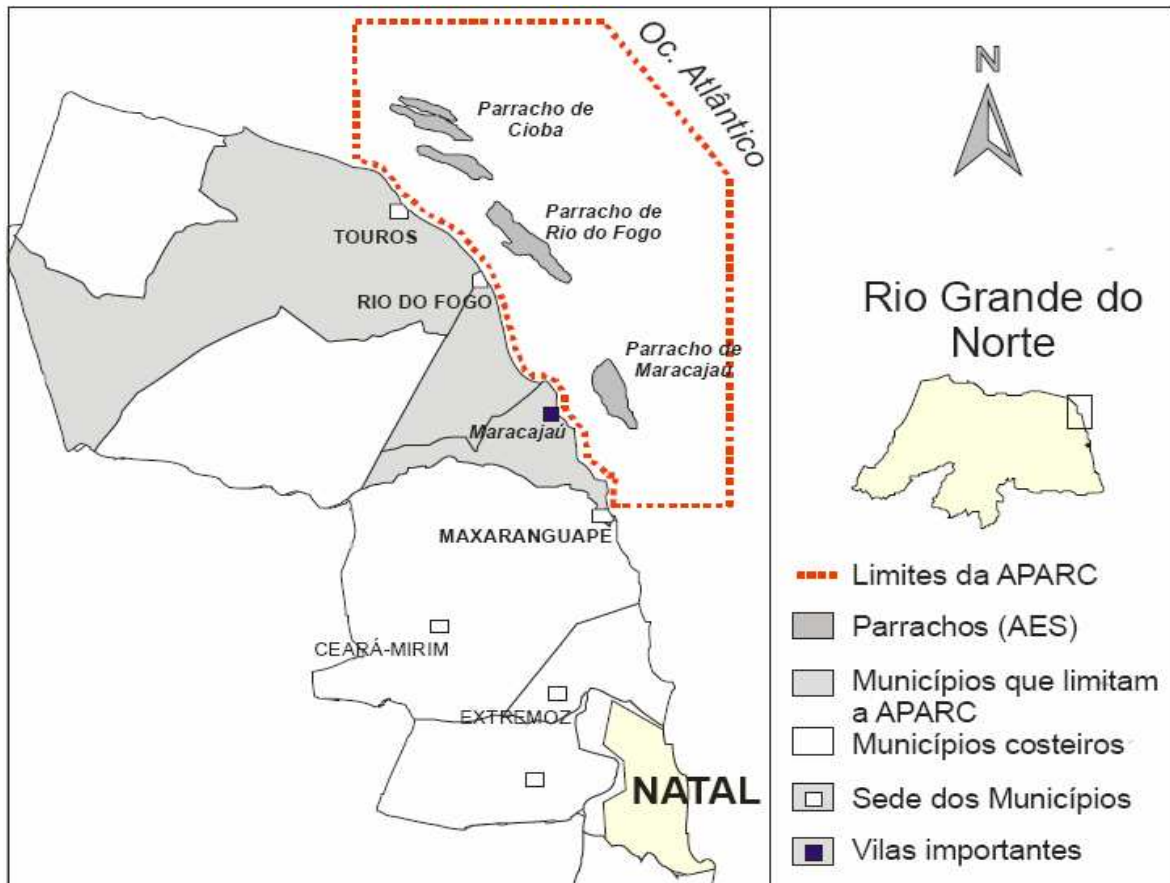


Figura 1 - Localização da APARC. Fonte: Amaral et al., 2005.

Conforme estabelecido pelo SNUC (2000) as APAs devem dispor de conselho gestor o qual deverá ser presidido pelo órgão responsável pela sua administração, no caso da APARC, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA).

O Conselho Gestor da APARC é formado por 17 conselheiros, representantes das seguintes instituições: prefeituras e câmaras municipais de Rio do Fogo, Touros e Maxaranguape; colônias de pescadores de Touros, Rio do Fogo e Maracajá; Secretaria Estadual de Turismo (SETUR); Gerência Regional do Patrimônio da União (GRPU); Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); representante da atividade de Mergulho Recreacional, Turístico e de Lazer; representante dos Empresários de Turismo; representante da Associação de Moradores das praias do município de Maxaranguape e representante da Secretaria Especial de Agricultura e Pesca (SEAP).

As atividades econômicas desenvolvidas na APARC são: o turismo, quase



que totalmente no parracho de Maracajaú e a pesca artesanal desenvolvida por pescadores dos três municípios vizinhos da APARC, os quais têm livre acesso ao local.

Desde a criação da APARC, as principais decisões do Conselho Gestor foram as que estabeleceram as Normas Para Disciplinamento das Atividades Desenvolvidas no Território da APA dos Recifes de Corais (em caráter transitório) e Plano de Gestão da Pesca.

3. O Turismo na Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais

Em dois dos três parrachos existentes na APARC há visitação turística, o parracho de Rio do Fogo e o de Maracajaú. No primeiro, o turismo é desenvolvido por uma única empresa. Como não é feito nenhum tipo de monitoramento ou fiscalização, não há dados sobre a atividade turística desenvolvida no local. Acredita-se que poucos turistas visitam esse Parracho, pois ele não faz parte dos roteiros mais conhecidos do Estado e não é um ponto turístico com expressividade.

O outro parracho é o de Maracajaú, que recebe uma média de 60 a 70 mil visitantes por ano (IDEMA, 2006). Ele tem cerca de 9 km de comprimento e 3km de largura, ficando a 7km da praia. A atividade turística é praticada em uma área denominada de Área de Uso Turístico Intensivo (AUTI) que corresponde a 540.000m² (Amaral, 2005).

Várias pesquisas foram feitas no parracho de Maracajaú, como por exemplo, para a determinação dos locais mais adequados para instalação dos flutuantes e ancoradouro das embarcações (lanchas e catamarã), rotas de navegação, tipo adequado de motor das embarcações, entre outros. Foi neste Parracho, que o mergulho turístico começou a ser desenvolvido mesmo antes da área se tornar uma UC. A atividade turística é monitorada por seis monitores ambientais. Conta com quatro flutuantes instalados, um destes servindo como ponto de apoio para as pesquisas desenvolvidas na APARC e também para o monitoramento da atividade turística. Uma das empresas usa o próprio catamarã como ponto de apoio.

Na alta estação (de novembro a fevereiro e o mês de julho) cada empresa e Colônia podem transportar 109 turistas por dia, já nos outros meses (baixa estação) a quantidade permitida é de 81 turistas por dia. A contagem dos turistas é feita pelos



monitores ambientais. Seis empresas e a Colônia dos Pescadores de Maracajaú têm autorização para desenvolver o mergulho turístico recreativo e de lazer no Parracho. Entretanto, na prática pode-se dizer que são quatro empresas operantes, pois algumas são dos mesmos donos (empresas familiares, administradas pela mesma pessoa) e a cota da Colônia dos Pescadores é repassada para outra empresa que já tem direito a uma cota.

Os donos das empresas de mergulho têm restaurantes, os quais são os locais onde os turistas são recepcionados ao chegarem a Maracajaú, com exceção de duas empresas que funcionam em parceria com um parque temático, sendo a recepção feita por funcionários do próprio parque. No total, são quatro pontos de embarque.

A atividade turística é a única atividade que contribui financeiramente para a manutenção da APA através de duas taxas pagas pelas empresas, uma à prefeitura de Maxaranguape e outra ao IDEMA.

4. Metodologia

A partir dos objetivos e questões de pesquisas, este estudo de ser definido como, descritivo, isto é, “um levantamento das características conhecidas, componentes do fato/fenômeno/problema” (SANTOS, 2001, p. 26). Com base em Dencker (2003) são estudos bem estruturados e planejados que exigem profundo conhecimento do problema por parte do pesquisador, sendo que esta pesquisa compreende uma série de técnicas de levantamento de dados como questionários, entrevistas e outros.

O estudo é exploratório porque busca a familiarização com o fenômeno, entendido por Gil (1991) como a pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Com o intuito de atender aos objetivos propostos foi feita uma pesquisa quali-quantitativa.

O universo da pesquisa é composto por moradores do distrito de Maracajaú e por turistas pagantes que fizeram o passeio ao Parracho. A amostragem para a comunidade foi determinada por conveniência, por não haver dados oficiais a



respeito da quantidade de moradores do local e pela forma de coleta de dados escolhida, a entrevista padronizada, foi dada prioridade à qualidade dos dados e não à quantidade.

Foi definida a quantidade de 70 entrevistas, feitas exclusivamente pela pesquisadora, onde se pretendia atingir vários segmentos da sociedade, tomando como base a profissão/ocupação.

Para o levantamento de dados na comunidade foi escolhida a entrevista padronizada. Neste tipo de coleta de dados, as perguntas e a ordem são pré-estabelecidas, porém o pesquisador tem a liberdade de adequar seu conteúdo à situação ou reação do entrevistado. As perguntas podem ser feitas de forma indireta para se obter a informação desejada. Para isso foi feito um formulário pré-codificado para entrevista padronizada, o qual serve para controle das observações (Dencker, 2003).

As entrevistas foram feitas entre os dias 15 e 24 de fevereiro de 2008. Na semana anterior a realização das entrevistas foi feito um pré-teste com o intuito de avaliar a qualidade do instrumento de pesquisa e fazer as correções necessárias no mesmo.

Para os turistas foi dado um enfoque quantitativo, pois se pretendia trabalhar com uma amostra representativa. A amostragem foi probabilística estratificada que consiste na subdivisão do universo em grupos mutuamente exclusivos, mas que em conjunto incluem todos os elementos no universo. Isso porque são sete organizações que comercializam o passeio ao parracho de Maracajaú.

O cálculo foi feito com base nos dados da contagem de turistas, fornecido pelo órgão estadual responsável pela APA. O cálculo da amostra foi feito com base na quantidade de turistas pagantes que visitaram o Parracho durante o mês de janeiro de 2007, que foi de 12.190 (IDEMA, 2007).

Na determinação do tamanho amostral utilizou-se a amostra aleatória estratificada sem reposição com alocação de Neyman, para proporções com o grau de confiança de 95%. Para tanto, foi implementado no Pacote Estatístico R (*software* livre), o qual fornece o tamanho amostral, sendo fornecidas as amostras pela margem de erro. Para o cálculo da amostra também foi levado em consideração o pré-teste realizado em Setembro de 2007. Desta forma, foram aplicados 326 questionários.



Das sete organizações (seis empresas e a Colônia de Pescadores de Maracajaú), duas não autorizaram a aplicação dos questionários em seus estabelecimentos. Outras duas organizações acharam que se a aplicação dos questionários fosse feita pela equipe de aplicação, isso poderia causar algum tipo de aborrecimento para os turistas, visto que o questionário era aplicado na volta do passeio, antes ou depois do almoço dos mesmos. Os próprios garçons das organizações aplicaram os questionários.

Nas outras três empresas, não ocorreu nenhum contratempo entre turistas e aplicadores, pelo contrário, muito turistas faziam perguntas sobre o Parracho, a pesquisa, sobre Maracajaú, etc.

Embora a aplicação tenha sido feita em cinco empresas, os questionários que foram aplicados pelas próprias organizações foram descartados devido a grande quantidade de respostas em branco que cada questionário apresentava. Desta forma, a quantidade de questionários utilizados foi de 236.

A aplicação dos questionários foi feita entre os dias 05 e 11 de mês de janeiro de 2008, por ser alta estação e ser o mês que tem o maior fluxo de turistas, sendo o período recomendado pela OMT (2003) para este tipo de levantamento de dados.

Os instrumentos de coleta de dados foram feitos com base nos estudos de Lim (1998), Silva e Enders (2006), Stefanello (2006), Herring (2006) e Agenda 21 de Maxaranguape (2008). Quanto à forma, as perguntas foram feitas nas seguintes categorias: abertas, fechadas, semi-abertas e de múltipla escolha (com mostruário, de estimacão e de fato). Quanto aos níveis de medidas os tipos de escalas utilizadas foram: nominal, intervalar, de razão e Lickert.

No que diz respeito aos turistas, as perguntas foram agrupadas da seguinte forma: conhecimento prévio sobre o destino; conhecimento sócio-ambiental sobre o Parracho; satisfação dos turistas e caracterização da amostra, totalizando 24 questões. Já para a comunidade foram agrupadas em: conhecimento sócio-ambiental, importância dada ao turismo, relação do turismo com a economia local, uso dado ao Parracho e caracterização da amostra, totalizando 52 questões.

Os dados obtidos a partir dos instrumentos de pesquisa foram tabulados e analisados de forma quantitativa, quando a questão era fechada, com o *software* estatístico SPSS, usando técnicas de aritmética e de porcentagem. Para as



questões abertas foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo “que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2007, p. 27).

Foi feita uma leitura flutuante das respostas às perguntas abertas, onde as mesmas foram agrupadas conforme seu sentido. Depois, com auxílio de um outro *software* estatístico, o TextSTAT-2, foi feita a freqüência das palavras das respostas abertas, cada questão por vez. As respostas que tinham a palavra específica (ou outras que foram consideradas sinônimas) foram agrupadas. Depois desta divisão com base na palavra de maior freqüência foi feita a análise qualitativa levando em consideração todo o sentido da resposta. Por fim, foi feito o agrupamento final das respostas.

Com relação à anotação das repostas das entrevistas, elas foram transcritas de forma literal, para que nenhuma informação fosse perdida, por esse motivo elas foram feitas por apenas uma pessoa. Acredita-se que por elas terem sido transcritas não tenha ocorrido indução de palavras ou respostas.

5. Resultados

5.1 Perfil dos Moradores

O perfil dos moradores é apresentado na TABELA 1, onde pode ser observado que quanto ao gênero, pouco mais da metade dos moradores entrevistados são do sexo masculino (51,4%) e que 48,6% são do sexo feminino. Com relação ao estado civil dos moradores, 58,6% são casados; 35,7% são solteiros, já os separados/desquitados e viúvos tiveram a mesma porcentagem 2,9%.

Alguns entrevistados não souberam informara a renda familiar mensal (16,2%). Um quarto dos moradores, 25%, afirmou ter renda mensal familiar até R\$ 350; seguido por 17,6% com renda entre R\$ 350 e 700; 20,5% entre R\$ 701 e 1.050. Moradores com renda mensal entre R\$ 1.051 e 1.400 e entre R\$ 1.401 e 1.750 tiveram ambas as porcentagens de 7,4%. A menor parcela dos entrevistados, 5,9%, tem renda mensal acima de R\$ 1.750.

As profissões/ocupações de 19,5% dos entrevistados estão diretamente relacionadas ao setor turístico (instrutor de mergulho, garçom, recepcionista,



cozinheira, supervisor, assistente de serviços gerais, prestador de serviços, etc.), seguida de 16,9% de pescadores e 13% de donas-de-casa. Os comerciantes representam 11,7% do total, seguidos de estudantes e professores, 9,1% para ambos. A soma das porcentagens das outras profissões/ocupações (estudante, professor, aposentado, autônomo, empregada doméstica, atendente, funcionário público, militar, biólogo, pedreiro, líder comunitário e encanador) é igual a 20,8%.

É importante esclarecer que apesar de muitos dos professores entrevistados serem funcionários públicos, eles foram colocados em uma categoria à parte por serem desempenharem papel importante na formação de pessoas. Outro ponto é com relação à frequência total do Nível Educacional, que é de 77 porque existem entrevistados com mais de uma profissão/ocupação.

O nível educacional dos entrevistados está distribuído da seguinte forma: entrevistados com curso superior completo e incompleto representam 7% e 5%, respectivamente; a porcentagem de pessoas com segundo grau completo e incompleto é de 11,1 % e 17,5%, respectivamente. Uma quantidade relativamente pequena de entrevistados (9,5%) tem o ensino fundamental completo. Pouco mais de metade (50,8%) não tem o ensino fundamental incompleto ou não é alfabetizada.

No tocante a religião dos moradores de Maracajaú, a grande maioria é Católica, 80%, seguida por Protestantes, 10,8% e os sem religião com 7,7%.

TABELA 1 – Características sócio-demográficas dos moradores

		<i>f</i>	%
Gênero	Masculino	36	51,4
	Feminino	34	48,6
Total		70	100,0
Estado Civil	Casado	41	58,6
	Solteiro	25	35,7
	Separado/desquitado	2	2,9
	Viúvo	2	2,9
Total		70	100,0
Renda Familiar	Não sabe	11	16,2
	Até R\$ 350	17	25
	Entre R\$ 350 e 700	12	17,7
	Entre R\$ 701 e 1.050	14	20,5
	Entre R\$ 1.051 e 1.400	5	7,3
	Entre R\$1.401 e 1.750	5	7,4
	Acima de R\$ 1.750	4	5,9
Total		68	100,0



TABELA 1 – Características sócio-demográficas dos moradores (cont.)

Profissão/Ocupação	Trabalhador do setor turístico	15	19,5
	Pescador	13	16,9
	Dona-de-casa	10	13,0
	Comerciante	9	11,7
	Estudante	7	9,1
	Professor	7	9,1
	Outros	16	20,7
Total		77	100,0
Nível Educacional	Superior completo	4	6,3
	Superior incompleto	3	4,8
	Médio completo	7	11,1
	Médio incompleto	11	17,5
	Fundamental completo	6	9,5
	Fundamental incompleto	29	46,0
	Não alfabetizado	3	4,8
Total		63	100,0
Religião	Católica	52	80,0
	Protestante	7	10,8
	Sem religião	5	7,7
	Outra	1	1,5
Total		65	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

A média de idade dos moradores é de 28 anos. O morador de menor idade tinha 16 anos e o de maior 92 anos. O desvio padrão para este parâmetro é de 14,912.

5.2 Perfil dos Turistas

O perfil dos turistas está ilustrado na TABELA 2, na qual pode ser observada a houve equilíbrio de gênero entre os turistas, 51,7% e 48,3% eram do sexo feminino e masculino, respectivamente.

Pouco mais da metade (52,2%) dos turistas são casados, ao passo que 43,5% são solteiros, os separados/desquitados e viúvos correspondem respectivamente a 3% e 1,3% do total.

A faixa de renda mensal que obteve a maior porcentagem (26,7%) foi a de renda acima de R\$ 10.000,00, seguida pela faixa entre R\$ 4.001,00 e R\$ 6.000,00 (18,8%); entre R\$ 2.001,00 e 4.000,00 (16,8%); entre R\$ 6.001,00 e 8.000,00 (15,3%) e entre R\$ 8.001,00 e 10.000,00 (11,9) e a que obteve a menor porcentagem a que é referente a turistas que têm renda familiar mensal de até R\$ 2.000,00 (10,4%).



A maior parte dos turistas entrevistados é profissional liberal, com 33,9% das respostas, seguida de estudante com 21%, funcionário público (18,3%), autônomo (8,9%) e aposentado/pensionista (1,3%).

Mais da metade dos turistas (60,4%) tem ensino superior completo. A segunda maior porcentagem é de turistas com ensino superior incompleto (19,4%), seguidas de 4% com ensino médio completo, 10,1% com ensino médio incompleto. A porcentagem para ensino fundamental completo e incompleto foi de 4% e 2,2%, respectivamente.

A religião Católica é a de 72,4% dos turistas, os protestantes representam 10,3% do total, os espíritas são menos de 9%. Foram observadas as seguintes porcentagens de 7,3% e 1,7%, referente aos sem religião e a outra religião, respectivamente.

TABELA 2 – Características sócio-demográficas dos turistas

		f	%
Gênero	Feminino	122	51,7
	Masculino	114	48,3
Total		236	100,0
Estado Civil	Casado	121	52,2
	Solteiro	101	43,5
	Separado/desquitado	7	3,0
	Viúvo	3	1,3
Total		232	100,0
Renda Familiar	Até R\$ 2.000	21	10,4
	Até R\$ 2.001 e 4.000	34	16,8
	Até R\$ 4.001 e 6.000	38	18,8
	Até R\$ 6.001 e 8.000	31	15,3
	Até R\$ 8.001 e 10.000	24	11,9
	Acima de 10.000	54	26,7
Total		202	100,0
Profissão/Ocupação	Profissional liberal	76	33,9
	Funcionário público	41	18,3
	Autônomo	20	8,9
	Aposentado/pensionista	3	1,3
	Estudante	47	21,0
	Outra	37	16,5
Total		224	100,0
Nível Educacional	Superior completo	137	60,4
	Superior incompleto	44	19,4%
	Médio completo	9	4,0
	Médio incompleto	23	10,1
	Fundamental completo	9	4,0
	Fundamental incompleto	5	2,2
Total		227	100,0



TABELA 2 – Características sócio-demográficas dos turistas (cont.)

Religião	Católica	168	72,4
	Protestante	24	10,3
	Espírita	19	8,2
	Sem Religião	17	7,3
	Outra	4	1,7
Total		232	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Os turistas têm em média 30 anos. A menor idade foi de 11 anos, esta idade é encontrada porque os turistas que tinham filhos, com esta faixa de idade, deixavam as questões referentes às características do respondente para o filho ou filha responder. Visto o questionário foi respondido por alguém de idade acima de 16 anos, a idade considerada como mínima para que o turista respondesse o questionário, eles não foram descartados (apenas 9 pessoas apresentaram idade entre 11 e 15 anos, correspondendo a 4,7% do total de respondentes). A idade máxima encontrada foi de 60 anos. O desvio padrão para este parâmetro foi de 10,8.

5.3 Origem da Demanda Turística

As capitais e suas zonas metropolitanas são a origem de 70,9% dos turistas, sendo o restante dos turistas oriundos de cidades interioranas (29,1%). Estas cidades estão localizadas, principalmente, na região Sudeste (59,8%), seguida da Centro-Oeste (15,3%); as regiões Nordeste e Sul obtiveram a mesma média (12,3%) e por último, a Norte com 0,5%. A origem da demanda é fundamentalmente brasileira (90,7%), apenas 9,3% corresponde à demanda internacional (TABELA 3).

TABELA 3 – Origem da demanda turística do parracho

		<i>f</i>	%
Cidade	Capital e sua zona metropolitana	146	70,9
	Interior	60	29,1
Total		206	100,0
Região	Sudeste	122	59,8
	Centro-Oeste	31	15,3
	Nordeste	24	12,3
	Sul	24	12,3
	Norte	1	0,5
Total		204	100,0
País	Brasil	214	90,7
	Argentina	11	4,7
	Portugal	7	3,0



TABELA 3 – Origem da demanda turística do parracho (cont.)

País	Itália	2	0,8
	Inglaterra	2	0,8
Total		236	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

5.4 Imagem do Parracho de Maracajaú segundo os moradores

Os moradores consideram o Parracho importante (98,6%), com exceção de uma pessoa, TABELA 4.

TABELA 4 – Opinião dos moradores sobre a importância do parracho

Opinião	f	%
1 – É importante	69	98,6
2 – Não é importante	1	1,4
Total	70	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Quando perguntados o porquê da importância do Parracho para eles, as respostas convergiram em cinco sentidos (TABELA 5), o que originou as seguintes categorias: 1) Emprego e Renda (39%), 2) Turismo (16%), 3) Desenvolvimento (13%), 4) Natureza (13%), 5) Pesca (10%) e 6) Outros (9%).

A categoria Emprego e Renda corresponde a respostas como esta expressa por um ex-pescador, atualmente instrutor de mergulho, 37 anos, casado, ensino fundamental incompleto: *“Toda vida ele foi importante, para o distrito de Maracajaú. Porque 80% da população de Maracajaú sobreviviam do Parracho (só da pesca), 20% e outros serviços (construção, casas de veranistas, etc). Hoje 50% do turismo, 50% da pesca”*. Outra moradora de 24 anos de idade, autônoma, solteira, ensino médio completo, disse que o parracho é importante *“porque é de lá que a gente ganha, tira o sustento”*.

Nesta categoria o emprego e renda tanto são gerados pela pesca quanto pelo turismo, porém, de modo geral, a pesca é associada ao “sustento”, como sendo uma atividade que primeiramente proporciona o meio de sobreviver/alimentação; já o turismo está associado ao emprego, a ganhos monetários (em bares, restaurantes, parque aquático, etc).

Desenvolvimento é a categoria que contém as respostas das pessoas que vêem o Parracho como um meio de desenvolvimento para o distrito de Maracajaú,



através do turismo. Como observado na seguinte resposta: *“depois que foi descoberto (pelo turismo), o Parracho, o desenvolvimento de Maracajaú cresceu de forma absurda, muito rápido”* (estudante, 18 anos, solteiro, ensino médio incompleto).

O desenvolvimento apontado nas respostas tem aspectos negativos e positivos, pois houve quem disse que o turismo trouxe desenvolvimento econômico, mas não social. De modo geral, as respostas apontam o desenvolvimento propiciado pelo Parracho à comunidade, por meio do turismo, como algo positivo.

A categoria Turismo concentra as respostas que atribuem ao Parracho importância por ele ser o motivo dos turistas virem a Maracajaú, sem ele não existiria turismo. A resposta de J.V., solteiro, 24 anos, ensino médio incompleto, retrata o teor das respostas desta categoria: *“atrai pessoas para ser visitado, para ver os recifes de corais, o pessoal acha lindo”*.

Natureza é a quarta categoria, com 9 respostas atribuí importância ao Parracho por ele ser um local bonito e por servir, também, para preservação de espécies, para o ecossistema local, para proteger a praia, entre outros

Como exemplo, pode-se ver a seguinte resposta: *“importantíssimo, faz parte de nosso ecossistema. Barreira natural de recifes, onde ainda é berçário de vários peixes”*, líder comunitário, 48 anos, ensino superior incompleto.

Pesca é a categoria que reúne as respostas que relacionam a importância do Parracho exclusivamente à pesca, como visto na seguinte resposta: *“é uma coisa que temos desde quando nós nascemos, é muito importante, o final de tudo, dos pescadores daqui de Maracajaú, que mantêm suas famílias daqui do Parracho”*, pescador, 24 anos, casado, ensino fundamental incompleto.

Na categoria Outros foram agrupadas 6 respostas, as quais versam sobre importâncias distintas. Esta é uma das respostas desta categoria: *“criação da natureza, foi Deus que criou, não foi do homem que fez..., hoje em dia querem explorar demais”*, pescador, 32 anos, casado.

TABELA 5 – Importância atribuída ao parracho pelos moradores de Maracajaú

Categorias	Sentido das respostas	f	%
1 – Emprego e Renda	Através dele é gerado emprego e renda (turismo e pesca) e de onde as pessoas tiram seu sustento.	28	39
2 – Turismo	É importante principalmente para o turismo.	11	16



TABELA 5 – Importância atribuída ao parracho pelos moradores de Maracajaú (cont.)

3 – Desenvolvimento	Através do Parracho veio o desenvolvimento para Maracajaú	9	13
4 – Natureza	É importante devido à natureza do local (variedade de espécies, berçário de peixes) e por ser um lugar bonito.	9	13
5 – Pesca	É importante principalmente para a pesca.	7	10
6 – Outros	Outras respostas.	6	9
Total		70	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Com relação ao significado do Parracho para os moradores, foram identificadas cinco categorias as quais são apresentadas na TABELA 6, a saber: 1) Meio de Sobrevivência (42%), 2) Vida/Beleza (29%), 3) Local Turístico (10%), 4) Nada/Não Sabe (10%) e 5) Outros (9%).

A primeira categoria de significância, Meio de Sobrevivência, apresenta respostas como essa “*é quase tudo; muita coisa; tudo; minha vida; muita coisa e uma coisa muito boa*”.

Vida/Beleza é a categoria que expressa as respostas que dizem que o Parracho significa “*coisa bonita; uma boniteza; coisa da natureza; representa a vida; a beleza que Deus deu; significa tudo e pai e mãe da gente*”.

A categoria Local Turístico traz respostas que tratam do Parracho como um ponto turístico ou uma área turística (“*uma área turística, de preservação e lazer*”).

A penúltima categoria, Nada/Não Sabe, é composta pelas respostas das pessoas que disseram que o Parracho não significa nada para elas ou que disseram não saber o que significa (“*Nem sei e Nada*”).

De modo geral, as respostas de todas as categorias apresentaram uma carga emotiva que não foi observada na questão anterior.

TABELA 6 – Significado atribuído ao parracho pelos moradores de Maracajaú

Categorias	Sentido/significado das respostas	f	%
1 – Meio de Sobrevivência (emprego e renda)	Através dele é gerado emprego e renda (turismo e pesca) e de onde as pessoas tiram seu sustento (idéia de sobrevivência, sem necessariamente existir ganho monetário)	30	42
2 – Vida/Beleza	Um local belo que representa a vida	20	29
3 – Local Turístico	Ponto turístico	7	10
4 – Nada/Não Sabe	Não sabe ou não representa nada	7	10
5 – Outros	Outras respostas	6	9
Total		70	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.



5.5 Imagem do Parracho de Maracajaú segundo os turistas

Mais da metade dos turistas (65,3%) obtém as primeiras informações sobre o parracho de Maracajaú ao chegar à Natal, enquanto que 34,7% antes de chegar à Natal (TABELA 7).

TABELA 7 – Obtenção das primeiras informações sobre o parracho de Maracajaú

	<i>f</i>	%
1 – Antes de chegar à Natal	82	34,7
2 – Ao chegar à Natal	154	65,3
Total	236	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Os principais meios de obtenção de informações sobre o Parracho é através de informações de terceiros (31,6%) (guias de turismo em Natal, amigos ou familiares). A segunda maneira mais citada foi em agências de viagens em Natal, com 18,4%. Outras formas de obtenção das informações foram: no hotel (17,1%), através da *internet* (11,5%), havia pessoas que não sabia, pois o passeio estava incluso no pacote (5,6), em agências de viagem do estado de origem do turista (4,7%) e 11,1% através de outros meios, como revistas, por exemplo, TABELA 8.

TABELA 8 – Meio da Obtenção de informações sobre o parracho de Maracajaú

Meios/Locais	<i>f</i>	%
1 – Informações de terceiros	74	31,6
2 – Em agência de viagem em Natal	43	18,4
3 – No hotel	40	17,1
4 – Através da <i>Internet</i>	27	11,5
5 – Não sabia, estava incluso no pacote	13	5,6
6 – Em agência de viagem do Estado de Origem do turista	11	4,7
7 – Outros	26	11,1
Total	234	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Ao serem perguntados quando eles ficaram sabendo que o Parracho faz parte de uma unidade de conservação, 23,6% dos turistas disserem que ficaram sabendo antes de chegar a Maracajaú.

Porém, 28,3% dos turistas têm esta informação, no ônibus, indo para Maracajaú. Já em Maracajaú 25,8% dos turistas ficam sabendo que o parracho faz parte de uma UC (antes do passeio, ou no catamarã, ou minutos antes de entrar na água). Enquanto, que 18,4% fazem o passeio sem saber desta informação (na volta



do passeio [1,7%] ou ao preencher o questionário desta pesquisa [16,7%]). Houve ainda turistas que ficaram sabendo dessa informação através de outros meios, 3,9% (TABELA 9).

TABELA 9 – Quando o turista fica sabendo que o parracho faz parte de uma APA

	<i>f</i>	%
1 – Antes de chegar à Maracajaú	55	23,6
2 – No ônibus, indo para Maracajaú	66	28,3
3 – Quando chegou a Maracajaú, ante do passeio	34	14,6
4 – No catamarã/lancha indo para o Parracho	17	7,3
5 – Antes de entrar na água para ver os corais	9	3,9
6 – Na volta do Parracho	4	1,7
7 – Ao preencher este questionário	39	16,7
8 – Outros	9	3,9
Total	233	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Os motivos da visita ao Parracho são variados. Pelo menos 11 motivos podem ser vistos na TABELA 10. Sendo o principal motivo o mergulho (33,6%). O segundo motivo de visita foi devido à indicação de terceiros, com 17,2%. Os outros 49,0% das respostas corresponde à soma dos seguintes motivos: corais/parracho, beleza natural, conhecer/curiosidade, material publicitário, turismo, pacote, peixes, praia, piscinas naturais/ambiente marinho e outros, TABELA 10.

TABELA 10 – Motivo da visita a Maracajaú

Motivos	<i>f</i>	%
1 – Mergulho	82	33,8
2 – Indicação de terceiros	42	17,2
3 – Corais/Parracho	27	11,1
4 – Beleza natural	25	10,2
5 – Conhecer/curiosidade	15	6,1
6 – Material publicitário	11	4,5
7 – Turismo	6	2,5
8 – Pacote	6	2,5
9 – Peixes	5	2,0
10 – Praia	5	2,0
11 – Piscinas naturais/ambiente marinho	5	2,0
12 – Outros	15	6,1
Total	244	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Os turistas, em sua grande maioria (89,7%), consideram importante saber que o local visitado faz parte de uma UC, ao passo que 10,3% dos mesmos não consideram este fato importante (TABELA 11).



TABELA 11 – Opinião dos turistas sobre o parracho fazer parte de uma APA

Opinião	f	%
1 – É importante	201	89,7
2 – Não é importante	23	10,3
Total	224	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Foi peço aos turistas que justificassem o porquê de eles atribuíram importância a esta informação. As justificativas foram agrupadas em categorias de respostas (TABELA 12).

A primeira categoria, APA: Instrumento de Preservação da Natureza (40%) concentrou as respostas que indicam que o parracho está sendo preservado, como por exemplo: *“coisa boa para a natureza”*; *“alguém está preservando o Parracho, e isso é melhor para o turismo”* e *“é um local seguro”*.

A segunda categoria, APA: Durabilidade e Melhoria para o Local (23%), difere da primeira porque suas respostas trazem um elemento que dá a idéia de durabilidade do local como se o Parracho não fosse acabar por fazer parte de uma APA (*“É bom saber que aquilo vai durar mais tempo”* e *“Porque só assim vamos ter certeza que podemos voltar e visitar mais vezes”*),

Na categoria Turista Participante (19%), os respondentes se colocaram como participantes ativos do processo de preservação como observado nas seguintes respostas: *“para continuarmos a preservar e ter cuidado de acordo com o estabelecido”* e *“é uma área que precisamos cuidar, preservar, apreciar sem depreciar”*.

Na categoria Outros Protegem o Parracho (7%), os turistas atribuíram importância pelo fato de outras pessoas (em alguns casos referiram-se aos governantes) estarem preocupados com sua conservação, mas diferente da categoria anterior, não se colocaram como participantes da preservação do local, como pode ser visto na seguinte resposta: *“Achei bom saber que estão sendo tomadas para a preservação”*.

A penúltima categoria, Indiferente/Não Sabe (4%), os turistas disseram não saber o que era uma área de proteção ambiental ou que iriam preservar o Parracho independente dele fazer ou não parte de uma APA (*“Fazendo parte ou não de uma APA devemos ter cuidado quando estamos mergulhando”*).

Na categoria Outros, com 7% das respostas, foram colocadas respostas



como essa: “Porque é importante para a humanidade, é um patrimônio inestimável”.

TABELA 12 – Importância atribuída ao parracho fazer parte de uma APA pelos turistas

Categorias	Sentido/significado das respostas	f	%
1 – APA: Instrumento de Preservação da Natureza	Outros estão preservando o local, isto remete a segurança, prática de preservação, incentivo preservação, melhor para o turismo, etc.	83	40
2 – APA: Durabilidade e Melhoria para o Local	Devido ao local fazer parte de uma APA remete a idéia de que ele vai durar por muito tempo e que dever ser mais preservado ainda.	46	23
3 – Turista Participante	As pessoas responderam se colocando como participantes da ação de preservar.	38	19
4 – Outros Protegem o Parracho	Alguém está preservando, têm pessoas específicas, como o Estado, preocupadas em protegê-lo.	14	7
5 – Indiferente/Não Sabe	Pessoas que responderam que iriam ter cuidado com o local de qualquer forma ou que não sabem o que é uma APA.	8	4
6 – Outros		15	7
Total		204	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

6. Conclusão

As categorias de importância (Emprego e Renda; Turismo; Desenvolvimento; Natureza; Pesca e Outros) atribuídas pelos moradores ao parracho estão de uma foram ou de outra, relacionadas a ganhos econômicos que a comunidade pode obter através do mesmo.

O significado do Parracho é mostrado através das seguintes categorias: Meio de Sobrevivência; Vida/Beleza; Local Turístico; Nada/Não Sabe e Outros. Ele também está ligado a questões econômicas e de sobrevivência, porém, apesar disso, foi observa-se uma “carga emotiva/afetiva nas respostas”. Este aspecto foi observado devido à forma como os dados foram tratados. Mostrando que a análise qualitativa é de extrema importância em estudos sobre o impacto do turismo em populações locais.

A maioria dos turistas tem as primeiras informações sobre o parracho de Maracajaú ao chegarem à Natal. Sendo o principal canal de informação: as informações de terceiros.

Pode-se observar que a divulgação do Parracho é falha, pois poucos turistas vão para Maracajaú sabendo que o Parracho faz parte de uma APA. De modo geral,



os turistas ficam sabendo horas ou minutos antes do passeio, esta informação. Entretanto, o mais preocupante é que existem turistas que fazem o passeio e não sabem que estavam em uma APA.

O conhecimento de informações básicas, sobre o local a ser visitado, desde a compra do passeio pode contribuir para a redução de possíveis condutas inadequadas por parte dos turistas no Parracho. Eles já irão visitar o local sabendo que existem regras a serem cumpridas e, evitando também o descontentamento por parte dos turistas, como por exemplo, alguns acham que podem nadar com pés-de-pato, quando isso só é permitido para mergulhadores profissionais ou pesquisadores. E esta informação, é importante, pois o principal motivo da visita é o mergulho.

Praticamente todos os turistas consideram que é importante o Parracho fazer parte de uma APA. Essa importância é observada através das seguintes categorias: APA: Instrumento de Preservação da Natureza; APA: Durabilidade e Melhoria para o Local; Turista Participante; Outros Protegem o Parracho; Indiferente/Não Sabe e Outros.

Essa importância é considerada positiva, pois se sabe que em UCs há restrições de uso, e, assim, supõe-se que os turistas estão dispostos a cumpri-las, uma vez que o cumprimento das normas do local contribui para a preservação do Parracho. Uma vez que a preservação do local foi a idéia que esteve presente na maioria das respostas.

A pesar disso, há um contraste nas respostas, pois alguns turistas acham que é importante que o parracho faça parte de uma UC, mas não se colocam como agentes de sua preservação.

Dessa forma pode-se perceber que a imagem da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais, por parte da comunidade, está sendo mercantilizada. O Parracho é um meio de ganhar dinheiro, de conseguir um trabalho, de promoção do desenvolvimento para Maracajaú, etc. Poucos fazem alusão à imagem do local relacionando-a com o meio ambiente (a diversidade de vida marinha que ele concentra e a importância para a reprodução dos peixes, etc). Já os turistas têm a imagem de que o local está sendo preservado e isso é bom para a natureza. Entretanto o fato de o parracho fazer parte de uma APA não é a única condição para garantir sua preservação.



As autoridades competentes devem investir em programas de educação ambiental (EA) para a comunidade de Maracajaú e turistas que visitam o local. A adoção de um programa de EA contribuirá significativamente para a mudança da imagem mercantilizada para uma imagem de uso sustentável do Parracho, bem como a imagem de que ele está sendo preservado, como se não faltasse nada mais a ser feito.

É fundamental para a preservação do local que todos compreendam que são responsáveis pela preservação do Parracho. Entendendo a importância do Parracho para o meio ambiente, turistas e moradores colocar-se-ão como colaboradores ativos em sua preservação, diminuindo consideravelmente os impactos negativos que a atividade turística, dentre outras, causa no local.

Referências

AGENDA 21. Maxaranguape: o futuro que nós queremos. Maxaranguape, RN: jan., 2008.

AMARAL, R. F. et al. Diagnóstico ambiental da área de uso turístico intensivo (AUTI) no Parracho de Maracajaú. IDEMA-RN, 2005. (Relatório Interno, 128p)

AMARAL, R. F. Mapeamento da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais: fase exploratória. Natal: UFRN/IDEMA-RN, 2002. (Relatório interno, 50p)

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2007.

BENI, M. C. Análise estrutural do turismo. 8 ed. São Paulo: SENAC, 2003.

BOO, E. O planejamento ecoturístico para áreas protegidas. In: LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. (Orgs.). Ecoturismo: planejamento e gestão. 4 ed. São Paulo: SENAC, 2002. p. 31-55.

_____. Ecotourism: the potentials and pitfalls. v. 1. WWF: Washington DC, 1990.

BRASIL, Decreto-Lei nº 9.985, 7 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, v. 138, p. 01-06, 19 jul., 2000. Seção 1.

BUTLER, R. W. The concept of carrying capacity for tourism destinations: dead or merely buried?. Progress in Tourism and Hospitality Research, v.2, n.3-4, p.283-293, Setembro, 1996.

CEBALLOS-LASCURÁIN, H. Tourism, ecotourism, and protected areas. Gland: IUCN, 1996.



DENCKER, A. F. M. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. 7 ed. São Paulo: Futura, 2003.

DHARMARATNE, G.S.; YEE-SANG, F.; WALLING, L. J. Tourism potentials for financing protected areas. *Annals of Tourism Research*, v.27, n.3, p.590-610, Novembro, 2007.

EAGLES, P. F.J.; McCOOL, S. F.; HAYNES, S.D. Tourism in protected areas: guidelines for planning and management. IUCN: Gland, Switzerland e Cambridge, 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HERRING, C. M. Coral reef valuation and perceptions of the tourism industry in Akumal, Mexico. Tese de M.Sc. NCSU/USA, North Carolina State: USA, 2006.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA). Relatório técnico do monitoramento ambiental e de visitação nos parrachos de Maracajaú. Natal, 2007. p. 7.

_____. Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais. Natal: IDEMA 2006. (CD-ROM).

LIM, L.C. Carrying capacity assessment of Pulau Payar Marine Park, Malaysia: bay of Bengal Programme. FAO: 1998. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 21 maio 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). Turismo internacional: uma perspectiva global. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

REINIUS, S. W.; FREDMAN, P. Protected areas as attractions. *Annals of Tourism Research*, v.34, n.4. p.839-854, Outubro, 2007.

RODRIGUES, C.G.O. Os outros usos do público: a possível sustentabilidade dos comuns. III Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade. 2006. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br>>. Acesso em: 4 maio 2008.

SANTOS, A. R. Metodologia científica: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SCHERL, L. M. et al. As áreas protegidas podem contribuir para a redução da pobreza? oportunidades e limitações. IUCN: Gland e Cambridge, 2006.

SILVA, C.B; ENDERS, W.T. turismo cultural: identificação de potencial de mercado para produtos regionais em centro cultural em Natal-RN. Monografia de graduação, CCSA/UFRN, Natal: Brasil, 2006.

STEFANELLO, A. C. Percepção de riscos naturais: um estudo dos balneários turísticos Caiobá e Flamingo em Matinhos (PR). Tese de M.Sc., PPG/UFPR,



Curitiba: Brasil, 2006.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME - WORLD CONSERVATION MONITORING CENTRE (UNEP-WCMC). 2005 World Database on Protected Areas. Disponível em: <<http://sea.unep-wcmc.org/wdbpa/>>. Acesso em: 10 set. 2005.

VALLEJO, L. R. Unidades de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. *Geographia*, Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.77-106, 2003.

WALLACE, G. N. A administração do visitante: lições do Parque Nacional de Galápagos. In: LINDBERG, Kreg; HAWKINS, D. E. (Orgs.). *Ecoturismo: planejamento e gestão*. 4 ed. São Paulo: SENAC, 2002. p. 93-139.



CAPÍTULO IV

Análise da satisfação dos turistas como estratégia de gerenciamento turístico da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais, Nordeste do Brasil⁸

Resumo

O objetivo deste estudo foi identificar os fatores que proporcionam uma visita satisfatória aos turistas e verificar se estes são condizentes com a conservação da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais (APARC). Os resultados mostraram a falta de informações para os turistas e que eles não tem conhecimento sobre ambientes recifais. As dimensões de satisfação encontradas foram: Serviços de Qualidade, Conduta Inadequada em Ambientes Recifais, Variedade de Elementos do Ecossistema Marinho, Cultural e Preservação. Os resultados assinalam a necessidade de administração da APARC desenvolver programas de comunicação e educação ambiental, investir na captação de outros segmentos de turistas e que há possibilidade de desenvolver o turismo para além das fronteiras da APARC, o que beneficiaria tanto a mesma como a comunidade.

Palavras-chave: Satisfação. Turistas. Recifes de Corais. Unidades de Conservação Marinha. Planejamento Turístico.

1. Introdução

Além de suas principais metas - conservação da diversidade biológica e fornecimento de serviços de ecossistemas - as Unidades de Conservação (UCs) têm

⁸ Este capítulo será submetido à Revista Tourism Management, o texto apresentado segue a mesma estrutura exigida pela referida revista (Anexo B).



objetivos econômicos embutidos em sua criação, desde seu auto-financiamento, até perspectivas de trabalho e renda para a população do entorno (Boo, 1990; Butler, 1996; Hassler, 2005; Reinius & Fredman, 2007; Vallejo, 2003). Apesar dos danos que o turismo pode causar à natureza, ele tem sido uma estratégia utilizada nos últimos anos para subsidiar a manutenção das UCs, estando a proteção de muitas delas diretamente ligada à renda gerada pelo turismo (Boo, 1990; Lindberg, 2001; McNeely & Miller, 1984; WWF, 1992). Ademais, a busca desses lugares para a prática do turismo pode estar relacionada à conscientização dos turistas em relação às questões ambientais (OMT, 2003, 2004) de uma forma geral.

A forma como está sendo praticada o turismo em UCs, entretanto, é inadequada. O que ocasionou o problema para elas que não têm preparo para receber uma quantidade cada vez maior de visitantes (Boo, 2002; Ceballos-Lascuráin, 1996; Wallace, 2002). As principais dificuldades são: falta de pessoal qualificado e recursos financeiros e de políticas ambientais inadequadas, fazendo com que algumas UCs sejam rotuladas de unidades de papel (Dharmaratne, Sang & Walling, 2000; Faria, 2006; Kelleher, 1999; Salm, Clark, & Siirila, 2000; Vallejo, 2003).

Os efeitos nocivos do turismo serão minimizados pelo planejamento a longo prazo e as UCs (Eagles et al., 2003). E as UCs só atingirão seus objetivos se seus usuários tiverem participação na sua conservação (Kelleher, 1999; Salm, Clark, & Siirila, 2000). Neste sentido, compreender as características básicas, percepções, expectativas e o comportamento dos visitantes contribuem para adequações das práticas de manejo, identificação de causas plausíveis e soluções para mitigação dos impactos provenientes da visitação, assim como para medidas que proporcionem uma experiência satisfatória aos visitantes (Daily, 2000; Dutra et al.,



2008; Eagles et al., 2003; Hammit & Cole, 1998; Ladeira et al., 2007; Rec.5.29 CMP/IUCN apud Scherl et al., 2006; Roggenbuck & Lucas, 1987, Takahashi, 1987; Tonge & Moore, 2007).

Apesar de sua importância da zona costeira e do mar para o homem, as unidades de conservação marinhas (UCMs) correspondem a menos de 0,5% das áreas protegidas do planeta (Chape et al., 2003). Os recifes de corais fazem partes de muitas UCMs pelo mundo. Além de sua importância para o meio ambiente, eles são importante fonte de atração turística, embora venham enfrentando ameaças (Asafu-Adjaye & Tapsuwan, 2008). Mesmo em UCMs, como aquelas do Caribe, onde existem planos de manejo, apenas 32% das 51 UCMs são totalmente gerenciadas (OEA/NPS, 1988 apud Dharmaratne, Sang, & Walling, 2000).

Estudos vem sendo feitos para identificar impactos decorrentes do turismo em UCMs e em ambientes recifais, a percepção dos visitantes sobre a UCM e como sua satisfação influencia no manejo do local, como: Ahmed et al. (2007), Barker & Roberts (2004), Davis & Banks (1997); Herring (2006); Leujak, & Ormond (2007), Lim (1998), Medio, Ormond & Pearson (1996), Pedrini et al. (2008), Petrosillo et. al. (2006) e Tonge & Moore (2007).

Há no Brasil nove UCMs que englobam ambientes recifais, sendo o turismo é praticado em quase todas elas. Os recifes de corais brasileiros são os únicos do Atlântico Sul, eles ocupam uma área de 3.000 km (Moraes, 1999). Como observado na literatura, a participação dos visitantes é indispensável para o bom funcionamento desses espaços. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é identificar os fatores que proporcionam uma visita satisfatória e saber se elas são condizentes com a conservação da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais.



1.1 Turismo em Unidades de Conservação

Para a Organização Mundial do Turismo (2003), em UCMs o planejamento deve ser mais rigoroso, devendo ser aplicadas medidas conservacionistas quanto à utilização do ambiente submarino, assim como, existir instalações integradas para atender as necessidades dos visitantes e da UCM.

O impacto ambiental que visitantes podem causar ao local está relacionado à quantidade de pessoas, ao seu comportamento e ao manejo dado ao local (Cole, 2002; Takahashi, 1997; Hammit e Cole, 1998; Stankey et al., 1985). A falta de informações é responsável por muitos dos impactos causados pelos turistas em UCs (Blangy & Wood, 2002). Para Wallace (2002), a visita deve ser realizada de forma a promover informações educativas no intuito de modificar comportamentos inapropriados. Ahmed et al. (2007), Médio, Ormond & Pearson (1996), Pedrini et al. (2008), contataram que informações básicas dadas a praticantes de snorkel e scuba diminuem consideravelmente a impacto deles nos recifes de corais. Já Barker & Roberts (2004) aponta a necessidade da supervisão dos turistas in loco.

A caracterização dos visitantes é importante, porém, deve-se ter em mente que não há um único segmento de turistas que visita as UCs. Isso pode ser positivo no sentido em que vários atributos biofísicos e culturais do local podem ser utilizados para o turismo, diminuindo os impactos no local e aumentando o nível de satisfação dos turistas (Eagles et al., 2003), a qual é uma importante estratégia para o gerenciamento das UCs (Ryan & Cessford, 2003; Tonge & Moore, 2007).

Segundo Floyd et al. (1997), resultados de pesquisa feitas nos parques dos EUA mostraram que a opinião sobre os impactos é divergente entre visitantes e



administradores. Para Christensen e Davis (1985), a diferença sobre a percepção de impacto dá-se devido à experiência diferenciadas de administradores e visitantes, fazendo com que aqueles vejam estes de forma negativa. O comportamento dos visitantes é afetado indiretamente pela qualidade ambiental, e eles afetam diretamente a qualidade ambiental (Pendleton et al., 2001).

Petrosillo et. al. (2007), mostrou que a consciência de estar em uma UCM foi dependente do nível de ensino e local de residência dos turistas. Davis & Banks (1997) e Lim (1998) observaram que a quantidade excessiva de turistas na UCMs afeta a satisfação deles e que eles sentem-se satisfeitos em estar perto da natureza, ver animais grandes e diversidade de vida marinha, aprender sobre o local, etc. Lim (1998) mostrou que os turistas consideraram que houve falta de informações sobre a UCM e que a maioria dos turistas não visita o centro de informações do parque. Por outro lado, Herring (2006) observou que os turistas apesar de disserem que queriam que fossem inclusas mensagens ambientais em seus programas, entretanto, a análise de importância mostrou que eles estavam mais interessados no mergulho e nos equipamentos e deram pouca atenção aos itens sobre educação.

Leujak & Ormond (2007) constataram que a aceitabilidade de uma maior quantidade de turistas na água está aumentando entre os turistas que visitam os corais de South Sinai, aumentando a capacidade de carga social, o que parece estar acima da capacidade de carga ecológica. Os turistas têm baixo conhecimento sobre vida marinha. Eles mostraram-se satisfeitos com o estado dos corais, apesar deles não se apresentarem tão bem.

Todos os estudos mostraram que, de modo geral, o conhecimento dos turistas sobre ambientes marinhos é baixo, porém, eles se dizem satisfeitos com o passeio. Quando o passeio ocorre em uma UCM, nem todos os turistas ficam



sabendo disso.

2. Metodologia

2.1 Área de Estudo

A APARC foi criada em 2001, ela está localizada no estado do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil, na linha média das marés tendo como coordenadas a latitude 05° 09' 18" Sul e a longitude 35° 30' 00" W Gr; com uma área de aproximadamente 32.500ha. A APARC tem três parrachos: Maracajaú, Rio do Fogo e Cioba. Três municípios compõem sua área de influência (Maxaranguape, Rio do Fogo e Touros). Diferente de outras UCs, a APARC não possui área no continente (Figura 1).

O Conselho Gestor (CG) da APARC tem como presidente o órgão responsável pelas UCs estaduais, o IDEMA. O CG é formado por dezessete conselheiros (representantes de órgãos governamentais e da sociedade). A sede da unidade está em fase de conclusão e será no distrito de Maracajaú (município de Maxaranguape), o qual é o local que sofre a maior influência do turismo desenvolvido na APARC.



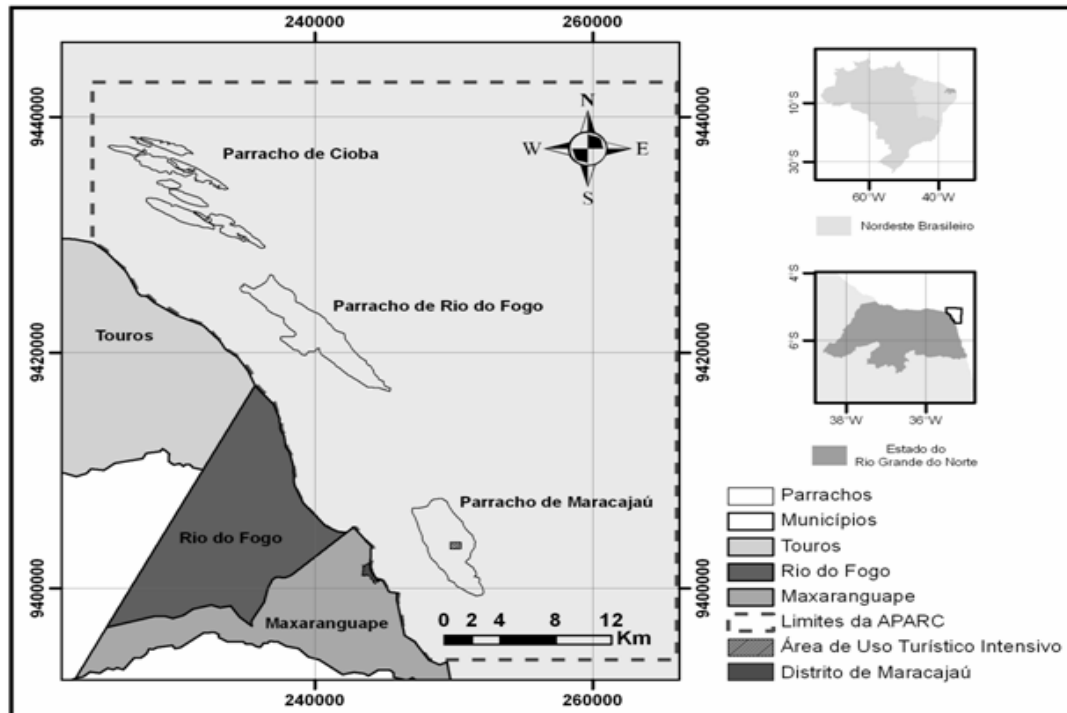


Figura 1 – Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais.

A APARC não dispõe de plano de manejo, entretanto, o CG vem trabalhando no ordenamento do local, as seguintes medidas já foram adotadas: fixação do número de visitantes por dia - 109 turistas na alta estação e 81 na baixa; o local para a instalação dos flutuantes; rotas de navegação; tipo adequado dos motores das embarcações e plano de pesca.

As principais atividades econômicas desenvolvidas na APARC são a pesca artesanal e o turismo. Esta se concentra quase que exclusivamente no parracho de Maracajá, que tem aproximadamente 9km de comprimento e 3km de largura, mais especificamente, na Área de Uso Turístico Intensivo (AUTI), que é um retângulo com comprimento E-W de 900m e N-S de 600m, o que corresponde a uma área de 540.000km², e localiza-se a 7km da praia de Maracajá. Em seu interior há 4 flutuantes fixos, um do IDEMA, os outros 3 são das empresa, sendo um móvel (Figura 2). A APARC, mais especificamente, a AUTI recebe cerca de 60 a 70 mil visitantes por ano (IDEMA, 2006).



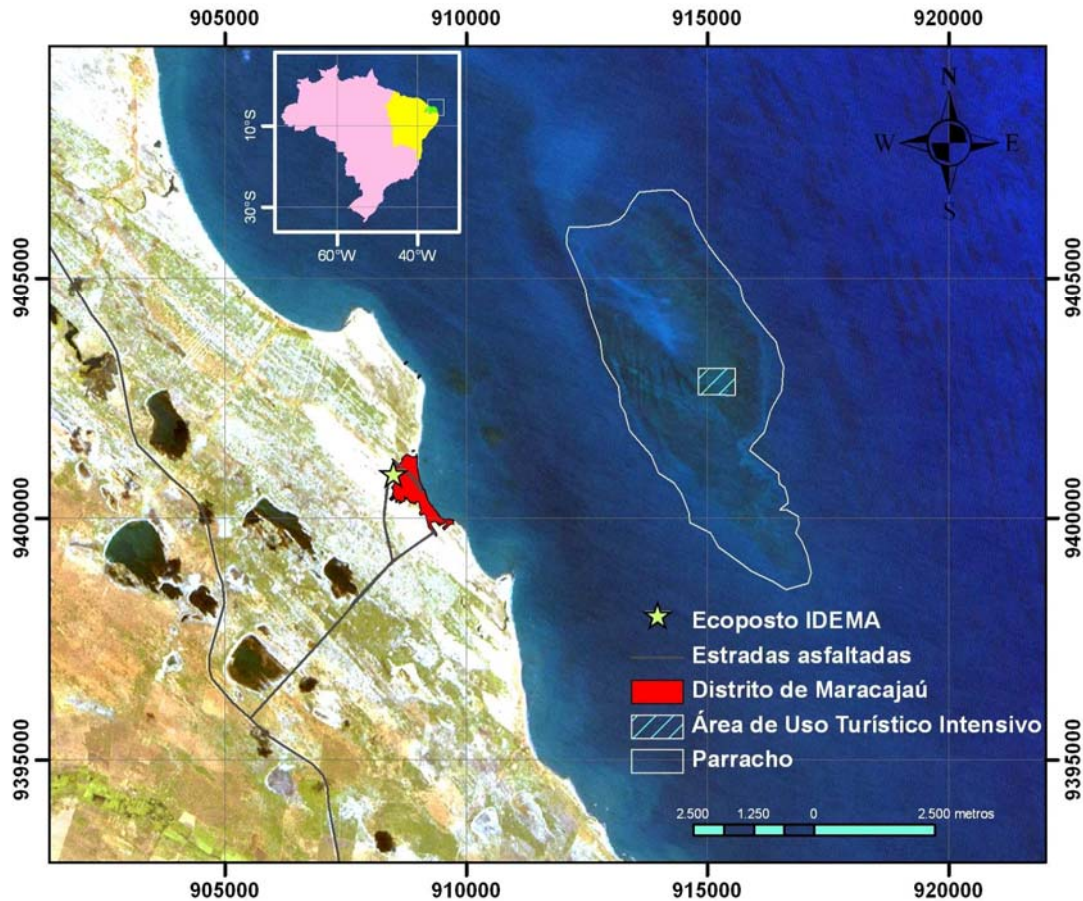


Figura 2 – Parracho de Maracajaú. Imagem do sensor EPM/Landsat 7, composição RGB, 321.

As empresas repassam, uma quantia de R\$5.00 por cada turista que visita o parracho de Maracajaú, sendo R\$ 2.00 para o IDEMA (valor padrão das UCs estaduais) e R\$ 3.00 para a prefeitura de Maxaranguape (R\$ 2.00 na forma de taxa ambiental e R\$ 1.00 de ISS). Os pescadores não pagam para ter acesso à APARC.

Uma contagem de turistas é feita pela prefeitura de Maxaranguape, outra é feita pelo IDEMA, através de uma parceria com uma ONG, por sete monitores ambientais. Eles atuam no parracho de Maracajaú, contando e supervisionando os turistas, quando não vão para o parracho devido à falta de meio de locomoção até o parracho, eles desenvolvem seu trabalho na praia, restringindo-se a contagem dos turistas. Com exceção dos monitores (que são terceirizados), a APARC não dispõe de quadro de funcionários próprios. Toda a operacionalização do turismo desenvolvido na APARC é feita através das empresas.



Sete organizações têm autorização para desenvolver a atividade turística no parracho de Maracajaú, entre elas a Colônia de Pescadores de Maracajaú. Esta repassa sua cota para uma empresa que já tem uma cota. Outras empresas são de um único dono. Isso faz com que na prática existam quatro pontos de embarque para o parracho, uma vez que na APARC não dispõe de píer.

A recepção dos turistas é feita em restaurantes ou em um parque temático, os quais são de propriedade dos donos das empresas de mergulho. O passeio ocorre apenas durante a maré baixa, porque é neste intervalo de tempo que os corais são visualizados com mais facilidades pelas pessoas.

A duração de passeio é em média de 2h30min, incluindo a ida e a volta ao parracho, que é feita através de lancha ou catamarã. As atividades oferecidas aos turistas são: o snorkel e o scuba.

A maioria dos turistas que vai para a APARC através de agências de viagens. Três empresas estão localizadas no centro de Maracajaú, o que faz com que os carros passem pelo distrito, já as outras ficam localizadas de modo que isso não acontece (Figura 3).

Todos os turistas vão direto para os restaurantes das empresas de mergulho (onde são recepcionados), e de lá para o parracho, na volta do passeio, praticamente todos os turistas almoçam nesses restaurantes e retornam para Natal. Com exceção dos turistas que tem como ponto de apoio o parque temático, pois eles, na maioria dos casos, compram um pacote que inclui o passeio ao parracho e a entrada para o parque, onde passam o dia.

Não há quase nenhum contato entre turistas e comunidade. Os poucos turistas que não vão para o parracho ficam na praia.



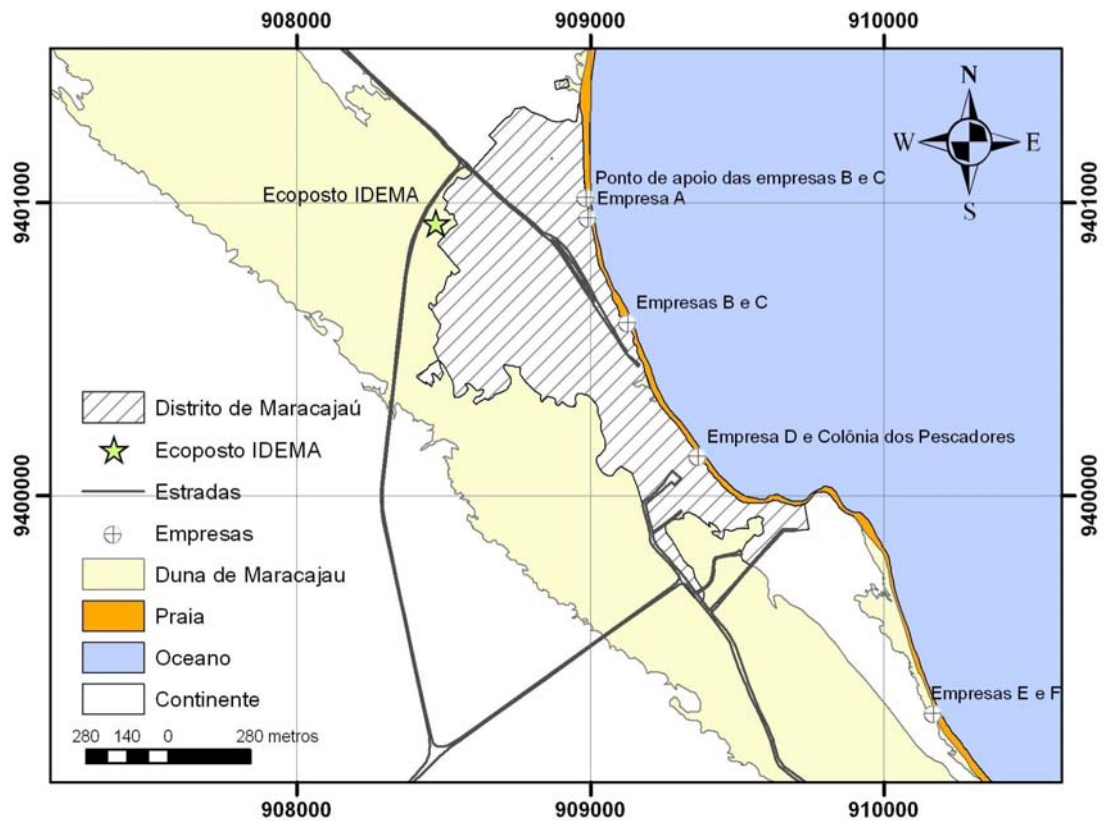


Figura 3 – Distrito de Maracajaú.

2.2 Metodologia do Estudo

Esta pesquisa tem um caráter exploratório-descritivo, sua utilização é feita quando o pesquisador quer familiarizar-se com o fenômeno estudado, a fim de chegar a uma nova compreensão deste (Selltiz, 1974).

Para esta pesquisa a população foi composta pelos turistas que fizeram o passeio ao parracho de Maracajaú. Na determinação do tamanho amostral utilizou-se a amostra aleatória estratificada sem reposição, com alocação de Neyman. O universo foi dividido conforme critérios de estratificação (três extratos, um por empresa), repartindo-se o tamanho da amostra em cada estrato, observando-se sua proporção no universo. A escolha dos turistas foi feita de forma aleatória. A partir dessa divisão foi utilizado de um erro de estimativa de 5% e proporções com o grau



de confiança de 95%. A proporção amostral de 0.3, determinada com base no pré-teste feito em setembro de 2007, para avaliar o instrumento de coleta de dados e fazer as adequações necessárias.

A amostra foi calculada com base no mês de maior fluxo turístico, janeiro, com os dados referentes ao janeiro de 2007, que foi de 12.190 turistas pagantes (acima de 7 anos de idade) (IDEMA, 2007). Foi estipulado que os respondentes deveriam ter mais de 16 anos de idade.

A coleta de dados foi feita através de um questionário. As 24 questões do mesmo estavam agrupadas da seguinte forma: conhecimento prévio sobre o destino; conhecimento sócio-ambiental sobre o Parracho; satisfação dos turistas e caracterização da amostra. O questionário foi traduzido para idioma Italiano Espanhol e foram feitos com base nos estudos de Lim (1998) e Herring (2006).

A aplicação dos questionários foi realizada entre os dias 05 e 11 de mês de janeiro de 2008, por ser alta estação e ser o mês que tem o maior fluxo de turistas, sendo o período recomendado pela OMT (2003) para este tipo de levantamento de dados. A aplicação foi realizada nos restaurantes na praia de Maracajaú, quando os turistas retornavam do parracho, o que representou a aplicação em dois dos quatro pontos de embarque/desembarque de turistas. Foram utilizados nesta pesquisa 236 questionários.

Os dados foram analisados através de análise descritiva usando técnicas de aritmética e de porcentagem da análise fatorial (análise de componentes principais e análise fatorial comum), para as questões cujo nível de medição foi feito através de escala Lickert, onde o respondente atribuía uma nota (1= não importante; 2 = pouco importante; 3 = importante, 4 = muito importante e 5 = indeciso) para item da questão.



A quantidade de fatores extraídos foi determinada com base no Autovalor e na porcentagem da variância total, levando-se em consideração o nível satisfatório de no mínimo 60% (Malhotra, 2001). Aplicou-se a Rotação Varimax. As cargas fatoriais consideradas foram as acima de 0.40. Foram feitos os testes de esfericidade de Bartlett e a medida de adequacidade da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Os dados foram tabulados e analisados com o software estatístico SPSS® 12.0.

3. Resultados

3.1 Informações sobre a APARC e Conhecimento sobre Ambientes Recifais

A grande maioria dos turistas que visitam a APARC (83.8%) tem acesso às normas do local, ao passo que 16.2% de turistas que não têm. (Tabela 1).

Tabela 1 – Obtenção de informações sobre as normas da APARC

	<i>f</i>	%
Sim, eu tive	186	83.8
Não, eu não tive	36	16.2
Total	222	100.0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2008.

Quando perguntado sobre o seu nível de conhecimento sobre ambientes recifais, 14.9% dos respondentes têm nenhum conhecimento, 53.8% têm baixo conhecimento, 25.8% têm médio conhecimento e 5.4% têm alto conhecimento sobre ambientes recifais (Tabela 2).

Tabela 2 – Nível de conhecimento sobre ambientes recifais

	<i>f</i>	%
Nenhum	33	14.9
Baixo	119	53.8
Médio	57	25.8
Alto	12	5.4
Total	236	100.0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2008.



3.2 Atributos para Visita Satisfatória

Foram listados 18 itens sobre o nível de importância para visita satisfatória, aos quais os turistas atribuíram nota entre 1 a 5, em uma escala do tipo Lickert, onde 1 corresponde a não importante, 2 a pouco importante, 3 a importante, 4 a muito importantes e 5 a indeciso. Os resultados estão expostos através das porcentagens das notas que cada item recebeu, da média, de todas as notas atribuídas a cada uma deles e do desvio padrão (Tabela 3).

Tabela 3 – Importância atribuída pelos turistas a itens que proporcionam uma visita satisfatória

Variáveis	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)	5 (%)	X	s
1 - Condições dos equipamentos fornecidos pela empresa de mergulho	0.9	2.6	21.4	74.4	0.9	3.7	0.568
2 - Diversidade de corais - formas, cores, tamanho, etc	0.4	1.3	37.8	60.1	0.4	3.6	0.551
3 - Informações sobre a APARC	0.0	2.6	37.0	59.9	0.4	3.6	0.553
4 - Conhecimento sobre o local por parte dos profissionais que lhe acompanharam durante a visita	1.7	4.3	31.6	62.0	0.4	3.5	0.667
5 - Abundância de peixes/ animais marinhos	0.4	0.9	40.9	57.4	0.4	3.5	0.545
6 - Ver várias espécies de animais marinhos	0.0	2.6	40.5	56.4	0.4	3.5	0.557
7 - Beleza paisagística da praia	0.0	4.7	37.2	51.1	0.0	3.5	0.586
8 - Maneira de supervisão e orientação de sua visita aos corais	0.9	3.1	45.6	49.6	0.9	3.4	0.618
9 - Informações sobre recifes de corais e sua importância para o meio ambiente	1.3	4.3	42.0	51.9	0.4	3.4	0.650
10 - Baixa densidade de pessoas nos corais	9.3	14.2	34.5	39.8	2.2	3.1	0.995
11 - Informações sobre Maracajaú	3.5	10.8	60.2	24.7	0.9	3.1	0.723
12 - Contato com a população do distrito de Maracajaú	6.1	25.2	47.4	20.0	1.3	2.9	0.853
13 - Dar comer a peixes/animais marinhos	36.8	29.4	18.9	13.6	1.3	2.1	1.098
14 - Alta densidade de pessoas nos corais	36.2	31.4	20.1	10.9	1.3	2.0	1.055
15 - Tocar/pegar nos corais	57.7	20.3	14.1	6.6	1.3	1.7	1.017
16 - Sentar ou pegar no coral para tirar foto	60.9	21.3	9.8	6.7	1.3	1.6	0.991
17 - Levar um "pedaço" do coral de lembrança	79.6	10.2	3.1	5.3	1.8	1.3	0.915
18 - Outros	0.0	0.0	50.0	50.0	0.0	3.5	0.707

Fonte: Dados da Pesquisa, 2008.

1= Não importante; 2 = Pouco Importante; 3 = Importante, 4 = Muito Importante e 5 = Indeciso.

X = média da amostra

s = desvio padrão da mostra

Das 18 variáveis utilizadas na pesquisa, 11 atingiram a nota média entre



importante e muito importante. A maior nota média (3.7) foi para o item Condições dos equipamentos fornecidos pela empresa de mergulho. Ademais, 74.4% e 21.4% dos turistas consideram este item como muito importante e importante, respectivamente. As outras duas maiores notas médias foram para os itens Diversidade de corais - formas, cores, tamanho, etc e Informações sobre a APARC (3.6), ambas com a mesma média.

Os itens Conhecimento sobre o local por parte dos profissionais que lhe acompanharam durante a visita, Abundância de peixes/ animais marinhos, Ver várias espécies de animais marinhos e Beleza paisagística da praia obtiveram a mesma média 3.5. Todos esses itens foram considerados muito importantes por mais de 50% dos turistas.

Dar comer a peixes/animais marinhos e Alta densidade de pessoas nos corais obtiveram as notas médias 2.1 e 2.0, respectivamente. Mais de 60% dos turistas consideraram estes itens com não importante ou pouco importante para uma visita satisfatória.

Já os três itens que obtiveram as menores médias, entre não importante e pouco importante, para visita satisfatória na APARC foram Levar um "pedaço" do coral de lembrança; Sentar ou pegar no coral para tirar foto e Tocar/pegar nos corais.

As variáveis que obtiveram os menores desvios padrões foram Abundância de peixes/Animais marinhos (0.545), Diversidade de corais – formas, cores, tamanho, etc (0.551) e Informações sobre a APARC (0.553), isso significa que mais constante é o nível de preferência dos turistas pelo item de satisfação. Por outro lado, a maior variação no grau de preferência dos turistas para aos itens de satisfação foram observados através dos seguintes desvios padrões 1.098, 1.055 e



1.017, os quais correspondem aos itens Dar comer a peixes/animais marinhos e Alta densidade de pessoas nos corais e Tocar/pegar nos corais, respectivamente.

O percentual de indecisos foi considerando relativamente insignificante para todos os itens. O maior percentual observado foi para o item Levar um "pedaço" do coral de lembrança, com 1.8%, correspondendo a cinco respondentes.

3.3 Satisfação dos Turistas

No processo de redução das 18 variáveis foram identificados cinco fatores compostos por um número diferente e por diferentes variáveis explicativas, desde um mínimo de uma até um máximo de cinco variáveis componentes de um mesmo fator (Tabela 4).

O teste de esfericidade de Bartlett mostrou que é improvável que a matriz de correlação seja uma matriz identidade, pois a estatística qui-quadrado aproximada é 1026.505, e nível de significância igual a zero. O valor da estatística KMO também é grande (0.785). Desta forma, a análise fatorial pode ser considerada uma técnica adequada para analisar os dados.

Na Tabela 4 estão expostas as dimensões básicas de satisfação encontradas. Foram adotadas as seguintes nomenclaturas: Serviços de Qualidade (dimensão 1), Conduta Inadequada em Ambientes Recifais (dimensão 2), Variedade de Elementos do Ecossistema Marinho (dimensão 3); Cultural (dimensão 4) Preservação (dimensão 5).

A dimensão Serviços de Qualidade é composta por cinco variáveis: Informações sobre recifes de corais e sua importância para o meio ambiente,



Conhecimento sobre o local por parte dos profissionais que lhe acompanharam durante a visita, Informações sobre a APARC, Maneira de supervisão e orientação de sua visita aos corais e Condições dos equipamentos fornecidos pela empresa, sendo esta última a que mais onera o fator, com carga de 0.760. Ela corresponde a maior proporção da variação explicada (23.7%), isto é, a dimensão em que há maior variação nas preferências dos turistas.

A segunda dimensão, Conduta Inadequada em Ambientes Recifais, também é formada por cinco variáveis: Tocar/pegar nos corais, Sentar ou pegar no coral para tirar foto, Levar um "pedaço" do coral de lembrança, Dar comer peixes/animais marinhos e Alta densidade de pessoas nos corais. Porém, corresponde ao percentual de 18% da variação explicada. A variável que está mais correlacionada com este fator é Tocar/pegar nos corais (0.879).

As quatro variáveis Abundância de peixes/animais marinhos, Diversidade de corais (formas, cores, tamanho, etc), Ver várias espécies de peixes/animais marinhos e Beleza paisagística da praia formam a dimensão Variedade de Elementos do Ecosistema Marinho. A primeira dessas variáveis foi a que apresentou a maior carga (0.862). Esta dimensão tem a seguinte porcentagem de variação explicada 10.7%.

A terceira dimensão, Variedade de Elementos do Ecosistema Marinho, representa 10.7% da porcentagem da variância explicada. Das variáveis que a compõem Diversidade de corais (formas, cores, tamanho, etc), Ver várias espécies de peixes/animais marinhos, Beleza paisagística da praia e Abundância de peixes/animais marinhos, esta apresentou a maior correlação com a dimensão, que foi 0.862.

Com duas variáveis, Contato com a população do distrito de Maracajaú e



Contato com a população do distrito de Maracajaú, sendo esta de maior carga (0.749), foi formada a dimensão Cultural. A porcentagem de variância explicada foi de 6.2%.

A última dimensão, Preservação, formada pela variável Baixa densidade de pessoas nos corais apresentou carga de 0.901 e percentual de variância explicada de 5.9%.

Tabela 4 – Dimensões de satisfação

Variáveis	Carga	Dimensões de Satisfação (variância explicada)
Informações sobre recifes de corais e sua importância para o meio ambiente	0.760	Serviços de Qualidade (23.7%)
Conhecimento sobre o local por parte dos profissionais que lhe acompanharam durante a visita	0.747	
Informações sobre a APARC	0.709	
Maneira de supervisão e orientação de sua visita aos corais	0.697	
Condições dos equipamentos fornecidos pela empresa	0.672	
Tocar/pegar nos corais	0.879	Conduta Inadequada em Ambientes Recifais (18.0%)
Sentar ou pegar no coral para tirar foto	0.844	
Levar um "pedaço" do coral de lembrança	0.828	
Dar comer peixes/animais marinhos	0.648	
Alta densidade de pessoas nos corais	0.565	
Abundância de peixes/animais marinhos	0.862	Variedade de Elementos do Ecosistema Marinho (10.7%)
Diversidade de corais (formas, cores, tamanho, etc)	0.835	
Ver várias espécies de peixes/animais marinhos	0.704	
Beleza paisagística da praia	0.674	
Contato com a população do distrito de Maracajaú	0.749	Cultural 6.2%)
Informações sobre Maracajaú	0.633	
Baixa densidade de pessoas nos corais	0.901	Preservação (5.9%)
Variância Total Explicada		64.5%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2008.

Teste de Esfericidade de Bartlett

Qui-Quadrado aproximado = 1026.505, gl = 13.5, significância = 0.000

Média Kaiser-Meyer-Olkin = 0.785

Os turistas atribuíram uma nota, entre 0 (decepcionado) e 10 (totalmente satisfeito) para a visita a APARC. Com exceção de 1.0%, eles sentiram-se satisfeitos com a



visita (Tabela 5).

Tabela 5 – Nível de Satisfação dos Turistas

	f	%
Totalmente insatisfeito	1	0.5
Insatisfeito	1	0.5
Conformado	5	2.3
Satisfeito	14	6.4
Mais que satisfeito	31	14.2
Muito satisfeito	57	26.0
Extremamente satisfeito	47	21.5
Totalmente satisfeito	63	28.8
Total	219	100.0
Média		8.4

4. Discussão

4.1 Perfil dos Visitantes

O artigo Análise da Imagem que Turistas e Comunidade Local têm da Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais - APARC - (RN), feito por Silva, Gonçalves & Amaral (2009), identificou as características dos visitantes da APARC.

Os turistas apresentam média de 30 anos e o desvio padrão foi de 10.8. Pouco mais da maioria é do sexo masculino, 51.7%. Casado é o estado civil de 52.2% deles. Um quarto dos turistas (26.7%) tem faixa de renda mensal acima de R\$ 10.000. A principal profissão/ocupação dos turistas é profissional liberal, com 33.9% das respostas. Mais da metade dos turistas tem ensino superior completo (60.4%). Católica é a de religião de 72,4% dos turistas. Mais de 90% dos turistas eram brasileiros, ou outros eram argentino, portugueses, italianos e ingleses.

Menos de um quarto dos visitantes, 23.6%, sabem previamente que está indo para uma UC. Outros 54.1% têm a informação que o parracho faz parte de uma APA pouco antes de fazerem o passeio. Enquanto, que 18.4% fazem o



passeio sem saber desta informação (Quadro 1) (Silva, Gonçalves & Amaral (2009).

Quadro 1 – Quando o turista fica sabendo que o parracho faz parte de uma APA

	<i>f</i>	%
Antes de chegar à Maracajaú	55	23.6
Momentos ou horas antes do passeio	126	54.1
Após ter feito o passeio	43	18.4
Outros	9	3.9
Total	233	100.0

Fonte: Adaptado de Silva, Gonçalves e Amaral, 2009.

O perfil dos visitantes da APARC é, de modo geral, igual ao perfil dos turistas que visitam outras UCs, como visto nos estudos de Ladeira et al. (2007), Lim (1998), Petrosillo et al. (2006). São pessoas que têm renda familiar alta, são jovens e têm elevado nível de escolaridade, entre outras características, estas são as que mais chamam a atenção e associadas ao fato de essas pessoas estarem em uma área que proporciona o contato com a natureza, faz com que elas sejam rotuladas de ecoturistas.

Pela forma como o turismo é desenvolvido na APARC (venda de passeios através de pacotes via agências de viagem, falta de contato com a comunidade, atividades praticadas por um grande número de pessoas), faz com que o turismo praticado no local esteja mais próximo ao turismo de massa que ao ecoturismo. Sendo aquele tipo de turismo não recomendado para UCs pois sua capacidade potencial de causar impactos é maior que o turismo praticado nesta modalidade de turismo.

4.2 Informações sobre a APARC e Conhecimento sobre Ambientes Recifais

As falhas na comunicação estão desde à divulgação do parracho de Maracajaú, a principal atração da APARC, visto os turistas ficam sabendo que estão



em uma UCM pouco tempo antes da efetivação do passeio (Quadro 1) e, ainda há turistas que não ficam sabendo disso, assim como ocorre em outras UCMs mostrado nas pesquisa de Davis & Banks (1997), Lim (1998) e Petrosillo et. al., (2006).

A preleção mostra-se deficiente (Tabela 1), pois nem todos os turistas disserem terem sido informados sobre as normas da APARC. Estas informações ficam a cargo, principalmente das empresas, mas também são dadas pelos monitores ambientais, quando estão no mar.

As pesquisas de Davis & Banhs (1997) e Lim (1998), Lim (1998) e Petrosillo et. al., (2006), mostraram, assim como na APARC que parte de turistas fazem o passeio sem saber que estão em uma UCM (Quadro 1). Esse desconhecimento por parte dos turistas é grave, pois, as pessoas quando estão UCs são mais propensas a cometerem ações inadequadas no local. Outra falha na comunicação para com os turistas é a não informação das normas do local. Uma preleção feita adequadamente mostrou-se eficaz na diminuição de impactos aos corais (Ahmed et al., 2007; Médio, Ormond & Pearson, 1996 e Pedrini et al., 2008), juntamente com o monitoramento in locu do turista (Barker & Roberts, 2004).

Para agravar este quadro, outras pesquisas mostraram que os turistas que visitam recifes de corais têm pouco conhecimento sobre eles (Herring, 2006; Lim, 1998 e Leujak & Ormond, 2007). Na APARC isso também foi constatado a maioria dos turistas não tem nenhum ou baixo conhecimento sobre recifes de corais (Tabela 2).

A falta de informações associada ao baixo conhecimento dos turistas sobre ambientes recifais faz com que a turismo praticado na APARC seja potencialmente ou efetivamente danoso aos recifes. Os turistas podem impactar o de forma não intencional pelo fato de desconhecerem as peculiaridades do ambiente



visitado.

4.3 Satisfação dos Turistas

As dimensões de satisfação encontradas (Tabela 4) revelam pontos a serem tratados com mais atenção pela administração da APARC. A dimensão Qualidade do Produto Ofertado mostra que os turistas têm interesse sobre informações tanto com relação à APARC como sobre ambientes recifais. Isso corresponde com o observado na literatura, os turistas se sentiriam mais satisfeitos se fossem bem informados e conseqüentemente, impactariam menos o local. Outro ponto que chama atenção nesta dimensão é a presença de itens que dizem respeito à segurança. Isso se deva, talvez, pelo fato de a APARC ter uma infra-estrutura precária causando insegurança aos turistas.

A dimensão Conduta Inadequada revela que existem turistas que se sentem satisfeitos em cometer procedimentos inadequadas durante o mergulho. Isso pode ser devido ao fato deles não terem alto conhecimento sobre ambientes recifais, associado à falta de informações sobre o local. Corroborando a necessidade de um programa eficaz de educação ambiental e um sistema eficiente de comunicação.

Variedade de Elementos do Ecossistema Marinho foi também uma dimensão de satisfação encontrada. Os elementos que a compõe também são importantes para a satisfação dos turistas em outras UCMs ou ambientes recifais (Herring, 2006; Leujak & Ormond, 2007 e Lim, 1998). Reforçando a importância de preservação do ecossistema tanto pela relevância ecológica quanto turística.

A quarta dimensão, Cultural, mostra o interesse dos turistas em conhecer o distrito de Maracajaú. Apesar dela não fazer parte da APARC isso é positivo para



a mesma, pois é uma forma de envolver de forma mais eficaz e eficiente a comunidade na atividade turística, diversificando o produto ofertado aos turistas e diminuindo a demanda sobre os recifes de corais.

A última dimensão de satisfação, formada por um único fator, mas, não menos importante, retrata a não aceitação de muitas pessoas no parracho. Levar poucas pessoas para o parracho implica em turista satisfeito e menor possibilidade de impactar o local.

Apear dos problemas encontrados na APARC, os turistas sentiram-se satisfeitos com o passeio (Tabela 5), não diferente do que acontece em outros lugares, talvez por não terem grande conhecimento sobre ambientes recifais, eles não reconhecem lugares degradados, ou por não compreenderem o significados de UCMs, eles não percebem as falhas no desenvolvimento turístico do local.

5. Conclusão

Os gestores da APARC devem assumir a efetiva administração do turismo no local. A forma como o turismo é praticado na APARC está mais próxima do turismo de massa que ao ecoturismo. O perfil dos turistas também acompanha esta tendência.

Tanto a comunicação interna quanto externa da APARC é falha e contribui para acentuar os impactos da atividade turística na APARC. O desenvolvimento de um sistema de comunicação eficiente vai proporcionar que as informações cheguem aos turistas e também vai contribuir para a divulgação da APARC para públicos mais especializados em praticar turismo nesse tipo de ecossistema. A adoção de um programa de educação ambiental também é



necessária. Os turistas não devem apenas receber informações, mas devem compreender a importância do local visitado e isso é um dos objetivos das UCS, e que na APARC não está sendo cumprido.

A atratividade das UCs está diretamente relacionada à beleza paisagística delas, na APARC observado através da importância atribuída aos fatores de satisfação de cunho natural (peixes, corais, etc) e a forma como o turismo está sendo desenvolvido coloca isso em risco. Deve-se destacar também, a pesca que é a outra atividade praticada na APARC, a qual também causa impactos aos corais.

A infra-estrutura da APARC, que é quase inexistente deve ser objeto de atenção de seus administradores para proporcionar mais segurança aos turistas.

Apesar de já está definido uma quantidade de turistas por dia que podem ir para o parracho de Maracajaú, seria interessante fazer estudos que levassem em consideração a percepção dos turistas sobre a quantidade de pessoas que podem estar no parracho sem que isso afete a satisfação deles.

Outra perspectiva que deve receber atenção é a expansão do turismo para o distrito de Maracajaú, que se desenvolvido de forma planejada associado a mudanças no turismo praticado na APARC, podem realmente dar início ao desenvolvimento do ecoturismo.

Apesar dos turistas terem dito que estavam satisfeitos com o passeio, foi observado que a APARC precisa de plano de manejo, o qual deve contemplar o planejamento da atividade turística, pois da forma como a atividade vem sendo desenvolvida corre o risco de auto-destruir-se, mesmo sendo praticada em uma UCM.



Referências

- Ahmed, M., Umali, G. M., Chong, C. K., Rull, M. F. & Garcia, M. S. (2007). Valuing recreational and conservation benefits of coral reefs: the case of Bolinao, Philippines. *Ocean & Coastal Management*, 50, 103–118.
- Asafu-Adjaye, J. & Tapsuwan, S. (2008). A contingent valuation study of scuba diving benefits: case study in Mu Ko Similan Marine National Park, Thailand. *Tourism Management*, 29, 1122–1130.
- Barker, N. H. L. & Roberts, C. M. (2004). Scuba diver behaviors and the management of diving impacts on coral reefs. *Biological Conservation*, 120, 481-489.
- Blangy, S. & Wood, M. E. (2002). Desenvolvimento e implementação de diretrizes ecoturísticas para áreas naturais e comunidades vizinhas. In: G. Lindberg & D. E. Hawkins (Orgs.), *Ecoturismo: uma guia para planejamento e gestão* (pp. 57-91). (4th ed). São Paulo: SENAC.
- Boo, E. (1990). *Ecotourism: the potentials and pitfalls*. v. 1. WWF: Washington DC.
- Boo, E. (2002). O planejamento ecoturístico para áreas protegidas. In: G. Lindberg & D. E. Hawkins (Orgs.), *Ecoturismo: uma guia para planejamento e gestão* (pp. 31-56). (4th ed). São Paulo: SENAC.
- Butler, R. W. (1996). The concept of carrying capacity for tourism destinations: dead or merely buried. *Progress in Tourism and Hospitality Research*, 2, 283-293.



Ceballos-Lascuráin, H. (1996). *Tourism, ecotourism, and protected areas*. Gland: IUCN.

Chape, S., Blyth, S., Fish, L., Fox, P. & Spalding, M. (Eds.). (2003). *United Nations List of Protected Areas IUCN*. Gland: Switzerland and Cambridge: UK.

Christensen, H. H. & Davis, N. J. *Evaluating user impacts and management controls: implications for recreation choice behavior*. Paper presented at the Symposium on Recreation Choice Behavior. Montana, 1985.

Cole, D. N. (2002). Biophysical impacts of wildland recreation use. In: W.C. Gartner & D.W. Lime (Eds.). *Trends in outdoor recreation, leisure and tourism* (pp. 257-264). New York: CAPI Publishing.

Daily, G.C. (2000). Management objectives for protection of ecosystem services. *Environmental Science & Policy*, 3, 333–339.

Davis, D., Banks, S., Birtles, A., Valentine, P. & Cuthill, M. (1997). Whale sharks in Ningaloo Marine Park: managing tourism in an Australian marine protected area. *Tourism Management*, 18 (5), 259-271.

Dharmaratne, G.S.; Sang, F. Y.; Walling, L. J. (2000). Tourism potentials for financing protected areas. *Annals of Tourism Research*, 27 (3). 590-610.

Dutra, V.C.; Senna, M. L. G. S.; Ferreira, M. N. & Adorno, L. F. M. (2008). Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque



Estadual do Jalapão, TO. *Caderno Virtual de Turismo*, 8 (1), 104-117.

Eagles, P. F. J.; McCool, S. F; Haynes, C. D. A. (2003). *Turismo sostenible en áreas protegidas: directrices de planificación y gestión*. Madrid: OMT, PNUMA and IUCN.

Faria, H. H. (2006). Aplicação do EMAP e rotinas estatísticas complementares na avaliação da eficácia de gestão de unidades de conservação do Estado de São Paulo, Brasil. *Revista Ciências do Ambiente On-Line*, 44-62.

Floyd, m. F., Jang, H. & Noe, F. P. (1997). The relationship between environmental concern and acceptability of environmental impacts among visitors to two U.S. national park settings. *Journal of Environmental Management*, 51, 391–412

Hammit, W.E.; Cole, D.N. (1998). *Wildland recreation: ecology and management*. (2nd ed). New York: John Wiley & Sons.

Hassler, M. L. (2005). A importância das unidades de conservação no Brasil. *Sociedade e Natureza. Uberlândia*, 79-89.

Herring, C. M. (2006). Coral reef valuation and perceptions of the tourism industry in Akumal, Mexico. Thesis. USA: North Carolina State.

Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA) (2007). *Relatório técnico do monitoramento ambiental e de visitação nos parrachos de Maracajaú*. Brasil, Natal.



Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA). (2006). *Área de preservação Ambiental dos Recifes de Corais*. CD-ROM. Brasil, Natal.

Kelleher, G. (1999). *Guidelines for marine protected areas*. Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN.

Ladeira, A. S., Ribeiro, G. A., Dias, H. C. T., Schaefer, C. E. G. R., Fernandes Filho, E. & Oliveira Filho, A. T. (2007). O perfil dos visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), Lima Duarte, MG. *Revista Árvore*, 31 (6), 1091-1098.

Leujak, W. & Ormond, R. (2007). Visitor perceptions and the shifting social carrying capacity of South Sinai's Coral Reefs. *Environmental Management*, 39 (4), 472-489.

Lim, L.C. (1998). *Carrying capacity assessment of Pulau Payar Marine Park, Malaysia*. Bengal Programme. FAO: Corporate Document Repository.

Lima, M. L. C. (2003). (Eco)turismo em unidades de conservação. In: A. B. Rodrigues (Org.). *Ecoturismo no Brasil* (pp. 71-87). São Paulo: Contexto.

Lindberg, K. (2001). Economic impacts. In: D. Weaver. (Ed). *The Encyclopedia of Ecotourism* (pp. 363-377). CABI Publishing, Wallingford and New York.

Malhotra, N. K. (2001). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. (3rd ed.)



Porto Alegre: Bookman.

McNeely, J.; Miller, K. (1984). *National parks, conservation and development: the role of protected areas in sustaining society*. Washington DC: Smithsonian Institute Press.

Medio, D; Ormond, R. F. G.; Pearson, M. (1997). Effect of briefings on rates of damage to corals by scuba divers. *Biological Conservation*, 79, 91-95.

Moraes, A. C. R. (1999). *Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro*. São Paulo: Hucitec and Edusps.

Organização Mundial do Turismo. (2004). *Desenvolvimento sustentável do ecoturismo: uma compilação de boas práticas*. São Paulo: Roca.

Organização Mundial do Turismo. (2003). *Turismo internacional: uma perspectiva global*. (2nd ed). Porto Alegre: Bookman.

Pedrini, A. G., Maneschy, F., Silva, V.G., Campos Silva, P. H., Costa, C., Andre-Costa, É. & Newton, T. (2008). *Projeto Edumar: educação e interpretação ambiental marinha em unidades de conservação brasileiras: resultados preliminares*. Paper presented at the Third Brazilian Congress of Oceanography and First Ibero-American Congress of Oceanography. Brasil.

Pendleton, L., Martin, N. & Webster, D. G. (2001). Public perception of environmental



quality: a survey study of beach use and perceptions in Los Angeles County, *Marine Pollution Bulletin*, 42 (11), 1155–1160.

Petrosillo , I., Zurlini, G., Corlianò, M. E., Zaccarelli, N. & Dadamo, M. (2007). Tourist perception of recreational environment and management in a marine protected area. *Landscape and Urban Planning*. 79 (1), 29-37.

Reinius, S. W.; Fredman, P. (2007). Protected areas as attractions. *Annals of Tourism Research*, 34 (4), 839-854.

Roggenbuck, J. W. & Lucas, R. C. (1987). *Wilderness use and user characteristics: a state of knowledge review*. Fort Collins, USDA, Forest Service Rock Mountain Research Station. General Technical Report INT, n.220.

Ryan, C., & Cessford, G. (2003). Developing a visitor satisfaction monitoring methodology: Quality gaps, crowding and some results. *Current Issues in Tourism*, 6 (6), 457–507.

Salm, R. V., Clark, J. & Siirila, E. (2000). *Marine and coastal protected areas: a guide for planners and managers*. Washington DC: IUCN.

Scherl, L. M., Wilson, A., Wild, R., Blockhus, J., Franks, P., McNeely, J. A. & McShane, T. O. (2006). *As áreas protegidas podem contribuir para a redução da pobreza? oportunidades e limitações*. Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN.



Selltiz, C., Jahoda, M., Deutsch, M. & Cook, S. (1974). *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: E.P.U.

Stankey, G. H., Cole, D. N., Lucas, R. C., Pertersen, M. E. & Frissell, S. S. *The limit of acceptable changes (LAC) system for wilderness planning*. Ogeden: USDA, Forest Service Intermountain and Range Experiment Station, 1985.

Takahashi, L. Y. (1997). Limite aceitável de câmbio (LAC): manejando e monitorando visitantes. Paper presented at the Brazilian Congress of Protected Areas. Brazil.

Takahashi, L. Y. (1987). Avaliação da visitação e dos recursos recreativos da Estrada da Graciosa. Thesis. Curitiba: UFPR.

Tonge, J., Moore, S. A. (2007). Importance-satisfaction analysis for marine-park hinterlands: a western Australian case study. *Tourism Management*, 28, 768–776.

Vallejo, L. R. (2003). Unidades de conserva o: uma discussão teórica   luz dos conceitos de território e de políticas públicas. *Geographia*, 77-106.

Wallace, G. N. (2002). A administra o do visitante: li es do Parque Nacional de Galápagos. In: G. Lindberg & D. E. Hawkins (Orgs.), *Ecoturismo: uma guia para planejamento e gestão* (pp. 93-139). (4th ed). São Paulo: SENAC.

Worldwide Fund for Nature (1992). *Principles for sustainable tourism*. London, UK.



CAPÍTULO V

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os moradores de Maracajaú têm uma imagem mercantilizada do local, o que é considerado inadequado para uma unidade de conservação, isso faz com que a relação entre comunidade e conservação do parracho seja inadequada por eles não terem a imagem do local associada a sua importância ecológica, principalmente.

Os turistas têm a imagem de que o parracho, por fazer parte de uma APA, está sendo conservado, porém, poucos compreendem que eles têm um papel importante nesse processo de conservação.

As dimensões de satisfação para os turistas que visitam a APARC apontam medidas importantes a serem tomadas pelos seus gestores, tanto para o manejo do ecossistema como dos visitantes e possibilidades de desenvolvimento da comunidade.

Pode-se dizer que, até agora, os atores envolvidos com o turismo estão satisfeitos, de alguma, com o modo como a atividade turística esta sendo desenvolvida, porém, a médio ou curto prazo esse quadro pode se tornar negativo devido à falta de planejamento turístico na APARC.

Pesquisas multidisciplinares devem ser feitas e apoiadas pelos gestores e organizações envolvidas no turismo local. Há a carência de pesquisa sobre o turismo na APARC, para embasar a tomada de decisões. Porém, isso não é um problema isolado da APARC, infelizmente é comum à maioria das unidades de conservação.



APÊNDICES

APÊNDICE A – Cálculo do Tamanho da Amostra

$$n = \frac{\sum_{i=1}^L \frac{N_i^2 \cdot \hat{p}_i \cdot \hat{q}_i}{w_i}}{\frac{N^2 \cdot B^2}{Z_{\alpha/2}^2} + \sum_{i=1}^L N_i \cdot \hat{p}_i \cdot \hat{q}_i} ; W_i = \frac{N_i \sqrt{p_i \cdot q_i}}{\sum_{k=1}^L N_k \sqrt{p_k \cdot q_k}} \rightarrow i = k = 1, 2, \dots, 5 \text{ estratos}$$

Sendo que:

$n \rightarrow$ O tamanho da amostra

$N \rightarrow$ O tamanho total da população

$p \rightarrow$ O tamanho da variância

$q \rightarrow$ é $(1 - p)$, $W \rightarrow$ A locação de Neyman

$Z_{\alpha/2} \rightarrow$ O nível de confiança

$B \rightarrow$ A margem de erro \rightarrow

$\rightarrow B = Z_{\alpha/2} * \text{Desvio Padrão}$



APÊNDICE B – Questionário Aplicado aos Turistas - Português



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – PRODEMA

Prezado (a) Senhor (a), solicitamos sua colaboração nesta pesquisa que tem por objetivo contribuir para a conservação do Parracho de Maracajaú. Desde já, agradecemos sua participação.

<p>01. Quando você obteve as primeiras informações sobre o Parracho de Maracajaú?</p> <p>1. () Antes de chegar à Natal 2. () Ao chegar à Natal</p> <p>02. Como você ficou sabendo? <i>(Marque só um.)</i></p> <p>1. () Em agência de viagem de Natal 2. () Em agência de viagem de seu Estado 3. () Ficou sabendo no hotel 4. () Internet 5. () Informações de terceiros 6. () Não sabia, estava incluso no pacote 7. () Outro: _____</p> <p>03. Por que você decidiu visitar Maracajaú? _____</p> <p>04. Quando você ficou sabendo que o Parracho faz parte de uma Área de Proteção Ambiental (APA dos Recifes de Corais)?</p> <p>1. () Antes de chegar à Maracajaú 2. () No ônibus, vindo para Maracajaú 3. () Quando chegou à Maracajaú, antes do passeio 4. () No catamarã/lancha indo para o Parracho 5. () Antes de entrar na água para ver os recifes de corais 6. () Na volta do Parracho 7. () Ao preencher este questionário 8. () Outro: _____</p>	<p>05. Saber que o Parracho faz parte de uma APA faz alguma diferença para você?</p> <p>1. () Sim 2. () Não</p> <p>06. Justifique a resposta da questão anterior (<i>nº 05</i>). _____ _____</p> <p>07. Você foi instruído sobre as normas do local?</p> <p>1. () Sim 2. () Não</p> <p>08. Se sim, qual (s)? _____ _____</p> <p>09. Você gostaria de visitar um centro de informações sobre o Parracho antes de ir conhecê-lo?</p> <p>1. () Sim 2. () Não</p> <p>10. Qual seu nível de conhecimento em relação a ambientes recifais?</p> <p>1. () Nenhum 2. () Baixo 3. () Médio 4. () Alto</p>
--	---

11. Como você **avalia** a importância dos recifes de corais? *(Preencha todo o quadro abaixo. Marque só uma vez, cada opção.)*

	(1) Não Importante	(2) Pouco Importante	(3) Importante	(4) Muito Importante	(5) Indeciso
Proporcionam lazer e recreação para as pessoas					
Benefícios econômicos relacionados ao turismo para a população local					
Habitat dos peixes e outras espécies de vida marinha					
Benefícios econômicos para os pescadores					
Qualidade de vida para atuais e futuras gerações					
Uso dos recifes de corais pelos habitantes locais					
Podem atrair mais empreendimentos turísticos para Maracajaú					
Uso dos recifes de corais para a edu. ambiental					
Beleza paisagística natural					
Preservação da biodiversidade marinha					
Outro: _____					



12. Marque um “X” para os itens que você “presenciou/teve acesso” durante sua visita ao Parracho de Maracajaú.

X	Itens	X	Itens
	Abundância de peixes coloridos		Lixo nos corais
	Pesca		Informações sobre a Vila de Maracajaú
	Pessoas andando nos corais		Equipamentos em boas condições
	Barcos transitando muito próximo aos corais ou em cima deles		Informações sobre recifes de corais e sua importância para o meio ambiente
	Barcos ancorados nos corais		Diversidade de corais (formas, cores, tamanho, etc.)
	Coleta de coral/conchas		Outro: _____
	Alimentação de peixes		

13. Que nível de importância você atribui aos seguintes fatores para uma visita satisfatória?
(Preencha todo o quadro abaixo. Marque só uma vez, cada opção.)

Fatores	(1) Não Importante	(2) Pouco Importante	(3) Importante	(4) Muito Importante	(5) Indeciso
Abundância de peixes/animais marinhos coloridos					
Diversidade de corais (formas, cores, tamanho, etc.)					
Beleza paisagística da praia					
Contato com a população local/Vila de Maracajaú					
Ver várias espécies de peixes/animais marinhos					
Número “alto” de pessoas no Parracho					
Sentar ou pegar no coral para tirar foto					
Informações sobre Maracajaú					
A maneira de supervisão e orientação de sua visita ao Parracho					
Número “baixo” de pessoas no Parracho					
Informações sobre a Área de Preservação Ambiental					
Tocar/pegar nos corais					
Dar comer para os peixes/animais marinhos					
Informações sobre recifes de corais e sua importância para o meio ambiente					
Levar um “pedacinho” do coral de lembrança					
Conhecimento sobre o local por parte dos profissionais os quais lhe acompanharam durante o passeio					
Condições dos equipamentos fornecidos pela empresa de mergulho					
Outro: _____					

14. O tempo de sua permanência no Parracho foi:

1. () Insuficiente 2. () Razoável 3. () Suficiente 4. () Mais que Suficiente
5. () Muito Prolongado

15. Atribua uma nota, com relação a seu nível de satisfação, à sua visita ao Parracho.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Sexo: 1. () M 2. () F

17. Idade: _____ anos

18. Estado Civil:

1. () Solteiro

2. () Casado/junto

3. () Separado/desquitado

4. () Viúvo



19. Grau de Instrução:
- | | |
|---------------------------|-------------------------|
| 1. () 1º Grau incompleto | 4. () 2º Grau completo |
| 2. () 1º Grau completo | 5. () 3º incompleto |
| 3. () 2º Grau incompleto | 6. () 3º completo |
20. Profissão/Ocupação:
- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| 1. () Profissional Liberal | 4. () Aposentado/Pensionista |
| 2. () Funcionário Público | 5. () Estudante |
| 3. () Autônomo | 6. () Outra: _____ |
21. Renda Familiar Mensal:
- | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| 1. () Até R\$ 2.000 | 4. () Entre R\$ 6.001 e R\$ 8.000 |
| 2. () Entre R\$ 2.001 e R\$ 4.000 | 5. () Entre R\$ 8.001 e R\$ 10.000 |
| 3. () Entre R\$ 4.001 e R\$ 6.000 | 6. () Acima de R\$ 10.000 |
22. Religião:
- | | |
|--------------------|---------------------|
| 1. () Católica | 4. () Sem Religião |
| 2. () Protestante | 5. () Outra: _____ |
| 3. () Espírita | |
23. Residência Atual Cidade: _____ UF.: _____
24. Sugestões/Opiniões.

Se quiser, anote a baixo, COM LETRA DE FORMA, seu endereço eletrônico para receber informações sobre esta pesquisa.

Data: ___/___/___ N.E.M.: ___ N.A.: ___ QT/01

Obrigada!



APÊNDICE C – Questionário Aplicado aos Turistas - Italiano



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – PRODEMA

Gentile Signore(a), chiediamo la sua collaborazione in questo sondaggio che ha come obiettivo quello di contribuire alla conservazione del *Parracho* di Maracajaú.
La ringraziamo per la sua partecipazione.

<p>01. Quando ha ricevuto le prime informazioni sul Parracho di Maracajaú?</p> <p>1. () Prima di arrivare a Natal 2. () A Natal</p> <p>02. Come ha saputo della sua esistenza?(<i>solo una risposta.</i>)</p> <p>1. () Agenzia di viaggio a Natal 2. () Agenzia di viaggio in Italia 3. () Hotel 4. () Internet 5. () Informazioni da terzi 6. () Non lo conoscevo, era incluso nel pacchetto viaggio 7. () Altro: _____</p> <p>03. Perché ha deciso di visitare Maracajaú?</p> <p>_____</p> <p>04. Quando ha saputo che il <i>Parracho</i> è parte di un'Area di Protezione Ambientale (APA della Barriera Corallina)?</p> <p>1. () Prima di arrivare a Maracajaú 2. () Nel pullman per Maracajaú 3. () Quando sono arrivato a Maracajaú, prima della visita 4. () Nell'imbarcazione per andare al <i>Parracho</i> 5. () Prima di entrare in acqua per vedere la barriera corallina 6. () Tornando dal <i>Parracho</i> 7. () Compilando il presente questionario 8. () Altro: _____</p>	<p>05. Sapere che il <i>Parracho</i> fa parte di una APA è importante per Lei ?</p> <p>1. () Sì 2. () No</p> <p>06. Commenti la risposta anteriore (<i>n° 05</i>).</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>07. Le sono state date informazioni sulle norme del locale?</p> <p>1. () Sì 2. () No</p> <p>08. Se sì, quali?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>09. Vorrebbe visitare un centro di informazioni sul <i>Parracho</i> prima di visitarlo?</p> <p>1. () Sì 2. () No</p> <p>10. Qual'è il suo livello di conoscenza della scogliera corallina ?</p> <p>1. () Nessuno 2. () Basso 3. () Medio 4. () Alto</p>
---	---

11. Come **valuta** l'importanza della barriera corallina? (*Compili in basso scegliendo una sola opzione per ogni risposta.*)

	(1) Non importante	(2) Poco importante	(3) Importante	(4) Molto importante	(5) Indeciso
Uso dell'ambiente marino per svago					
Benefici economici legati al turismo per la gente del posto					
Habitat dei pesci e di altre specie di vita marina					
Benefici economici per i pescatori					
Qualità di vita attuale e per le generazioni future					
Uso della barriera corallina per usi locali					
Può attrarre più iniziative turistiche a Maracajaú					
Uso della barriera corallina per l'educ. Ambie.					
Bellezza paesaggistica					
Conservazione della biodiversità marina					
Altro: _____					



12. Segni con una X le esperienze delle quali “è stato testimone/ha avuto accesso” durante la visita al *Parracho* di Maracajaú.

X	Itens	X	Itens
<input checked="" type="checkbox"/>	Abbondanza di pesci colorati	<input checked="" type="checkbox"/>	Rifiuti sui coralli
<input type="checkbox"/>	Pesca	<input type="checkbox"/>	Informazioni sulla <i>Vila de Maracajaú</i>
<input checked="" type="checkbox"/>	Persone che camminano sui coralli	<input checked="" type="checkbox"/>	Equipaggiamenti in buone condizioni
<input type="checkbox"/>	Imbarcazioni in transito molto vicino ai coralli o su di essi	<input type="checkbox"/>	Informazioni sulla barriera corallina e sulla sua importanza per l'ambiente
<input checked="" type="checkbox"/>	Imbarcazioni ancorate ai coralli	<input checked="" type="checkbox"/>	Diversità dei coralli (forme, colori, dimensioni, etc.)
<input type="checkbox"/>	Asportazione di coralli/conchiglie		
<input checked="" type="checkbox"/>	Dare da mangiare ai pesci		Altro: _____

13. Che **livello di importanza** attribuisce ai seguenti fattori per una visita soddisfacente?

(Segni una sola volta per ogni opzione.)

Fattori	(1) Non importante	(2) Poco importante	(3) Importante	(4) Molto importante	(5) Indeciso
Abbondanza di pesci colorati	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diversità dei coralli (forme, colori, dimensioni, etc)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bellezza paesaggistica della spiaggia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contatto con la gente locale/ <i>Vila de Maracajaú</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vedere varie specie di pesci/animali marini	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Numero alto di persone nel <i>Parracho</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sedersi sui coralli o asportarne pezzi per fare fotografie	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informazioni su Maracajaú	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Come si svolgono le attività guidate.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Numero basso di persone nel <i>Parracho</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informazioni sull'Área di Preservazione Ambientale	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Toccare/prendere i coralli	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dare da mangiare ai pesci/animali marini	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informazioni sulla barriera corallina e sulla importanza per l'ambiente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Portare via pezzi di corallo come “ricordo”	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Preparazione adeguata del personale che fa da guida durante la visita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Condizioni dell'equipaggiamento fornito dall'impresa di immersione	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Altro: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Il tempo di permanenza nel *Parracho* è stato:

1. () Insufficiente 2. () Ragionevole 3. () Sufficiente 4. () Più che s-Sufficiente 5. () Molto Prolungato

15. Attribuisca un voto al suo **livello di gradimento** sulla visita al *Parracho*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Sesso:

1. () M

2. () F

17. Etá: _____ anni

18. Stato civile:

1. () Nubile/Celibe

2. () Sposato/Convivente

3. () Separato/a

4. () Vedovo/a

19. Grado di istruzione:

1. () Medie incomplete

4. () Superiori complete

2. () Medie complete

5. () Università incompleta

3. () Superiori incomplete

6. () Università completa



20. Professione/Occupazione: 1. () Libero professionista 4. () Pensionato
2. () Impiegato pubblico 5. () Studente
3. () Autonomo 6. () Altro: _____

21. Reddito familiare mensile: _____ €

22. Religione: 1. () Cattolica 4. () Ateo
2. () Protestante 5. () Altro: _____
3. () Spiritica

23. Residenza attuale: Città: _____ Regione: _____

24. Suggerimenti/Opinioni.

Se vuole, annoti IN STAMPATELLO il suo indirizzo elettronico per ricevere informazioni su questo sondaggio:

Data: ___/___/___ N.E.M.: ___ N.A.: ___ QT/02

Grazie!



APÊNDICE D – Questionário Aplicado aos Turistas - Espanhol



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – PRODEMA

Estimado(a) visitante, le rogamos que tenga a bien contestar las siguientes preguntas de una encuesta que tiene por objetivo contribuir para la conservación de los arrecifes (parrachos) de la playa de Maracajaú.

Desde pronto le damos las gracias por su participación.

<p>01. ¿Cuándo obtuvo Vd. las primeras informaciones sobre los Parrachos (recifes) de Maracajaú?</p> <p>1. () Antes de llegar a Natal 2. () En Natal</p> <p>02. ¿Cómo tomó conocimiento de ellos? (<i>Marque sólo una respuesta</i>)</p> <p>1. () En agencia de viajes de Natal 2. () En agencia de viajes de su país 3. () En el hotel 4. () Por la Internet 5. () Informaciones de otras personas 6. () No lo sabía, estaba incluso en el paquete turístico 7. () Otro: _____</p> <p>03. ¿Por qué ha decidido visitar la playa de Maracajaú?</p> <p>_____</p> <p>04. ¿Cuándo tomó conocimiento que el Parracho de Maracajaú hacía parte de un Área de Protección Ambiental (APA de los Recifes de Corales)?</p> <p>1. () Antes de llegar a Maracajaú 2. () En el autocar, a camino para Maracajaú 3. () Cuando llegó a Maracajaú, antes del paseo 4. () En el barco/lancha, a camino para el Parracho 5. () Antes de entrar en el agua para ver los arrecifes de corales 6. () Durante el regreso del Parracho 7. () Al contestar esta encuesta 8. () Otro: _____</p>	<p>05. ¿El hecho de saber que el Parracho toma parte de un APA hace alguna diferencia para Vd.?</p> <p>1. () Sí 2. () No</p> <p>06. Justifique su respuesta en la cuestión anterior (<i>n° 05</i>).</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>07. ¿Ha sido instruido sobre las normas del lugar?</p> <p>1. () Sí 2. () No</p> <p>08. En caso positivo, ¿cuál(es) es (son) la(s) norma(s)?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>09. ¿Le gustaría visitar un centro de informaciones sobre el Parracho antes de ir a conocerlo?</p> <p>1. () Sí 2. () No</p> <p>10. ¿Cuál es su nivel de conocimiento con relación a ambientes de arrecifes?</p> <p>1. () Ninguno 2. () Bajo 3. () Medio 4. () Alto</p>
---	--

11. ¿Cómo Vd. **evalúa** la importancia de los arrecifes de corales? (*Llene todo el recuadro abajo. Marque sólo una vez, cada alternativa.*)

	(1) No es Importante	(2) Poco Importante	(3) Importante	(4) Muy Importante	(5) Indeciso
Proporcionan ocio y recreación para las personas					
Beneficios económicos relacionados al turismo para la población local					
Hábitat de los peces y otras especies de vida marina					
Beneficios económicos para los pescadores					
Calidad de vida para actuales y futuras generaciones					
Uso de los arrecifes de corales por los habitantes locales					
Pueden atraer más emprendimientos turísticos para Maracajaú					
Uso de los arrecifes de corales para la educación ambiental					



Belleza paisajística natural					
Preservación de la biodiversidad marina					
Otro: _____					

12. Marque una "X" en los ítems que Vd. "presenció/tuvo acceso" durante su visita al Parracho de Maracajaú.

X	Ítems	X	Ítems
	Abundancia de peces de muchos colores		Basura en los corales
	Pesca		Informaciones sobre a Villa de Maracajaú
	Personas caminando sobre los corales		Equipamientos en buenas condiciones
	Barcos ancorados en los corales		Informaciones sobre recifes de corales y su importancia para lo medio ambiente
	Barcos navegando muy cercanos a los corales o sobre ellos.		Diversidad de corales (formas, colores, tamaños, etc.)
	Recolecta de corales/conchas		Otro: _____
	Alimentación de peces		

13. ¿Qué nivel de importancia Vd. atribuye a los siguientes factores para una visita satisfactoria?

(Llene todo el recuadro abajo. Marque sólo una vez, cada alternativa.)

Factores	(1) No es Importante	(2) Poco Importante	(3) Importante	(4) Muy Importante	(5) Indeciso
Abundancia de peces/animales marinos de muchos colores					
Diversidad de corales (formas, colores, tamaños, etc.)					
Belleza paisajística de la playa					
Contacto con la población local/Villa de Maracajaú					
Observar variadas especies de peces/animales marinos					
"Muchas" personas en el Parracho					
Sentarse o tocar el coral para sacar fotos					
Informaciones sobre Maracajaú					
El modo de desarrollo/orientación de la visitación en el Parracho					
"Pocas" personas en el Parracho					
Informaciones sobre el Área de Preservación Ambiental					
Tocar los corales					
Alimentar los peces/animales marinos					
Informaciones sobre recifes de corales y su importancia para lo medio ambiente					
Llevar un "trocito" del coral como recuerdo					
Conocimiento sobre el local por parte de los profesionales que le acompañaron durante el paseo					
Condiciones del equipamiento ofrecido por la compañía de buceo					
Otro: _____					

14. El tiempo de su estancia en el Parracho ha sido:

1. () Insuficiente 2. () Razonable 3. () Suficiente 4. () Más que Suficiente 5. () Demasiado largo

15. Atribuya una nota, con relación a su nivel de satisfacción, a su visita al Parracho. (Marque sólo una alternativa.)

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----



- 16. Sexo:** 1. () M 2. () F
- 17. Edad:** _____ años
- 18. Estado Civil:** 1. () Soltero
2. () Casado/vive junto
3. () Separado/divorciado
4. () Viudo
- 19. Nivel de Educación:** 1. () Enseñaza básica incompleta
2. () Enseñaza básica completa
3. () Enseñaza mediana incompleta
4. () Enseñaza mediana completa
5. () Enseñaza superior incompleta
6. () Enseñaza superior completa
- 20. Profesión/Ocupación:** 1. () Profesional Liberal
2. () Funcionario
3. () Autónomo
4. () Jubilado/Pensionista
5. () Estudiante
6. () Otra: _____
- 21. Renta Familiar Mensual:** _____ €
- 22. Religión:** 1. () Católica
2. () Protestante
3. () Espírita
4. () Sin Religión
5. () Otra: _____
- 23. Dónde vive actualmente:** Ciudad: _____ País: _____
- 24. Sugerencias/Opiniones.**

Si quiere, escriba, abajo, CON LETRAS MAYÚSCULAS, su dirección electrónica para recibir informaciones sobre esta encuesta:

(lo rellena el encuestador) Fecha: ___/___/___ N.E.M.: ___ N.A.: ___ QT/03

¡Muchas gracias!



APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista realizada com os empresários de Turismo

NOME DA EMPRESA: _____

Como você caracteriza os turistas que você recebe em sua empresa quanto a:

Nacionalidade: _____

Faixa Etária: _____

Principais Empresas Parceiras de Receptivo : _____

Porcentagem de passeio via agência e balcão _____



APÊNDICE F – Formulário Pré-codificado de Entrevista - Comunidade

FEM/01

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – PRODEMA

Data: ___/___/___ Início da Entrevista: _____h: _____min

Término da Entrevista: _____h: _____min

Nome do entrevistado _____

1 - Conhecimento sócio-ambiental e importância dada ao parracho

1.1 - Você acha que o parracho é importante? 1.1.1 - () Sim 1.1.2 - () Não

1.2 - Por quê? _____

1.3 - O que o Parracho representa/significa para você? _____

1.4 - Você sabe o que é uma (APA) Área de Proteção Ambiental? 1.4.1 - () Sim 1.4.2 - () Não

1.5 - Se sim, o que é? _____

1.6 - Você sabe que o Parracho faz parte de uma APA (Área de Proteção Ambiental)? 1.6.1 - () Sim 1.6.2 - () Não

1.7 - Você acha que isso é importante? 1.7.1 - () Sim 1.7.2 - () Não

1.8 - Por quê? _____

1.9 - Dê uma nota, de 0 a 4, as seguintes questões (grau de importância).

Questões	Nota
Uso do parracho para lazer/diversão	
Benefícios econômicos relacionados ao turismo para a população local	
Abrigo para os peixes e outras espécies de vida marinha	
Benefícios econômicos para empresários do turismo	
Preservação do parracho para futuras gerações (outras pessoas)	
Uso do parracho pelos habitantes locais	
Uso do parracho por outras pessoas	
Uso do parracho para a educação ambiental	
Para deixar a praia/o local mais bonito	
Outro: _____	

0 = indeciso, 1 não importante, 2 = pouco importante, 3 = importante e 4 = muito importante.

2 - Uso dado ao parracho e frequência de uso

2.1 - Você frequenta o parracho? 2.1.1 - () Sim 2.1.2 - () Não

2.2 - Se sim, Com que frequência você vai? _____

2.3 - O que você faz lá? _____

2.4 - Se não frequenta, por quê? _____

2.5 - Você sabe o que pode e o que não se pode fazer no parracho? 2.5.1 - () Sim 2.5.2 - () Não

2.6 - Exemplifique a questão anterior. _____

3 - Visão da comunidade com relação ao turismo

3.1 - Em sua opinião, o turismo traz benefícios à comunidade? 3.2.1 - () Sim 3.2.2 - () Não



3.2 - Se sim, quais? _____

3.3 - O turismo traz alguma coisa de “ruim” para a comunidade? 3.4.1 - () Sim 3.4.2 - () Não

3.4 - Se sim, quais? _____

3.5 - Você acha que o turismo deveria “acabar”? 3.5.1 - () Sim 3.5.2 - () Não

3.6 - Por quê? _____

3.7 - Dê uma nota, de 0 a 4, conforme grau de contribuição do turismo para:

Questões	Nota
Conseguir um emprego	
Fazer contato com pessoas e culturas diferentes	
A conservação do Parracho	
Melhorias para a cidade (ex. estradas, sinalização, qualificação profissional, etc)	
Aumento o número de pessoas no Parracho, um local que antes era só da comunidade	
Proibir o uso de parte do parracho	
Prejuízo para os pescadores	
Aumento dos índices de criminalidade/violência	
“Acabar/matar” o Parracho	
Polui a cidade	
Deixa as “coisas” mais caras (comida, casas, terreno)	
Outro: _____	

0 = indeciso, 1 não contribui, 2 = pouco contribui, 3 = contribui e 4 = muito contribui.

3.8 - O que você acha que deveria ser feito para “melhorar” o turismo no parracho? _____

3.9 - Atribua uma nota à forma como o turismo está sendo desenvolvido no parracho.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

4 -Relação do turismo com a economia local

4.1 - Quantas pessoas moram com você? _____

4.2 - Quantas trabalham? _____

4.3 - Alguém de sua família desenvolve algum trabalho relacionado ao turismo? 4.3.1 - () Sim - 4.3.2 - () Não n° _____

4.4 - Se sim, qual a função desenvolvida? _____

4.5 - Antes de trabalhar com turismo o que você/esta pessoa fazia? _____

4.6 - Qual a média salarial da (s) pessoa (s) que trabalha (m) com o turismo? _____

4.7 - A renda da família é proveniente de onde?

4.7.1 - () Trabalho agrícola

4.7.6 - () Pesca

4.7.2 - () Trabalho não agrícola (artesanato, faxina, lavagem de roupa, bordado, etc)

4.7.7 - () Comércio

4.7.8 - () Turismo

4.7.3 - () Aposentadoria

4.7.9 - () Setor público

4.7.4 - () Bolsa família

4.7.10 - () Outro _____

4.7.5 - () Progr. de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI

4.7 - Qual fonte de renda é a mais importante para sua família? _____

4.8 - Você acha que a atividade econômica mais importante de Maracajaú é: _____

4.9 - Por quê? _____



5 - Participação na tomada de decisões/relação com a administração do local

5.1 - Quem você acha que toma as decisões sobre o que deve e o que não deve ser feito no parracho? _____

5.2 - Por que esta pessoa/instituição? _____

5.3 - Você acha que a opinião da comunidade é levada em consideração nas tomadas de decisões sobre o parracho?

5.2.1 - () Sim 5.2.2 - () Não

5.4 - Quem você acha que toma as decisões sobre o turismo em Maracajaú? _____

5.5 - Você acha que o parracho está sendo destruído/danificado? 5.4.1 - () Sim 5.4.2 - () Não

5.6 - Se sim, o que causa essa destruição/degradação? _____

5.7 - Você já foi a alguma reunião que tratava sobre o parracho? 5.4.1 - () Sim 5.4.2 - () Não

5.8 - Quantas vezes você foi? _____

5.9 - Quem organizou a reunião? _____

5.10 - O que você achou da reunião? _____

5.11 - Você fez/faz alguma coisa para que sua opinião seja levada em consideração pelas pessoas que você considera como os tomadores de decisão sobre o parracho? _____

5.12 - O que você pensa sobre os empresários de turismo? _____

6 - Caracterização da amostra

6.1 - Sexo: 6.1.1 - () M 6.1.2 - () F 6.2 - Idade: _____ Anos

6.3 - Estado Civil: 6.3.1 - () Solteiro 6.3.2 - () Casado/junto
6.3.3 - () Separado/desquitado 6.3.4 - () Viúvo

6.4 - Grau de Instrução: 6.4.1 - () 1º Grau incompleto 6.4.4 - () 2º Grau completo
6.4.2 - () 1º Grau completo 6.4.5 - () Superior incompleto
6.4.3 - () 2º Grau incompleto 6.4.6 - () Superior completo

6.5 - Profissão/Ocupação: _____

6.6 - Renda Familiar Mensal: _____

6.7 - Religião: 6.7.1 - () Católica 6.7.4 - () Sem Religião
6.7.2 - () Protestante 6.7.5 - () Outra
6.7.3 - () Espírita

7 - Sugestão/opinião (anotar no verso)



APÊNDICE G – Instruções Para a Abordagem dos Turistas nas Empresas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – PRODEMA

INSTRUÇÕES PARA A ABORDAGEM DOS TURISTAS NAS EMPRESAS

- a) O turista **já sabe** sobre a pesquisa e **quer responder** o questionário
- 1° – Cumprimente o turista.
Bom dia!
 - 2° – Pergunte se ele já foi informado a respeito da pesquisa sobre a conservação do Parracho.
O senhor (a) foi informado a respeito da pesquisa que estamos fazendo sobre a conservação do Parracho?
 - 3° – Se sim, pergunte se ele pode responder um questionário.
O senhor (a) poderia responder um questionário?
 - 4° – Se, sim.
Entregue lhe o questionário e a caneta.
 - 5° – Afaste-se um pouco, mas não muito, ele pode precisar de sua ajuda (Enquanto isso, se possível, aborde outra pessoa).
 - 6° – Assim que o turista terminar de responder o questionário, recolha-o o mais rápido possível (**para não ocupá-lo por muito tempo**) juntamente com a CANETA e agradeça.
Muito obrigada (o) pela sua colaboração. Tenha um bom dia!
- b) O turista já **não sabe** sobre a pesquisa **mas quer responder** o questionário
- 1° – Cumprimente o turista.
Bom dia!
 - 2° – Pergunte se ele já foi informado a respeito da pesquisa sobre a conservação do Parracho.
O senhor (a) foi informado a respeito da pesquisa que estamos fazendo sobre a conservação do Parracho?
 - 3° – Se o turista não tiver sido informado sobre a pesquisa diga lhe rapidamente de que se trata a mesma.
Estão sendo feitas pesquisas que têm por objetivo a conservação do Parracho de Maracajaú estão sendo feitas, estamos fazendo uma pesquisa sobre o turismo. A participação dos turistas é fundamental.
 - 4° – Daqui em diante siga as orientações do item a.
- c) O turista **já sabe** sobre a pesquisa e **não quer responder** o questionário
- 1° – Cumprimente o turista.
Bom dia!
 - 2° – Pergunte se ele já foi informado a respeito da pesquisa sobre a conservação do Parracho.
O senhor (a) foi informado a respeito da pesquisa que estamos fazendo sobre a conservação do Parracho?
 - 3° – Se sim, pergunte se ele pode responder um questionário.
O senhor (a) poderia responder um questionário?
 - 4° – Se não, diga:
Tudo bem, desculpe-me pelo incômodo. Muito obrigada (o) pela sua atenção. Tenha um bom dia!
- d) O turista já **não sabe** sobre a pesquisa e **não quer responder** o questionário
- 1° – Cumprimente o turista.
Bom dia!
 - 2° – Pergunte se ele já foi informado a respeito da pesquisa sobre a conservação do Parracho.
O senhor (a) foi informado a respeito da pesquisa que estamos fazendo sobre a conservação do Parracho?
 - 3° – Se o turista não tiver sido informado sobre a pesquisa diga lhe rapidamente de que se trata a mesma.
Estão sendo feitas pesquisas que têm por objetivo a conservação do Parracho de Maracajaú estão sendo feitas, estamos fazendo uma pesquisa sobre o turismo. A participação dos turistas é fundamental.
 - 4° – Se não, diga:
Tudo bem, desculpe-me pelo incômodo. Muito obrigada (o) pela sua atenção. Tenha um bom dia!



ANEXOS



ANEXO A – Normas de Formatação de Artigo da Revista Caderno Virtual de Turismo

Submissões Online

Diretrizes para o autor

Os textos precisam seguir as normas editoriais da revista:

1. Todas as obras citadas no texto devem entrar nas Referências bibliográficas, que, por sua vez, não devem conter nenhuma obra que não tenha sido citada no texto.
2. As notas deverão ser de natureza substantiva, restringindo-se a comentários adicionais ao texto. Referências bibliográficas, quando necessárias, deverão aparecer no próprio texto, com a menção do último sobrenome do autor, acompanhado do ano da publicação e do número da página, caso pertinente (Urry, 1996, p.18).
3. Quando houver mais de uma referência, na mesma citação, separá-las por ponto-e-vírgula (Wearing e Neil, 2001; Irving et al., 2005). Até três autores podem ser os três citados nominalmente, a partir de quatro, grafar apenas um autor seguido de et al.
4. Ao final dos ensaios e artigos, as referências bibliográficas devem ser listadas em ordem alfabética, de acordo com os seguintes exemplos:

Livros

URRY, J., O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel SESC. 1996.

WEARING, S.; NEIL, J. Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades. São Paulo: Manole, 2001.

Capítulos de livros

RODRIGUES, A. B. Percalços do planejamento Turístico. In: RODRIGUES, A. B. Turismo e Geografia. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001. p.164-194.

Teses

ROCHA, S. S. O turismo na Prainha do Canto Verde (CE): comunidade e sustentabilidade. Tese de M.Sc., COPPE/UFRJ., Rio de Janeiro: Brasil, 2003.

Artigo

BECKER, B. Conferência: Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil. Caderno Virtual de Turismo, v.1, n.1, p.01-07, Julho, 2001.

Artigos em Jornais e Revistas não-especializados

Com autor

Diretrizes para submissão (Todos os itens obrigatórios)

- A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; não sendo o caso, justificar em "Comentários ao Editor".
- Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, RTF ou WordPerfect.
- Todos os endereços "URL" no texto (ex.: <http://pkp.ubc.ca>) estão ativos.
- O texto está em espaçamento 1,5; usa uma fonte de 12-pontos; emprega *italico* ao invés de sublinhar (exceto em endereços URL); com figuras e tabelas inseridas no texto, e não em seu final.
- O artigo deve conter Resumo e Palavras-chave em Português e Inglês.

CLEMENTE, I.; NEVES, M.L. Na base da trapaça, Revista Época, p.56-58, 22 out. 2007.

Sem autor

CARTA CAPITAL. Fim da era Ford, 18 mai. 2005.

Fontes on-line

CARVALHO, M.S.; CRUZ, O.G. Mortalidade por causas externas: análise exploratória espacial, Região Sudeste do Brasil. XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, p.3153-3165, 1998. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a254.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2007.

Leis, decretos, portarias etc.

RASIL, Decreto-Lei nº 2.423, 7 de abril de 1988. Estabelece critérios para pagamento de gratificações e vantagens pecuniárias aos titulares de cargos e empregos da Administração Federal direta e autárquica e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, v.126, n.66, p.6009, 8 abr., 1988. Seção 1, PT.1.

Artigos ou teses não-publicados

A Revista aceita a citação de obras não-publicadas, a critério do autor, desde que mencionado o fato nas referências.



ANEXO B – Normas de Formatação de Artigo da Revista Tourism Management

Guide for Authors

Submission of Papers

From 1st October 2005, all manuscripts should be submitted electronically through the Elsevier Editorial System (EES) which can be accessed at <http://ees.elsevier.com/jtma>. The system will automatically convert your source files (which should preferably be in an editable format such as word) to a single Adobe Acrobat PDF version of the article, which will be used during the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF at submission for the review process, these source files will be needed for further processing after acceptance. If you are not able to submit your paper to JTMA electronically please contact the Editor Chris Ryan at caryan@waikato.ac.nz for further instructions.

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the Publisher. The Editors reserve the right to edit or otherwise alter all contributions, but authors will receive proofs for approval before publication.

Upon acceptance of an article, authors will be asked to sign a 'Journal Publishing Agreement?' (for more information on this and copyright see <http://www.elsevier.com/copyright>). Acceptance of the agreement will ensure the widest possible dissemination of information. An e-mail (or letter) will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement?' form or a link to the online version of this agreement. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: contact Elsevier's Rights Department, Oxford, UK: phone (+44) 1865 843830, fax (+44) 1865 853333, e-mail permissions@elsevier.com. Requests may also be completed online via the Elsevier homepage (<http://www.elsevier.com/locate/permissions>).

Preparation of text

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Italics are not to be used for expressions of Latin origin, for example, *in vivo*, *et al.*, *per se*. Use decimal points (not commas); use a space for thousands (10 000 and above).

Double spacing and wide (3 cm) margins should be used. (Avoid full justification, i.e., do not use a constant right-hand margin.) Ensure that each new paragraph is clearly indicated.

Provide the following data on the title page (in the order given).

Title. Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

Author names and affiliations. Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name, and, if available, the e-mail address of each author.

Corresponding author. Clearly indicate who is willing to handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. Ensure that telephone and fax numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address.

Present/permanent address. If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract. A concise and factual abstract is required (maximum length 150 words). The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separate from the article, so it must be able to stand alone. References should therefore be avoided, but if essential, they must be cited in full, without reference to the reference list.

Keywords. Immediately after the abstract, provide a maximum of 8 keywords, avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible.

Arrangement of the article

Subdivision of the article. Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text.' Any subsection, ideally, should not be more than 600 words. Authors are urged to write as concisely as possible, but not at the expense of clarity.

Figure legends, figures, schemes. Present these, in this order, at the end of the article. They are described in more detail below. High-resolution graphics files must always be provided separate from the main text file (see Preparation of illustrations). Tables. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text. Place footnotes to tables below the table body and indicate them with superscript lowercase letters. Avoid vertical rules. Be sparing in



the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.

References

Responsibility for the accuracy of bibliographic citations lies entirely with the authors.

Citations in the text: Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications should not be in the reference list, but may be mentioned in the text. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Citing and listing of web references: As a minimum, the full URL should be given. Any further information, if known (author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

Text: Citations in the text should follow the referencing style used by the American Psychological Association. You are referred to the Publication Manual of the American Psychological Association, Fifth Edition, ISBN 1-55798-790-4, copies of which may be ordered from <http://www.apa.org/books/4200061.html> or APA Order Dept., P.O.B. 2710, Hyattsville, MD 20784, USA or APA, 3 Henrietta Street, London, WC3E 8LU, UK. Details concerning this referencing style can also be found at <http://humanities.byu.edu/linguistics/Henrichsen/APA/APA01.html>.

List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters "a", "b", "c", etc., placed after the year of publication.

Examples:

Reference to a journal publication:

Van der Geer, J., Hanraads, J. A. J., & Lupton R. A. (2000). The art of writing a scientific article. *Journal of Scientific Communications*, 163, 51-59.

Reference to a book:

Strunk, W., Jr., & White, E. B. (1979). *The elements of style*. (3rd ed.). New York: Macmillan, (Chapter 4).

Reference to a chapter in an edited book:

Mettam, G. R., & Adams, L. B. (1994). How to prepare an electronic version of your article. In B. S. Jones, & R. Z. Smith (Eds.), *Introduction to the electronic age* (pp. 281-304). New York: E-Publishing Inc.

Preparation of Artwork

Number figures consecutively with Arabic numerals. A detailed guide on electronic artwork is available on our website: <http://www.elsevier.com/artworkinstructions>.

When uploading your files, please do not use PDFs as source files for illustrations as these are large and slow down the journal site, which inconveniences users. Please use standard drawing programs for line figures (e.g., Adobe etc.). Please save all illustrations, including scanned photographs, micrographs and plates, in a simple file format such as Jpeg. The site will build all of your source files into a PDF. Please also remember to approve the PDF promptly.

Color figures in the printed issue can be accepted only if the authors defray the full cost. However, if together with your accepted article, you submit usable color figures, then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether these illustrations are reproduced in color in the printed version.

For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article. Please note: Because of technical complications that can arise in converting color figures to "gray scale" (for the printed version should you not opt for color in print), please submit in addition usable black-and-white files corresponding to all the color illustrations.

Captions. Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (not on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Tables should be numbered consecutively with Arabic numerals in order of appearance in the text. Type each table double-spaced on a separate page with a short descriptive title typed directly above and with essential footnotes below.

